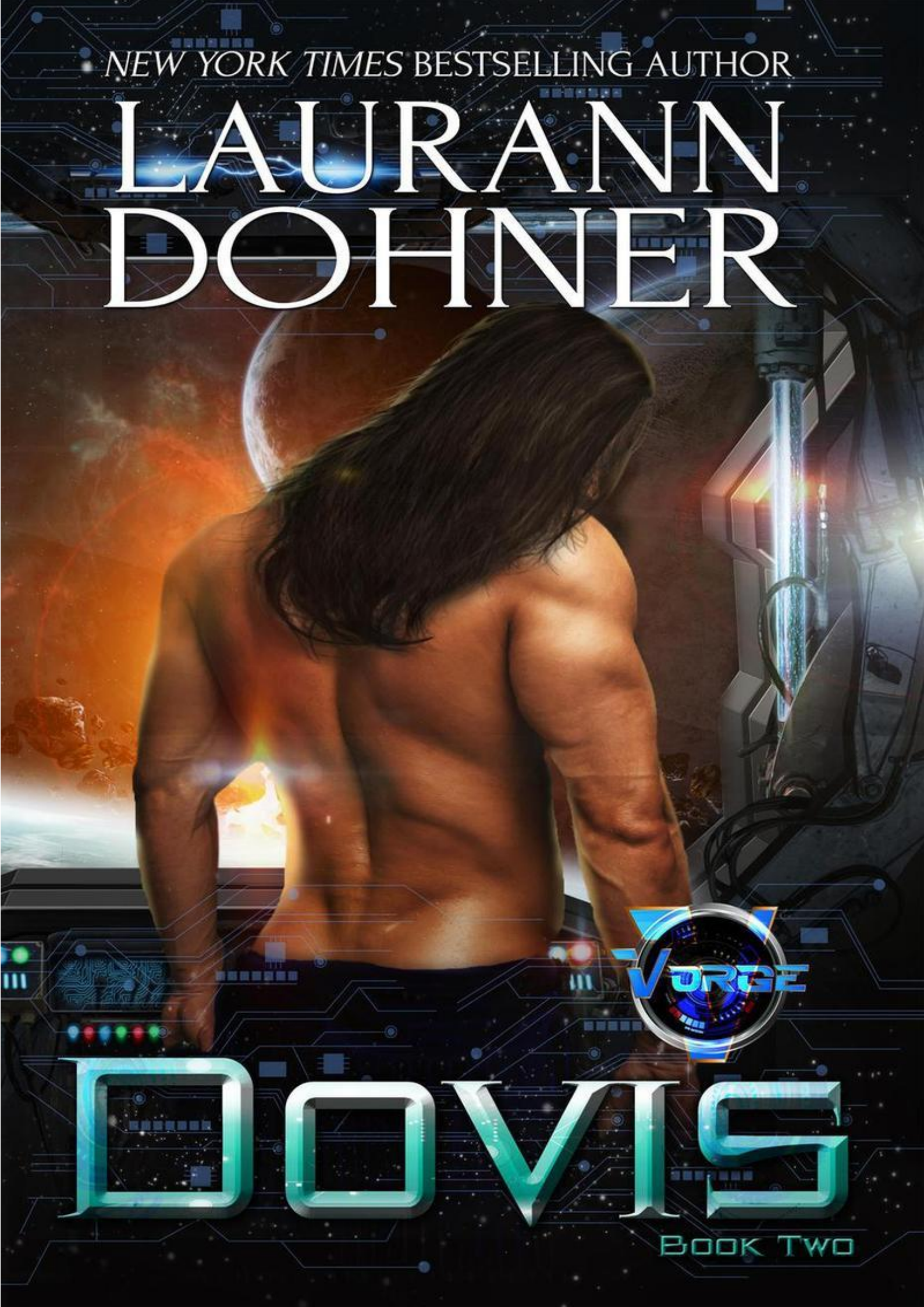

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAURANN DOHNER
VORGE
DOVIS
Book Two





AVISO I

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.





AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



STAFF

TRADUÇÃO MECÂNICA: MIH

TRADUÇÃO: SILVIA H.

PRIMEIRA REVISÃO: BEC DEVERAUX

SEGUNDA REVISÃO: ANTON BRAC

LEITURA FINAL: CLÁUDIA C.

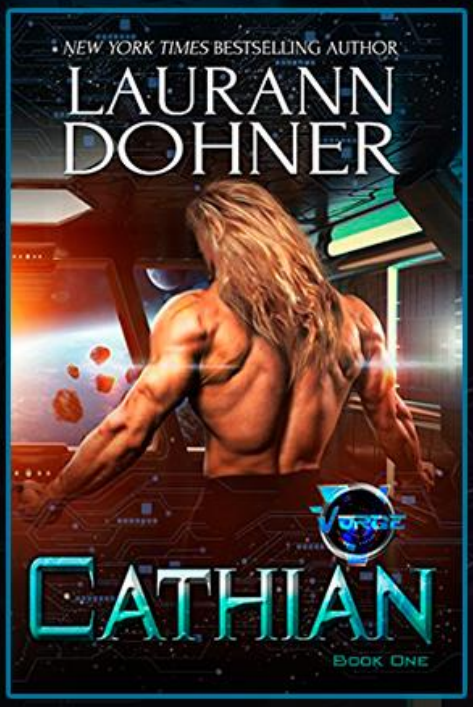
FORMATAÇÃO: BEC DEVERAUX MONTEIRO

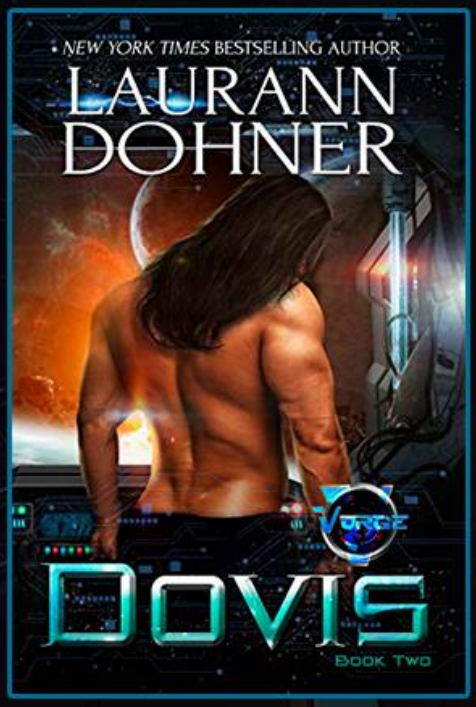


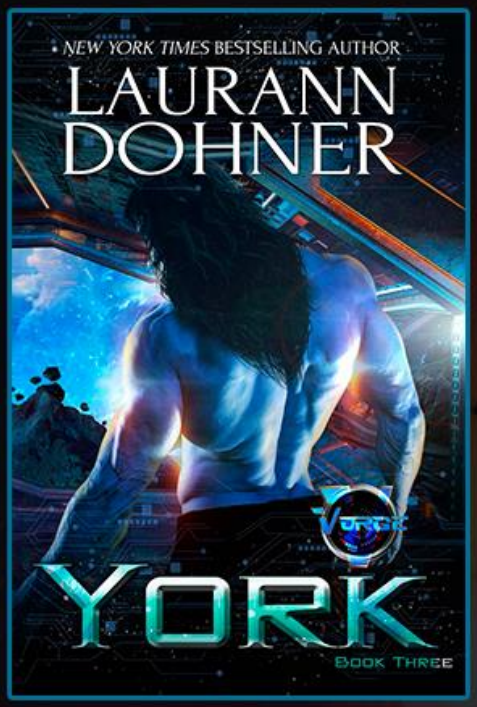
SUMARIO

Sinopse 5
Capítulo 1 9
Capítulo 2 25
Capítulo 3 48
Capítulo 4 66
Capítulo 5 85
Capítulo 6 103
Capítulo 7 118
Capítulo 8 136
Capítulo 9 158
Capítulo 10 173

SÉRIE







VORGE

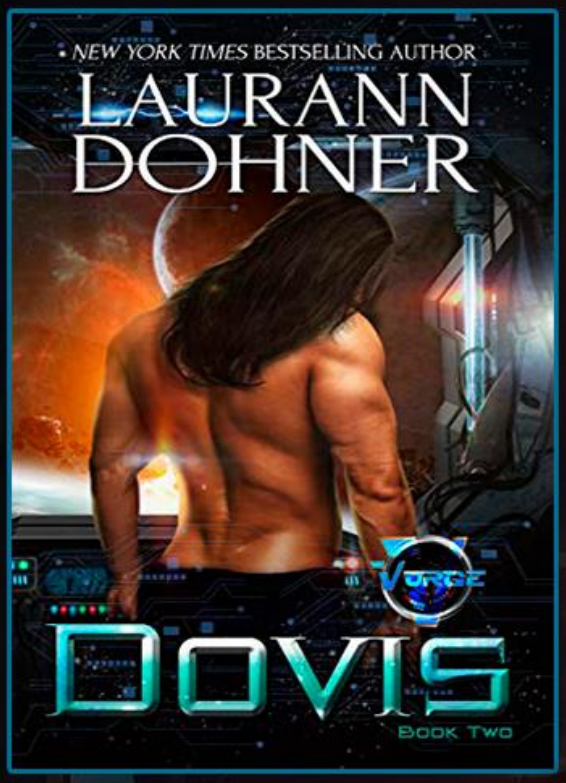
PEGASUS Lançamentos

Shifter's Homeland

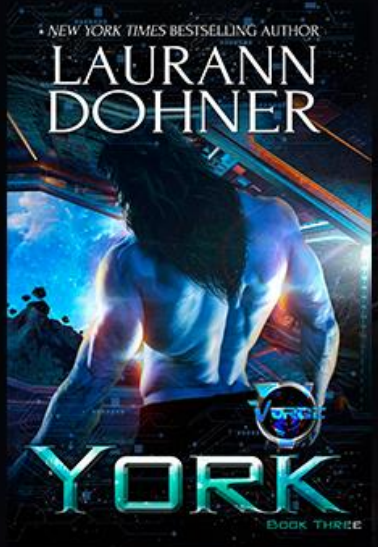


SÉRIE

LANÇAMENTO



PRÓXIMO



VORGE

PEGASUS Lançamentos

Shifter's Homeland

SINOPSE

Vendida como escrava quando criança, Mari foi criada em uma estação de consertos de naves, enquanto crescia queria se tornar uma engenheira altamente valorizada. Então fica surpresa quando seu dono não apenas lhe dá sua liberdade, mas também encontra um emprego a bordo da nave The Vorge. Ela está determinada a impressionar seu novo Capitão e seus colegas de tripulação. É a única maneira de ser livre, a salvo das mãos de outros traficantes de escravos. Mas parece que não há como impressionar Dovis, o Chefe de Segurança da nave. Ele é enorme, peludo, assustador e parece odiar os humanos.

Dovis acha o ser humano fraco e irritante na maioria das vezes. Eles não precisam de outro a bordo da The Vorge. Especialmente uma mulher que trabalha duro o suficiente para fazer todos os outros parecerem preguiçosos. Ele quer que Mari vá embora, até que a conhece melhor. A minúscula humana é doce, tímida... linda. Agora, Dovis realmente quer ela longe dali. Não está feliz com a atração pela humana. Especialmente quando não tem certeza de que o sentimento dela é verdadeiro... ou um acidente que ele mesmo criou.



Capítulo 1

Era difícil ser um alienígena. O fato de Mari ser humana tornava dez vezes mais difícil. Ninguém da Terra causou boa impressão depois que foram levados para o espaço. Muitos se tornaram ladrões ou traficantes de escravos. Não culpava a maioria das raças por sua desconfiança. Sua própria família a vendeu aos dez anos por dinheiro.

Que tipo de pessoa faz isso?

Não as boas.

Mari foi uma das crianças vendidas mais sortudas no que diz respeito a escravidão até aqui. Foi comprada por uma família Teki que administrava uma estação de reparos de naves. Eles a ensinaram a consertar tudo que podia voar no espaço. Sua pequena estatura e sua rápida capacidade de aprendizagem eram valiosas, merecendo respeito.

Isso significava proteção contra os perigos, já que era valorizada. A raça Teki via os humanos como abominações, porque só tinham dois braços e não tinham tentáculos. Alguns de seus clientes não concordavam e frequentemente tentavam tocá-la. Eram terrivelmente desencorajados por seus donos. Os Tekis protegiam Mari com força letal quando necessário.

Liberdade não era uma palavra que ousava sussurrar. Isso fazia com que os escravos fossem mortos ou punidos mais rapidamente do que se

recusassem a fazer o que era ordenado. E Mari sempre fazia o que mandavam.

Por isso sentiu medo quando K'pa a chamou em seu escritório depois que seu turno terminou. Ele era o atual chefe da família e administrava a estação. Nunca pressentia algo bom quando o alienígena que segurava sua vida em seus tentáculos queria um encontro cara a cara.

Todos os seis de seus olhos a encaravam enquanto suas duas bocas se curvavam para cima no que parecia ser sorrisos. — Você terminou aqui.

O pânico e o medo se instalaram imediatamente. Ela se esforçou para pensar em como estragou tudo. O reajuste do motor que acabou de arrumar estava funcionando perfeitamente. Estava um dia adiantado.

— Por favor, não me mande embora em uma eclusa de ar! Sinto muito pelo que fiz. Vou me esforçar mais. — Estava pronta para cair de joelhos para implorar por sua vida.

Ele bufou, o que foi como uma risada de um Teki. — Você nos fez ganhar muito dinheiro, Mari. Finalmente tenho idade suficiente para uma companheira e ter meus próprios filhos. — Inclinou-se para frente, quatro dos seus tentáculos descansando em sua mesa. — P'ski assumirá.

Um tremor percorreu sua espinha. Era o irmão mais novo de K'pa. Qualquer pequeno erro fazia com que ele perdesse a paciência. Também achava que os trabalhadores eram tratados muito bem e se gabava que faria muitas mudanças quando chegasse o dia de dirigir a estação de reparos. Algumas dessas mudanças incluíam mais horas e menos refeições fornecidas

a cada dia. Também se queixava de que os trabalhadores se vestiam muito bem para escravos. Ameaçou fazê-los andar nus para economizar créditos.

K'pa se recostou na cadeira. — Você é livre, Mari. Meu presente pelo excelente serviço e a fortuna que me ajudou a fazer ao longo dos anos. Economizei bem para minha aposentadoria familiar. Ninguém é melhor mecânico do que você. — Ele bufou novamente. — Além disso, é uma questão de honra. Com você fora da estação, os reparos provavelmente ficarão mais devagar. — O conjunto duplo de lábios se curvou para cima novamente. — P'ski acha que pode fazer melhor do que eu administrando nossos negócios. Não permitirei isso.

Surpresa a deixou muda enquanto ficava ali tentando processar tudo o que dizia.

— Há uma nave atualmente em reparos que tem outra humana a bordo. O Capitão Cathian Vellar é um Embaixador do planeta tryleskiano. Eles abominam a escravidão e tratam outras raças com respeito. Queria encontrar uma boa casa para você. — Ele usou um tentáculo para abrir uma gaveta e retirar um cartão de dados empurrando-o em sua direção.

Aceitou e olhou para baixo rapidamente. Sua imagem foi replicada no cartão, algum tipo de identificação.

— Negociei um bom salário e condições de vida para você na nave dele. Ele prometeu protegê-la contra todos os tipos de perigos. Eu sei que às vezes tem medo de outras pessoas, já que tivemos problemas com os clientes ao longo dos anos quando a viam. Você é pateticamente fraca, com sua falta de garras e seu tamanho insignificante. O Capitão a espera quando sair do meu

escritório. Vá direto para a nave dele no portão três. Deve se reportar diretamente a ele. Esse cartão era o seu passe para a liberdade.

— Obrigada. — Era aterrorizante deixar um lugar familiar para algo novo, mas P'ski a assustava mais. Trabalhar para ele se tornaria um pesadelo.

— Você nunca me causou nenhum problema, Mari. Nunca tentou escapar. Foi a melhor escrava que já comprei.

Ela não tinha para onde ir e era inteligente o suficiente para ficar onde estava protegida. Até mesmo os trabalhadores de reparos ouviram os rumores sussurrados de quão ruim poderia ser fora da estação para quem viaja sozinho. Os escravos podiam ser capturados e acabar em circunstâncias muito piores. Os Teki alimentavam seus trabalhadores três vezes ao dia, davam acesso a assistência médica se ficasse ferido e novas roupas todos os anos. Eles poderiam ficar trancados em seus quartos depois de um turno, mas tinham quartos limpos e solitários, o que os mantinha seguros. Ninguém poderia molestá-los ou roubá-los.

— Obrigada. — Inclinou a cabeça segurando o cartão em sua mão.

— Não a venderia se fosse minha escrava pessoal. — Disse K'pa. — Para uma humana, você é inteligente. Seus pais não foram. Eu deixei claro ao Capitão Vellar qual seu valor, apesar de sua aparência. O quão duro você trabalha e quão dedicada é. Ele é inteligente e a tratará bem. Deixe-me orgulhoso novamente.

A porta atrás dela se abriu e ela virou, o coração batendo forte. Era o assistente do K'pa. O alienígena segurava uma grande maleta de ferramentas. — Eu coloquei os pertences pessoais dela dentro, mestre.

— Acompanhe ela até o portão três, Ri. E se alguém perguntar, está consertando alguma coisa. Meu irmão está paranoico que eu faria algo dessa magnitude, e está certo. — Ele bufou. — Garanta que chegue lá imediatamente. Você será punido se ela não sair naquela nave.

— Sim, mestre. — O assistente, um alienígena de pele azul com três pernas, fixou os olhos lacrimejantes nela. — Vamos, humana.

Ela virou-se para K'pa novamente. — Não posso agradecer o suficiente. Boa sorte em encontrar uma companheira fértil e espero que você tenha muitos filhos saudáveis. Nunca o esquecerei.

Ela virou antes que ele pudesse mudar de ideia e saiu correndo pela porta atrás do assistente. O estojo de ferramentas deveria ter algumas roupas. Ela ficou perto do alienígena azul quando saíram do escritório e se misturaram com os visitantes da estação de reparos. Muitos alienígenas pararam de falar enquanto passavam e podia sentir seus olhares. Mari manteve o queixo para baixo e seu olhar se fixou nas costas do assistente.

Eles chegaram ao portão três sem serem parados. Ri a levou para uma entrada segurando o estojo.

— Este é a *The Vorge*. Passe o cartão. Você já foi contratada. Permite o acesso.

— Obrigada. — Ela pegou o cartão segurando-o com a mão livre.

Ri bloqueou o seu caminho para o scanner e ela olhou para cima.

— Posso lhe dar um conselho?

— Gostaria muito.

— Trabalhe duro, não converse demais e fique fora do caminho. Os melhores trabalhadores são aqueles que não são vistos, mas fazem seu trabalho com eficiência. Sou assistente há trinta e dois anos e considerado o melhor.

— Eu me lembrarei. — Sentiu que era um bom conselho.

Ele saiu do caminho. — Entre.

Escaneou o cartão. As portas da nave se abriram e ela correu para dentro. Elas se fecharam em suas costas e ela olhou ao redor à procura de qualquer tripulação por que não conhecia o lugar. Nem sequer conseguiu vislumbrar qual o tipo de nave era por causa de onde estava atracada. O portão três era para grandes embarcações, no entanto. — Olá? Computador?

— Ativado, Mecânica Mari. Como posso ajudá-la?

O computador já a conhecia. Sorriu. — Por favor, informe ao Capitão Vellar que estou a bordo e esperarei aqui até que ele esteja pronto para me ver.

Um momento depois, as luzes ao longo do chão foram ativadas. — Por favor siga. Fui instruído a mostrar seu quarto. O Capitão está ocupado no momento.

— Obrigada. — Ficou impressionada com o sistema de iluminação enquanto passava por alguns corredores até um elevador. Entrou quando as portas abriram e a levou dois níveis abaixo. Eram seis ao todo, e era de sua competência manter tudo em todos os níveis funcionando. Parecia um trabalho impressionante sem uma equipe. Ela teria uma equipe? Não sabia.

— Uma coisa de cada vez. — Sussurrou.

As portas se abriram, e se assustou quando um trio de aliens redondos parou na frente do elevador. Nunca viu sua espécie antes, mas forçou um sorriso. — Olá. Sou a nova mecânica. Meu nome é Mari.

— Somos conhecidos como Pods. É o que somos. Falar com um é falar com todos nós. Também devemos informar que lemos mentes. Alguns alienígenas acham isso perturbador. Atualmente, você está com um pouco de medo, confusa e preocupada. Não há razão para isso. O Capitão Vellar é um chefe maravilhoso. Estamos aqui para mostrar seu quarto e responder suas perguntas. O Capitão e sua companheira estão transando.

— Mais uma vez. — Outro dos Pods murmurou.

O terceiro riu. — Um Capitão feliz significa o mesmo para nós.

O primeiro Pod bufou. — Isso não está correto ou estaríamos assistindo a entretenimento em vez de instalar a nova mecânica em seu quarto.

Mordeu o lábio preparada para dizer que o computador poderia fazer isso e que eles não deveriam se incomodar com ela.

— Você é tripulante. — Afirmou o primeiro. — O computador não é. O Capitão Vellar aprecia um toque pessoal.

Imediatamente se lembrou de que os alienígenas podiam ler mentes. Isso seria difícil de se conviver. E se pegassem pensamentos que não queria compartilhar? Era importante que a tripulação gostasse dela.

— Não vamos dizer aos outros o que você está pensando. Isso seria considerado rude e nós gostamos da paz.

— Paz? — Tentou descobrir o que queriam dizer.

— Irritar outro tripulante significa que ficamos sem paz. Seus pensamentos nos bombardeiam com sua fúria. — Declarou um deles. — Qualquer mente que se concentra em nós envia seus pensamentos, se estamos procurando por eles ou não.

— Se algum dia estiver em perigo, pense intensamente em nós. — Acrescentou outro. — Nós ouviremos você.

O terceiro balançou um pouco. — Não gostamos de causar raiva em nossos colegas de equipe. Nara ainda chama Dovis de lobisomem em sua cabeça. Ele ficaria irritado se soubesse. Nunca contamos a ele.

— Você acabou de falar. — O segundo acusou. — Deixe o Um falar. Ele é o melhor nisso.

Mari olhou para eles. — Vocês são numerados?

O da direita respondeu. — Sou o Um. Eu falo a maior parte do tempo porque o Dois tem uma boca grande e ele tende a ser rabugento. Três acha que tudo é engraçado e conta piadas sem graça.

Sorriu gostando que pudessem parecer idênticos, mas com personalidades muito diferentes.

— Ela é esperta. — Gritou o do meio. — Eu também gosto de você, Mari. Está bem para uma escrava libertada recentemente. Nos preocupamos que estivesse maltratada e ferida emocionalmente.

— Eu gostei que ela não nos comparou a *Humpty Dumpty*. — O último riu.

Ela ficou confusa. — Quem ou o que é isso?

Um respondeu. — Não estou lendo que você está nos comparando com lembranças de livros de histórias infantis em sua mente. Você é diferente de Nara. Ela é a outra humana da Terra a bordo da *The Vorge*, é a companheira do Capitão. Venha conosco, Mari. Acho que gostará do seu quarto. Eles são muito melhores do que os que você tinha.

— Pode ver onde eu vivia em minha mente? — Ficaria impressionada se pudessem.

— Lemos pensamentos. Não podemos ver imagens. Você está esperando por uma cama maior e pensando em quão desconfortável a estreita cama era em seu quarto antigo. Também precisava dividir um banheiro com duas equipes de tripulação. — Siga-nos. Tem um quarto só seu aqui. Não é necessário compartilhar o banheiro.

Eram fofos, com seus corpos brancos arredondados, mas temia que caíssem com aquelas pernas curtas e minúsculas. Apenas chegavam até a cintura.

Os três riram. — Ela nos acha fofos!

Merda. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. — Um, parecia divertido. — Você se acostumará a nós e já gostamos de você.

Eles a levaram até uma porta que abriu automaticamente. Seu novo quarto era muito bom. Ficou de boca aberta pelo tamanho generoso. Tinha móveis em uma sala de estar com um quarto aberto atrás. Havia portas que podia deslizar para separar o espaço. Nos fundos, havia um armário e um banheiro só dela.

— Ela gostou. — Anunciou Um. — Tem pelo menos quinze vezes o tamanho do seu antigo quarto. Você sabe como usar o replicador de alimentos?

Entrou no espaço e encontrou o dispositivo inserido na parede. — Sim. Trabalhei em muitos desses modelos os atualizando.

— Ela nunca comeu de um. — Afirmou Dois. — Está se perguntando se a qualidade dos alimentos é melhor. Sim, Mari.

Sorriu para eles. — Obrigada. Eu tenho algumas perguntas.

— Você não tem uma equipe. É apenas você. Claro, o Capitão espera que peça ajuda, se necessário. Dovis é aquele com quem falará. Ele é chefe da

segurança, mas também é o nosso mecânico. — Um deles chegou mais perto.

— Ele não é bom nisso. — Dois bufou. — E fica irritado.

— Muito. — Três riu. — Nós aprendemos muitos palavrões com ele.

Um suspirou. — Ela quer explorar seu quarto e a nave. O computador dará a você a planta da nave e uma lista de reparos que precisam ser feitos. Acredito que todas as peças foram encomendadas. A maioria são pequenos reparos que Dovis se recusou a fazer. Pode começar amanhã às seis.

— Obrigada. — Mari já estava animada para começar.

O trio a deixou sozinha e as portas se fecharam. Ela olhou maravilhada para o lindo quarto e sorriu. Estava livre e agora tinha uma nova equipe, que esperava gostar. — Computador, pode me mostrar um projeto detalhado da nave?

A parede se iluminou e ela aproximou-se. Era seu trabalho conhecer cada centímetro da grande nave e mantê-la funcionando. *The Vorge* era seu novo lar e gostava de um bom desafio.



Dovis rosnou socando o saco. O computador acabou de notificá-lo que o novo membro da tripulação embarcou. Provavelmente deveria se encontrar

com a humana, mas não tinha vontade de fazê-lo. Cathian desconsiderou completamente seus desejos.

Ele se perguntou se essa Mari seria tão irritante quanto Nara. Ela sempre fazia piadas sobre jogar uma bola para ele. Sabia que na Terra tinham cachorros. Até fez sua pesquisa, encontrou um holograma de como era e compreendeu a comparação. Ainda era um insulto.

Bateu no saco com mais força com os punhos.

York entrou na sala de treinamento e deu-lhe um aceno de cabeça. — Você ouviu? A nova mecânica chegou.

— Eu fui informado.

— Acha que ela faria sexo com um Parri?

Ele olhou para o amigo. — Nara diz que você parece o filho de um vampiro azul e com o Hulk falsificado. O que você acha? Já pesquisou sobre eles?

York rosnou revelando seus dentes, incluindo os dois dentes longos. — Incrível. Não falsificado. É uma criatura grande. Suponho que ela me comparou a um vampiro azul por causa da minha coloração.

— Isso é Nara. Ela acha que é engraçada.

Seu amigo se aproximou. — Cathian acasalou com ela. Isso significa que os humanos são sexualmente compatíveis. Não posso ignorar isso. Você viu os trabalhadores do bordel nas últimas quatro estações que visitamos. Eu quero transar.

— E quanto a Marrow? Você estava fazendo sexo com ela.

York suspirou, os ombros caíram. — Está decidida a encontrar um companheiro, agora que o Capitão tem uma. Não sou o único para ela. Ela tem inveja de quão felizes esses dois estão. Descobriu que Nara não teve relações sexuais em mais de um ano e acha que é o que poderia ter feito dela uma possível companheira. Convenceu-se a ficar celibatária.

— Cathian estava no cio e a tripulação jogou Nara em seu quarto. Duvido que ele se importasse com quanto tempo se passou desde que outro homem a tocou e ela não teve escolha.

— Diga isso para Marrow. Tentei, mas ela está convencida do contrário. Não quer me tocar, não desde que Cathian se acasalou. Eu sinto muita falta de sexo, é deprimente.

— As mulheres Teki não fizeram isso por você na estação? — Dovis sorriu.

— Eu poderia passar pelos tentáculos, mas as duas bocas me assustaram. Qual delas você deveria beijar?

— Você beija as mulheres dos bordéis? — Dovis bufou uma risada. — Bravo.

— Eu não posso ficar duro sem beijar.

— Eu não sabia disso sobre os Parri.

— Pelo menos não entramos no cio. Isso é um bônus. Yang tem dentes afiados, então a estação estava fora. Eu queria manter minha língua. Hermios

apenas fodem debaixo d'água e eu me afogaria. Bing me perturbou. Eu me recuso a me envolver em uma briga e ter que violentamente prender uma mulher apenas para deixá-la de bom humor. Para não mencionar, elas mordem e usam suas garras porque é mais quente se os machos estão sangrando. As mulheres de Glaxion olhavam para mim como uma cobaia que queriam estudar. Isso me deixou nervoso demais para considerar ficar nu com uma. Eu não faço sexo desde que Marrow visitou meu quarto antes do Capitão entrar no cio. E você?

— Eu fiz com uma Bing.

A boca de seu amigo se abriu, os olhos arregalados.

Dovis encolheu os ombros. — Eu gosto de algo agressivo. E quanto à parte de morder, apenas as inclino para manter suas bocas longe de mim.

— Nós passamos por aquela estação meses atrás.

— Estou ciente.

— Você entra no cio?

— Não é como Cathian. Eu cuido de mim mesmo. Não preciso de uma mulher para me fazer passar por isso.

York sorriu. — Você é tão flexível assim? Impressionante.

— Foda-se você. — Dovis sorriu. — Eu uso minhas mãos. Alguns dias de punheta fazem o truque e não sou forçado a ficar preso a uma mulher para sempre. É uma solução razoável.

— O que você quer dizer, preso para sempre?

— Minha espécie liga-se permanentemente a uma mulher enquanto está no cio. É um negócio feito se meu esperma entrar em uma. Mantenho meu pau longe das fêmeas durante esse tempo.

—Droga.

— É o que é.

— Espero que essa mecânica seja gostosa e alta. Seios grandes seria bom. Eu gosto de Nara, mas é pequena demais para mim. Ela jura que muitas humanas são maiores que ela. Eu quero uma dessas, mas são muito raras no espaço. Não acredito que Cathian tenha encontrado uma. — York sorriu. — E espero que ela goste da cor azul.

— O Capitão não a encontrou. Ela foi encontrada para ele. De qualquer forma, boa sorte com isso.

— Você não competirá comigo se ela for atraente?

— De jeito nenhum. As humanas são impetuosas, sinceras e irritantes. Vou passar. Ela é sua se quiser enfiar o seu pau nela.

— Bruto.

— Estou sendo sincero.

O computador apitou.

Dovis foi até a parede. — O que foi?

— O Capitão Cathian deseja partir. Você deve informar ao comando.

— Diga a ele que estarei lá em cinco minutos. Preciso tomar um banho rápido.

— Transferindo a mensagem. — O computador respondeu.

Dovis virou indo para a porta. — Até mais.

— Por que ele sempre faz você ir para o comando?

— Em caso de ataque. Às vezes as naves tentam nos seguir. Posso explodir tudo de lá. De jeito nenhum perco isso.

York riu. — Vou conhecer a humana então.

— Certo e boa sorte.

Capítulo 2

Mari mexeu os quadris e alcançou a frente cravando seus dedos na fenda e usando os pés descalços para impulsionar. Camadas de sujeira cobriam suas roupas folgadas, o tecido estava agindo como um pano de pó. Era apertado o compartimento, mas simplesmente se encaixou.

Uma grade de entrada apareceu à sua esquerda. Ela se virou para o lado e pegou a lata presa ao lado da perna da calça. O spray espumou sobre o metal, comendo a lama suja que se acumulou.

Quando terminasse de limpar todas as aberturas, a qualidade do ar na nave melhoraria. Cheiraria melhor também. Essa era uma das tarefas que Dovis provavelmente se recusou a fazer, de acordo com os registros de manutenção, a programação de limpeza já estava atrasada por alguns meses.

Observou a espuma derreter revelando um metal reluzente sem a gosma. Apenas mais cento e vinte e três. Recolocou a lata de volta na perna, comprimiu a barriga e se arrastou para frente.

Olhou rápido para o relógio que mostrava mais quatro horas antes de seu turno começar em seu primeiro dia no novo emprego. Seu nervosismo a impediu de dormir. Poderia impressionar seu novo chefe usando seu tempo livre para limpar ou irritá-lo. Estava disposta a arriscar.

Chegou na próxima grade de entrada e a pulverizou. Depois que a espuma clareou, olhou para um corredor vazio no segundo convés. Ninguém parecia estar acordado ainda. Os Pods foram a única tripulação que viu na nave até agora.

Mari usou os pés para empurrar para frente enquanto descia pela abertura. A luz automática presa à sua cabeça se acendeu quando a próxima seção não tinha grades para permitir qualquer iluminação.

Talvez Dovis não fosse um pequeno alienígena e não pudesse realizar a tarefa. Até mesmo os Pods teriam dificuldade em entrar. Podiam ser baixos, mas eram bem redondos. Ela se contorceu um pouco mais, agarrou as ranhuras na parede e puxou para frente até que a luz se apagou quando outra grade apareceu à frente.

A tubulação se alargava um pouco e a grade era maior que o restante. Foi capaz de se ajoelhar e rastejar na direção dela. Não havia tanta sujeira sobre essas barras de metal. Aproximou-se para ver o que parecia ser uma academia de ginástica. Pesos e máquinas de exercícios foram montados, juntamente com uma grande área com sofá. Ela se sentou, removeu a lata e borrifou.

Assim que prendeu a lata na coxa, um assobio barulhento soou.

Mari congelou.

—Droga. — Uma voz masculina profunda rosnou, o som seguido por um estrondo alto.

A espuma derreteu e Mari imediatamente se afastou da grande grade. Um alienígena entrou no ginásio. Ele era alto, largo e muito peludo. Duas

orelhas pontudas se projetavam dos lados de sua cabeça. Sua boca e nariz eram empurrados para fora, formando um pequeno focinho. Dentes afiados brilharam enquanto rosnava novamente e corria em direção aos pesos no canto mais distante.

Ele a lembrava de um alien que viu uma vez durante um reparo. Outra grande fera peluda com dentes afiados. As portas de uma embarcação se abriram e um pequeno animal sem pelos saiu apressado em quatro patas. A fera muito maior o capturou. Ela ficou olhando horrorizada, enquanto comia a muito menor em alguns pedaços grandes ensanguentados.

O medo a inundou. Um dos tripulantes era um comedor alienígena? Ele a veria como comida?

Seu olhar foi para suas grandes mãos. Elas estavam cobertas de pelo nas costas e quando segurou uma barra pesada, viu garras grossas e afiadas. Um arrepio percorreu sua espinha e Mari avançou mais fundo na abertura, sem querer chamar sua atenção. Ele parecia alto o suficiente para alcançar a grade perto do teto e apenas arrancá-la de lá.

Mais rosnados saíram dele enquanto bombeava os pesos para cima e para baixo em seus braços. Suas costas eram enormes e tão peludas quanto sua frente, uma sombra marrom-clara. Ele usava calça e botas, mas sem camisa. Sua forma era como um homem humano - se os humanos nascessem com pelos assim. Ele possuía duas pernas e braços, mas não viu um rabo. A outra fera que viu tinha um e não usava calça.

Estava com medo de se mexer. As aberturas tendiam a ranger com seu peso quando se arrastava sobre elas. E se ele a ouvisse e atacasse? Não queria

se tornar como aquele animal sem pelos e ser devorada. Claro, era maior. Provavelmente levaria trinta ou mais mordidas para comê-la.

Outro arrepio percorreu sua espinha, junto com mais medo daqueles pensamentos horríveis. Ela foi vendida para uma nave com uma tripulação perigosa?

A porta da academia se abriu novamente e uma mulher humana entrou. — Você dormiu, Dovis?

A grande fera rosnou.

— Quem o irritou no início da manhã?

Ele se virou, seus olhos escuros brilhando com intenção assustadora. Mari ficou tensa esperando não ver a humana ser comida. Ele deixou a barra de peso no chão com um estrondo. — Você não deveria estar com seu companheiro?

— Provavelmente. — A humana riu. — Cathian gosta de me manter na cama. Então, novamente, tinha alguma reunião de Embaixador para atender no sistema de comunicação e com as mudanças acontecendo, foi no meio do nosso ciclo de sono. Então, qual é seu problema?

— Não precisamos de outro membro na equipe.

A humana assentiu e colocou as mãos nos quadris. — Ah. É porque ela é da minha raça ou é só porque é outro corpo que você não pode bater?

Ele se aproximou mais, mas parou antes de invadir seu espaço pessoal, elevando um bom metro sobre a humana. Era muito maior, com seus braços

e peito largos. — Ambos. Cathian contratou uma escrava recém-libertada. É um risco de segurança. Nós não sabemos nada sobre essa humana. As chances de estar ressentida são grandes. Acredito que Cathian cometeu um erro ao contratá-la. Mesmo você admitiu que a maioria dos humanos não são pessoas em quem confiar. Ele não me ouvirá. Nós estávamos bem sem ela.

— Você está sendo paranoico. Humanos não são todos ruins. É besteira dizer que estávamos bem. Devo mencionar o entupimento no ralo do banheiro, porque você ignorou o meu pedido para consertá-lo? Meu companheiro perde muito cabelo. Eu sinto falta do meu banho quente, droga. O replicador de alimentos na porta só faz bebidas. Você deveria consertar ou substituí-lo. Tem sido assim por dois meses. Todos estão cansados de morrer de fome enquanto estão no turno quando esquecem de levar lanches. Ninguém mais está lamentando por Cathian finalmente contratar alguém que fará as coisas que você não fez. O problema é seu, Dovis. E de ninguém mais.

Ele rosnou parecendo ainda mais irritado.

Mari esperou que a grande fera atacasse a mulher que parecia ser tola ou louca para se envolver em uma discussão proposital com ele. Isso não aconteceu, no entanto. A fera recuou.

— Eu cuidaria desses reparos, Nara.

— Em que ano, Dovis? Esse? No próximo? Nós precisávamos de ajuda e agora a temos. — A humana de repente se aproximou e balançou um dedo para ele. — Não se esqueça do que Cathian disse. Sem tentar assustá-la para fazê-la desistir. Você não gosta de pessoas. Entendido. Isso não significa que

pode ser um problema para todos. Já perdemos nosso último engenheiro de manutenção por causa da sua péssima capacidade de convivência. Harver desistiu por sua causa. — Ela abaixou a mão para o lado. — Eu vou garantir pessoalmente à mulher que você não pode machucá-la. Colocarei em seu pescoço uma coleira de choque e um comando se voltar a fazer sua merda de sempre. Aposto que isso a faria se sentir mais segura se você decidir ser um idiota. Eu não me importo se isso significa que receberá uma dúzia de choques por dia. Ela fica!

Ele rosnou novamente.

A humana virou, marchando em direção às portas. — É sério isso.

Dovis se virou e deu um soco na parede. Ele jogou a cabeça para trás e seu focinho se abriu, soltando um uivo aterrorizante de raiva. Parecia que não gostava de ser ameaçado. Mari se encolheu, cobrindo as orelhas. Ele saiu do ginásio. Ela respirou mais facilmente quando ele se foi e se arrastou de volta para a parte mais fechada da abertura para continuar seu trabalho.

Aquele homem tornaria sua vida difícil. Só sabia disso. Realmente apertaria o botão se a humana colocasse uma coleira de choque nele? As vezes os Teki as usavam em novos escravos que compravam e que se recusavam a receber ordens. Testemunhou seu castigo, caindo no chão e sofrendo o que pareciam ser convulsões enquanto olhava chocada. Parecia extremamente desagradável e doloroso. Sentiu-se mal apenas pensando em ser responsável por fazer isso com outra pessoa.

— Não. Nunca. — Murmurou. — A menos que ele tente me comer. Então... provavelmente.

Ela borrifou a próxima grade e se arrastou. Sua lista de prioridades mudou. Precisava consertar o dreno no banheiro. A lista apenas apontava o quarto, não a quem pertencia.

Passou pela abertura. No momento em que seu turno de trabalho começou, estimou que terminara de limpar um nível inteiro.

Isso deveria impressionar seu novo chefe. Concluiu uma tarefa antes de estar oficialmente no trabalho. Um excelente empregado era um que um chefe gostaria de manter por perto. Por melhor que K'pa fosse para ela, isso não significava que outro dono a trataria bem se o Capitão decidisse demiti-la.

— Nunca mais. — Sussurrou, pulverizando outra abertura. — Manterei minha liberdade.

Chegou a uma curva acentuada e teve que se mover muito para fazê-lo. A planta da nave disse que havia um quarto privado nessa direção, mas não sabia a quem pertencia. Era estranho, porque todos os outros quartos da tripulação estavam agrupados em outros níveis. Apenas esperava que quem fosse o dono não estivesse ali enquanto limpava as duas últimas grades.

Mari viu uma luz à frente e parou ouvindo. Tudo estava quieto. Ela avançou e olhou.

O quarto era maior que seu antigo quarto pelo menos quatro vezes. Não admirava que o membro da tripulação o quisesse. Havia uma cozinha completa construída em um canto. A cama era enorme e poderia facilmente dormir cinco seres humanos lado a lado. Um sofá longo e largo estava perto

de uma tela de entretenimento. Era preto, com almofadas que pareciam nuvens e extremamente confortáveis. Sentiu um pouco de inveja.

Mari notou barras horizontais perto do teto, penduradas a poucos metros de distância. Isso a fez franzir a testa. O alienígena que vivia ali era algum tipo de ave? Ela já consertou uma nave que carregava alienígenas alados. Eles gostavam de se pendurar nos poleiros no teto com suas garras enquanto dormiam. Mas esse quarto também tinha uma cama. Talvez fosse uma coisa de circulação para quem o possuía e ele ou ela precisasse passar algum tempo de cabeça para baixo.

Encolheu os ombros e pulverizou a grade. Estava entupida o suficiente para que tivesse que repassar.

Um som alto soou no quarto e ela parou. O morador retornou?

A espuma derreteu e ela olhou em choque para a fera. O som foi da porta do banheiro sendo aberta para deixá-lo sair.

Mari não pode deixar de olhar. Dovis não estava usando calça ou botas dessa vez. Apenas uma toalha ao redor de seus quadris peludos. Ele sacudiu o corpo para ficar mais seco. A água do chuveiro se secava rápido, exceto às vezes quando se tinha muitos cabelos, eles permaneciam úmidos. Ela percebeu que ele tinha esse problema em todo o corpo, em vez de apenas no alto de sua cabeça, da maneira que a maioria das espécies fazia.

Ele esticou os braços para o alto, torceu um pouco a cabeça e caminhou em direção a um armário de roupas perto do chuveiro.

Estava com muito medo de se arrastar ou fazer barulho. Provavelmente ficaria irritado se a encontrasse na tubulação de seu quarto. Ficou claro que se ressentia por ela ser contratada.

Abriu a porta do armário e ela fechou os olhos quando ele abaixou a mão para tirar a toalha. A curiosidade a fez olhar, querendo saber se realmente tinha uma cauda.

Suas pernas eram de forma humana e ele tinha uma bunda super musculosa coberta com pelos marrons. Ela teve sua resposta. Sem cauda.

Ele jogou a toalha descartada para o cesto da lavanderia e se esticou novamente, dessa vez torcendo um pouco a parte superior do corpo. A roupa que tirou do armário era azul com um elástico fino nos quadris. Virou-se para seu lado e ela prendeu a respiração quando ele cruzou o grande quarto se aproximando.

Mari empurrou de volta contra a parede de ventilação o máximo possível. E se a visse? Ouvisse? O zumbido dos motores deveria esconder seus sons suaves de respiração, mas ele tinha aquelas grandes orelhas pontudas. Isso implicava que deveria ter uma audição hipersensível.

Ele caminhou até a almofada negra de um sofá e caiu nela, girando no ar e caindo de costas. Esticou o braço, pegou o controle da tela de entretenimento e ligou. Música estranha encheu o quarto. Não era desagradável ou alto, mas uma batida lenta e atraente.

Mari sabia que era hora de ir. Os barulhos encobririam qualquer rangido na tubulação.

Ela se arrastou para frente e encontrou a segunda grade. Incomodava sua ética de trabalho ter que deixá-lo, mas não podia se arriscar a limpar com ele no quarto. Poderia ver a espuma fresca se olhasse para aquela parede antes que derretesse.

Olhou para fora quando passou pela grade. Ele permanecia no sofá... mas algo parecia diferente. Abriu a boca quando percebeu a diferença em sua pele.

Não era sua imaginação. Enquanto continuava observando, sua pele parecia encolher. Em um minuto, Dovis já não estava coberto de pelos, mas com uma pele firme e bronzeada.

Sabia que ainda estava de boca aberta.

Ele rolou para o lado, dando a ela uma visão de seu rosto. Quase ofegou e rapidamente colocou a mão sobre a boca para evitar emitir um som. Seus ossos também mudaram. Não parecia exatamente humano, mas ainda assim mais perto do que antes. Seu focinho desapareceu para dar lugar a um nariz. Seus lábios anteriormente finos estavam mais cheios agora que eles não estavam esticados sobre uma fileira de dentes afiados. Ela não pode evitar olhar fixamente. Ele não parecia mais uma fera.

Seus olhos estavam fechados e enquanto os minutos passavam, um baixo ronco veio sobre a música suave. Mari fechou a boca e com muito cuidado se arrastou para longe. Chegou à grade de entrada perto do elevador, limpou-a e depois a abriu para cair no corredor. Foi difícil chegar a esse ponto para fechá-la novamente. Precisou pular algumas vezes, mas seus dedos conseguiram empurrar o suficiente para engatar a trava automaticamente.

Ela ouviu sobre alienígenas metamorfos, claro. Os escravos adoravam fofocar sobre as naves em que trabalharam e os estranhos membros da equipe que viram. Um de seus colegas escravos, Bargnor, compartilhou uma história sobre conhecer uma espécie alta que podia diminuir de tamanho. Eles passaram de nove metros de altura, com corpos esguios a dois metros de massa sólida e volumosa. Ele disse que era algum tipo de exigência social para andarem em suas formas altas, mas enquanto trabalhavam, seus corpos menores e mais volumosos eram necessários porque eram mais fortes assim.

Dovis parecia o oposto. Sua forma animal era muito assustadora, com sua pele e aquele focinho cheio de dentes. Mas quando dormia voltava para pele humana. Era estranho, mas a maioria dos alienígenas eram. Deu de ombros quando entrou no elevador voltando ao seu quarto para tomar banho e vestir roupas limpas, caso o Capitão quisesse finalmente conhecê-la. Boas impressões podiam significar vida ou morte.



Dovis fervia quando ele entrou na sala de jantar. Acordou com relatos sobre o novo membro da tripulação. Mari, da Terra, trabalhou incansavelmente enquanto dormia no turno do dia. Não apenas substituiu o replicador de alimentos na porta, mas desentupiu a banheira de Cathian. Nara contou pessoalmente para esfregar em seu rosto.

Isso o irritou. A humana estava tentando fazê-lo parecer mau.

York acenou para sua mesa. Ele assentiu, parou no balcão para pegar o café da manhã que Midgel preparou e sentou-se de frente ao amigo.

— Como foi seu turno do dia?

York resmungou sobre o jantar.

— Cathian reclamou de algo? Houve problemas?

— Não. Conheci Mari.

Dovis se sentiu esperançoso. — Ela é horrível? Grosseira? Desrespeitosa? Cathian está pronto para deixá-la na próxima estação?

— Não. — York suspirou e encontrou seu olhar. — Ela é realmente muito tímida e super educada. E pequena.

— Não entendo.

— É menor que Nara. Não muito em altura, mas é magra. Eu a quebraria se tentasse fazer sexo com ela. — York resmungou novamente. — Estou desapontado. Acho que deveria ter lembrado que era uma escrava. Seus mestres provavelmente não os alimentam muito, certo? — Seu humor de repente se iluminou. — É isso aí! Vou levá-la para comer, então ela ganha muito peso sobre aqueles ossos delicados dela. Isso a amorteceria um pouco.

Dovis reprimiu um rosnado e colocou um pedaço de carne na boca.

York sorria agora. — É atraente. Seus cabelos são compridos. Não acho que eles permitiram que cortasse como escrava. Ela o mantém em três tranças caindo nas costas, mas chega a sua bunda, talvez um pouco mais. É

uma ótima funcionária também. Completou o dobro de tarefas em uma hora, como Harver fez quando ainda era o encarregado da manutenção. Isso me surpreendeu. Ela é uma coisa tão pequena. Você acha que se cansaria facilmente. Nara precisou rastreá-la para fazê-la parar para almoçar. A pequena humana talvez não soubesse que podia fazer intervalos para refeição. Coitada. Eu não posso me imaginar sendo um escravo.

Dovis sentiu o peito vibrar com um rosnado baixo. Ele não queria outra humana a bordo. Nara era mais que suficiente.

— Qual é seu problema?

— Ela está me fazendo passar por incompetente.

York riu.

— Não é divertido.

York assentiu e comeu sua refeição. — Acho que você está sendo sensível demais e procurando um motivo para não gostar da humana. Tende a desconfiar de outras pessoas que não são próximas. Deu uma surra em Harver algumas vezes. Ele temia por sua vida.

— Invadiu meu quarto sem permissão. Mereceu apanhar.

— Estava consertando o seu chuveiro quando bateu nele por último. Não foi como se fosse para seu quarto para roubar seus pertences pessoais.

— É o meu espaço. Ninguém entra. Não o pedi para consertar. Eu teria feito isso sozinho.

— O computador disse que precisava de reparos. Eu sei que você gosta da sua privacidade, mas quase o matou. É por isso que Cathian fez você assumir seus deveres assim que Harver fugiu. Mas era para ser uma punição de curto prazo por fazer o homem fugir. Em vez disso, se recusou a contratar alguém. Cathian finalmente resolveu as coisas por conta própria.

— Ele não me permitiu fazer um teste de segurança com essa mulher da Terra.

York bufou. — Qual é o risco? Ela é humana. Os scanners confirmaram isso. Cem por cento. Nada em seu corpo é um perigo para outro tripulante ou para a nave. Nenhuma glândula de veneno, nenhum veneno que ela possa secretar ...

— Pode ser uma terrorista que odeia os tryleskianos. Talvez queira explodir *The Vorge*. Ela pode ter habilidades.

York riu novamente.

— Não estou brincando. Nós não sabemos nada sobre ela.

— Eu sei. Li a carta de recomendação de seu antigo proprietário.

Dovis parou de comer. — Qual recomendação? Cathian não me disse que tinha algum tipo de documento sobre ela.

— Provavelmente porque você tentaria usá-lo contra ela. — York tomou um gole de sua bebida. — Ela foi vendida aos dez anos por seus pais. — A raiva brilhou em seus olhos. — Alguém teria que me matar para levar minha prole. Eu lutaria até a morte para defendê-los. Fiz pesquisas sobre

humanos quando Cathian tomou Nara como companheira. Nosso Capitão é protetor com ela, então não queria ofendê-la acidentalmente de alguma forma. Dez é uma idade em que os humanos ainda precisam de orientação e proteção de seus pais. São fracos e vulneráveis. A pobre coisa foi vendida e deixada para se defender sozinha.

— Talvez eles a tenham vendido porque ela é uma terrorista.

York balançou a cabeça. — Você parece paranoico e está tentando brigar.

— Você gosta de lutar comigo.

— Você gosta de lutar e me deixa com raiva o suficiente para gostar de bater em você. Existe uma diferença. Eu sei que é assim porque quer manter todos seguros. Realmente leva seu trabalho a sério. É da sua natureza proteger as pessoas de quem gosta. Descobrirá que Mari não é uma ameaça. Eu também sei que isso levará tempo. Apenas não insulte a humana sobre seus pais ruins. Isso seria cruel.

Dovis franziu o cenho. — Eu não faria isso.

— Você não tem permissão para bater nela. Iria matá-la com um golpe de suas garras. Os seres humanos são vulneráveis basicamente em qualquer lugar em seus corpos. Não se esqueça disso. Sua pele é frágil e fácil de penetrar com objetos pontiagudos. Eles também sangram.

— Eu não bato em mulheres.

York bufou. — Errado. Você socou Marrow.

— No braço dela, há mais de um ano. Ela tentou me atacar sexualmente, independentemente de insistir de que jamais iria para cama com ela. Eu avisei que se pegasse no meu pau mais uma vez, bateria nela.

— Gostei quando ela agarrou o meu pau. — York olhou para ele. — Ela apenas queria testá-lo para ver se você podia ser seu companheiro.

— Eu não a queria.

— Sexo casual é ótimo. O que você tem contra isso? — York fez uma pausa e ergueu as sobrancelhas. — Gosta de homens?

— Não. Minha espécie tem dificuldade em ficar excitada quando pode sentir o cheiro de outro macho em uma fêmea. Marrow sempre cheirava a você.

— Isso é triste. Eu não sabia disso sobre sua espécie. Isso significa que precisa encontrar apenas virgens para foder? Espere, disse que fez sexo com uma Bing. Ela era virgem? Era seu primeiro dia de trabalho no bordel?

— Eu me preparei.

As sobrancelhas de York se levantaram novamente enquanto olhava para ele.

— Usei um remédio que adormeceu meu olfato para fazer sexo com a Bing. Significou não cheirar qualquer coisa por dois dias inteiros antes de retornar. Você entende por que preferi recusar Marrow? O remédio também afetou meu paladar. Gosto de aproveitar minhas refeições. Sexo com ela não valia a pena para mim. Além disso, conhecia muito bem o cheiro dela

mentalmente. Minha mente saberia com certeza que ela cheirava a você. Isso acaba com o clima.

— Pobre coitado.

Dovis colocou outro pedaço de carne na boca e mastigou. — Esqueça o que eu disse.

— Sua raça é muito misteriosa. Eu tentei pesquisar seu planeta, mas há pouca coisa lá. Droga, a maioria de vocês nem viaja no espaço. Por que você saiu de Amarai?

Dovis terminou e ficou de pé. — Nunca teremos essa discussão.

— Você queria fazer uma investigação de segurança sobre Mari para descobrir o passado dela. Pense sobre isso. O que está escondendo no seu, meu amigo?

Dovis levou o prato para a pia e largou lá dentro saindo da cozinha. Tinha uma reunião com Cathian. Chegou ao escritório do amigo com minutos de sobra e entrou.

Cathian levantou um dedo e falava com uma unidade de comunicação. — Entendido, Rex. Eu sei que esse acordo comercial é importante para Tryleskian. Cuidarei disso. Nós já mudamos a direção. Minha nave estará lá em uma semana.

Dovis sentou-se à espera.

Seu amigo terminou a conversa e suspirou. — Por que concordei em ser um Embaixador novamente?

A memória de Dovis passou pela estação de Nito, onde eles se conheceram anos antes e seu humor melhorou. Estava trabalhando como guarda de segurança na época e o recém-nomeado Embaixador estava ali para celebrar sua posição. Cathian insistiu em que ele bebesse um pouco e a amizade deles foi instantânea.

— Para não ser forçado a se acasalar e procriar filhos com uma mulher de coração frio que detestava. Seu pai o pressionou para fazer isso ou representar seu pessoal. Você escolheu isso.

Cathian riu. — Foi uma dúvida retórica. Nunca me arrependi da minha decisão. Nara me faz mais feliz do que já fui. Teria sido infeliz no meu planeta. É apenas que algumas tarefas que pedem me faz querer arrancar os cabelos. — Ele estendeu a mão e apontou para os cabelos. — Eu ficaria bem careca. Hoje é um desses momentos.

— O que Rex queria?

— Animais de estimação. — Cathian abaixou as duas mãos na mesa e as entrelaçou.

Dovis ficou de boca aberta.

— Essa foi a minha reação também. Parece que um homem e a companheira visitaram o planeta Callon em férias e compraram algumas criaturas para seus filhos. Fizeram sucesso e agora muitas famílias os querem. Estamos indo para o planeta para negociar uma compra suficiente para gerar nosso próprio suprimento.

— Que tipo de criatura é essa?

— Eu não sei. Rex me enviou um vídeo e as informações. Olharei depois. Acho que cabem na palma da minha mão e são resistentes o suficiente para sobreviver dentro de nosso porão por semanas. Isso também significa que teremos que definir um cronograma de alimentação assim que os tivermos. Devo comprar pelo menos uma centena de machos e fêmeas, cada um que não seja relacionado pelo sangue para ter bons filhotes.

— Eu não posso acreditar que transportaremos animais de estimação. — Dovis curvou o lábio em desgosto.

Cathian assentiu. — Desprezível. Concordo. Embora esse seja o trabalho. Acho que é melhor do que algumas coisas que nos pediram. Não vamos entrar em negociações afim de evitar uma guerra. Já é alguma coisa.

— Prefiro lutar do que cuidar das criaturas.

— Apenas espero que Nara não queira uma, seja lá o que for.

Dovis franziu a testa, não gostando da ideia de alguma pequena criatura correndo livre ao redor na *The Vorge*.

Cathian teve a coragem de sorrir. — Eu sabia que você teria essa reação. — Suas feições mudaram para uma severa. — Falando nisso, não tente se livrar da mulher que acabei de contratar. Mari é a melhor engenheira de manutenção que já tivemos. Não apenas ela é super qualificada para manter todas as máquinas nesta nave funcionando, mas tem experiência com manobras de suporte de vida. O Teki me mostrou um relatório de todo o trabalho que ela fez nos últimos dois anos. Fiquei profundamente

impressionado. Ela é uma mecânica de verdade, em vez de alguém que apenas conserta.

— O proprietário de escravos mentiria para aumentar o preço. Quanto você pagou por ela?

— Eu não o fiz.

Isso surpreendeu Dovis. — O que você quer dizer?

— Ela recebeu a liberdade. Ele apenas pediu que eu a tratasse com justiça, boa remuneração e proteção contra perigos. Nenhum crédito foi trocado. O Teki parecia muito apaixonado por Mari.

— Ela era sua amante?

Cathian balançou a cabeça. — Teki machos não são sexualmente compatíveis com seres humanos.

— Talvez tenham encontrado um caminho.

Seu amigo se inclinou para frente. — Parte do meu trabalho é estudar diferentes raças alienígenas, Dovis. Os Teki são aqueles com os quais lidamos com frequência. Deixe-me dizer como seus machos fazem sexo. Você os viu, certo?

Dovis assentiu.

— O macho tem que entrelaçar seus tentáculos com os da fêmea, unindo seus poros. Eles drenam fluidos da fêmea que despertam o macho e isso faz com que seu pênis se encha e inche. É do tamanho da sua coxa

quando ele está pronto para ser inserido no corpo da fêmea, que agora está desinflada de sua perda de fluido. Um humano não produz o tipo de fluido necessário para fazer seu pênis inchar. Eles veem os humanos como visualmente repugnantes. Não eram amantes, Dovis. O Teki prosseguiu me pedindo desculpas por Mari ser tão feia, mas insistiu que eu poderia superar sua horrível aparência uma vez que apreciasse suas habilidades para consertar qualquer coisa.

— Ele sabia na época que sua companheira é humana?

— Não, mas eu o informei. Ele ouviu que tínhamos uma humana a bordo e esperava que tratasse Mari bem, já que não matamos e nem vendemos a nossa.

— O que ele disse então?

— Ele se preocupou que a tripulação pudesse agredi-la sexualmente. Parece que alguns dos clientes tentaram no passado com seus trabalhadores humanos. Assegurei que isso nunca aconteceria. Nenhum dos meus tripulantes forçaria uma mulher.

— Eu não gosto de ter outro humano aqui. Eles não são adequados para trabalhos manuais. As fêmeas, ainda menos.

Cathian soltou as mãos, pegou o bloco à sua direita e entregou a ele. — Olhe para o primeiro dia.

Dovis aceitou e leu a lista de reparos que precisavam ser feitos, e todos os que ela concluiu até agora. Ele franziu o cenho.

A risada de seu amigo o incomodou mais. — Isso é mais do que você fez em todos os meses juntos que ficamos sem Harver. Lide com isso, Dovis. Ela fica. Evite-a se precisar, mas estou com Nara. Eu pessoalmente o derrubarei e colocarei uma coleira de choque em sua garganta, se isso significar que Mari estará segura o suficiente para que não faça mal a ela. Odeio vê-lo bater no chão se contorcendo de dor, mas novamente... tomarei um banho com Nara hoje à noite. Mari consertou o dreno da banheira.

Dovis jogou o bloco na mesa. — Você me ameaçou com uma coleira de choque? Eu não bato em mulheres. Deveria saber disso. Deveria ser meu melhor amigo.

— Eu sou. É por isso que não o chutarei para fora ou o demitirei se assustar Mari. Ela é tímida e assusta-se facilmente. Não use isso para intimidá-la. Sempre será meu melhor amigo e chefe de segurança, mas não pense que não sairei com todas as chances se você puxar sua merda de sempre para cima dela. Nenhuma agressão perto dela. Ela fica. Mesmo que isso signifique derrubá-lo cada vez que rosnar para ela.

Ele queria dar um soco em alguma coisa. Principalmente, o rosto divertido de Cathian. — Algo mais?

— Seja legal quando a vir. Não vai matá-lo. Ela é tímida. Eu sei que Nara gosta de se envolver em discussões, mas Mari é muito diferente. Era uma escrava. Precisei ordenar que olhasse para mim e falasse. É ainda mais tímida que Midgel. Tenha isso em mente. Não grite com ela. Provavelmente choraria ou algo assim. Ninguém quer isso.

— Chorar? — Ele ficou alarmado com o pensamento.

— As humanas fazem isso quando estão com muito medo ou chateadas.

— Droga. Midgel não agiu assim e eu rosnei para ela quando preparou uma refeição que não gostei. Essa Mari parece patética.

Cathian levantou-se rapidamente e rosnou. — Você está insultando a raça da minha companheira novamente?

— Nara não chora.

— Ela o faz, mas não é assunto seu, merda. Você apenas irrita minha companheira. Mari não é como Nara. Precisamos levar isso para o tatame?

Era tentador. Amava lutar.

Cathian sentou novamente na cadeira. — Com um segundo pensamento, esqueça. Vou tomar banho com Nara. Sem sangue. Dispensado. Vá treinar com York se precisar livrar-se de sua agressividade. Melhor ainda, escolha Raff.

Dovis olhou para ele balançando a cabeça.

Cathian riu. — Não para Raff? Não é surpreendente.

— Eu sei o que costumava fazer. Nunca o derrubarei. — Ele se levantou da cadeira e saiu, não querendo pensar sobre o assassino Tryleskian a bordo. Esse era um macho com o qual evitava confrontações a todo custo.

Capítulo 3

Mari tirou o casaco e o jogou no chão onde se ajoelhou. O suor cobria sua pele do calor do vapor que escapava do painel no chão fazendo seus dedos escorregarem da ferramenta. Precisou limpar suas mãos na calça antes de tentar novamente. As porcas começaram a afrouxar e ela sorriu quando a última pulou da placa de metal. A partir daí foi fácil identificar o problema em que ocorreu o vazamento de vapor e avaliar o dano causado à fiação.

— Certo. — Ela virou-se para a caixa de ferramentas ao lado e abriu uma das gavetas finas.

— Que droga?

O grunhido profundo quase a fez gritar. Seu coração disparou quando virou a cabeça olhando para Dovis. Ele usava um uniforme preto dessa vez que cobria não apenas as pernas, mas também o peito e os braços. Apenas suas mãos com garras e rosto assustador estavam à mostra.

Aproximou-se. — O que você está fazendo aqui no meio de um ciclo de sono?

Assustou-se o suficiente para que tivesse dificuldade em formar palavras.

Ele se agachou saindo de perto, seus olhos negros brilhando. — Responda. O que você está fazendo?

— Hum, York me enviou uma mensagem dizendo que seu chuveiro não estava tão quente quanto costumava ser. Eu fui até o sistema e percebi que o problema era na unidade que vai para sua cabine, já que ninguém fez um pedido de reparo. — Ela disse, a voz quase em um sussurro. Abaixou o olhar para o peito coberto dele. Seus olhos a assustavam. Eram negros e pareciam frios. — Eu tinha razão. Olhe se você quiser. Alguns dos fios desgastaram onde o vapor estava vazando, já que é úmido e quente. Planejei substituir os fios e consertar a junta quebrada. Está diminuindo, mas não o suficiente para desligar completamente a energia de sua unidade.

— Está no meio do seu ciclo de sono.

Mordeu o lábio, sentindo-se nervosa. — Eu não quis quebrar uma regra, se é uma delas. Sinto muito. — Ela abaixou a cabeça se curvando em seu peito um pouco. — Por favor me perdoe.

— Que droga? Não faça isso. — Rosnou.

Agora parecia irritado em vez de zangado. Ela arriscou levantar a cabeça apenas o suficiente para olhá-lo. Ele mudou a postura e seus olhos negros não estavam mais brilhando. Pareciam grandes e assustados.

— Por favor, não me castigue. Não sabia que não tinha permissão para trabalhar durante um ciclo de sono. Apenas queria que York fosse capaz de usar o vapor quando acordasse para o seu turno. É importante que todos gostem de mim para que eu possa ficar.

— Foda-se. — Levantou e se afastou dela. — Quem disse alguma coisa sobre a castigar? Eu não baterei em você. Fiquei surpreso ao encontrá-

la aqui enquanto fazia minhas rondas. Esperava que estivesse dormindo junto com o restante da tripulação.

Quase relaxou. — Eu não violei uma regra?

— Não. É estranho, deveria estar dormindo também.

— Isso era mais importante. — Ela se acalmou. Nenhuma regra foi quebrada e isso não significava punição. — Eu terminarei em quinze minutos.

Ele murmurou algo em voz baixa que não conseguiu ouvir. Então se virou e a deixou sozinha novamente. Ela voltou para a tarefa. As luvas que tirou da caixa de ferramentas eram um pouco grandes, mas funcionavam bem para proteger a pele de receber um choque ao substituir os fios e a junta rachada. Agora o sistema deveria funcionar perfeitamente sem problemas.

Colocou a placa de volta sobre o piso do convés e selou-o bem. Levou apenas um momento para limpar a bagunça, devolver as luvas para a caixa de ferramentas, fechá-la e jogar a jaqueta sobre o braço. Saiu para ir até o elevador que a levaria para seu quarto.

A visão de Dovis esperando no elevador diminuiu seus passos. Ele se virou, talvez sentindo ou ouvindo sua aproximação. Ela parou.

— Eu não pretendia assustá-la. — Sua voz era profunda ainda, mas não estava mais rosnando. — Aquilo que disse, sobre pessoas gostando de você… bem, isso é besteira. Cathian e Nara estão determinados a mantê-la. Durma da próxima vez e espere seu turno para fazer um reparo. York não

quer que você perca o sono para dar a ele mais vapor. — Resmungou outra coisa em voz baixa.

— O quê?

— Nada.

Veio em sua direção de repente e todo o seu corpo ficou rígido. Apesar de não encostar nela tirou a caixa de ferramentas de seus dedos. Afastando-se com ela.

— Parece pesado e você é magra demais. Não há regras que diga que deve limitar o que come. Tanto quanto quiser consumir é um benefício da equipe que vem com o trabalho. Por que tem a jaqueta de Harver?

— Eu não roubei. — Ela olhou para o chão. — Os Pods disseram que eu poderia ter qualquer coisa no armário de manutenção que foi deixado para trás pela pessoa que tinha esse trabalho antes de mim. Colocarei de volta.

Ele franziu a testa. — Não a acusei de nada. Pare de assumir o pior. Estava curioso porque a tem, isso é tudo.

— Eu precisei engatinhar primeiro no poço Y para ver se o problema do vapor começava lá. Estava muito frio, já que está ao lado do casco externo da nave. Estava congelando, então me lembrei de ver a jaqueta. Quando percebi que o problema havia uma ligação direta com o quarto do York, simplesmente não devolvi a jaqueta ao armário.

— Você não deve usar algo tão grande. Pode ficar presa enquanto está trabalhando ao redor de peças móveis.

— Eu sei, mas não era o caso hoje à noite. Sabia que era um problema na conexão, uma vez que inspecionei o eixo Y.

— Da próxima vez use seu próprio casaco.

Ela abriu a boca, mas depois fechou. Nunca lute ou fale com um superior. Era uma regra importante para lembrar.

— Isso é um problema?

Engoliu em seco. — Eu não tenho uma jaqueta, mestre. Apenas tenho quatro roupas. O Teki enviou-me com uma maleta de ferramentas, mas fui privada do meu equipamento de trabalho. Sem luvas, jaqueta, sapatos de proteção ou roupa química. Felizmente, o último trabalhador aqui deixou-a para trás.

Ele rosnou. Ela pulou.

— Pare de reagir dessa maneira. — Disse ele. — Você é muito sensível aos sons. Deveria ter informado Cathian ou a mim sobre sua falta de roupa. É perigoso que os uniformes que precisa usar sejam desajustados. Por que você não falou?

— Não quero ser um incômodo.

— Levar seu traseiro para a enfermaria para tê-la costurada ou explicar por que você morreu ao Capitão seria um incômodo. Enviarei uma mensagem para os Pods corrigirem essa bagunça. Não é como se tivessem muito o que fazer. Podem conseguir equipamentos adequados replicados para você, incluindo uniformes e outras roupas. Não pode viver apenas com

quatro conjuntos de roupas. Vou devolver esta caixa de ferramentas para o armário de manutenção. Entregue-me a jaqueta.

Ela passou por cima com cuidado para evitar suas garras afiadas. — Obrigada mestre.

— Pode me chamar de Dovis. Não sou seu dono. Eu sou chefe de segurança e aquele a quem você deve procurar se o Capitão estiver ocupado. Da próxima vez, fale se há algo de que precisa. Seu trabalho está seguro. Nara garantiu isso.

Ele se virou, apertou o botão do elevador e entrou quando abriu.

Ela não se mexeu.

— Você vai entrar?

— Eu vou esperar. Pode ir. Meu quarto é no segundo nível.

— Bem. Vá para a cama. Isso é uma ordem. Precisa dormir. Acidentes acontecem quando está cansado demais para se concentrar em suas tarefas.

As portas do elevador se fecharam e ela respirou com mais facilidade. — Pelo menos ele não tentou me comer.



Dovis ignorou as pequenas vibrações vindas de seu peito. Acontecia quando estava chateado.

A fêmea não era nada como esperava. Ela tinha grandes olhos castanhos escuros que ele gostava de olhar. Suas feições eram estranhamente atraentes também. Isso o surpreendeu, já que Nara não era atraente para ele. Estava certo que sentiria o mesmo por todas as fêmeas humanas. Isso não era verdade. Mari o deixou tentado a se aproximar e ver se a sua pele era tão suave quanto parecia. Isso foi perturbador.

Também ficou com raiva de si mesmo. O doce aroma de seu medo o fez se sentir culpado. Não foi algo que já aconteceu antes. Normalmente gostava dessa reação em qualquer pessoa que conhecia.

York estava certo. Mari parecia magra demais. Era possível que a desnutrição também tivesse prejudicado seu crescimento. Lembrou que ela era uma criança quando foi vendida como escrava. Era mais baixa que Nara por alguns centímetros. É claro que York provavelmente prestara mais atenção a seus seios do que à sua altura.

Incomodava-o que ela não sentiu a necessidade de contar a qualquer um dos membros da tripulação que seu antigo proprietário a enviou com tão poucos pertences. Sua roupa larga poderia colocá-la em perigo.

Ele entrou em contato com os Pods. Um deles respondeu parecendo desorientado e sonolento.

— É rude nos acordar. O que você quer, Dovis? É melhor que seja urgente.

Parecia mal-humorado. —Dois, pela manhã, repliquem para Mari algumas roupas e tudo o que ela precisar para fazer seu trabalho. Aqueles

bastardos na estação de reparo a enviaram com quase nada. Isso inclui um casaco, luvas e roupa contrafogo. Compreendeu?

— Isso não poderia ter esperado?

— Não. — Disse encerrando a ligação.

Ele devolveu a caixa de ferramentas e a jaqueta ao armário de manutenção antes de ir para o comando. Sentou-se na cadeira do Capitão e olhou para o espaço escuro, finalmente relaxando.

Gostava de ficar sozinho... a maior parte do tempo. Era bom nisso. Foi condenado ao status de pária no momento em que sua mãe lhe deu à luz em Amarai e fugiu do planeta na primeira chance que teve com a idade de quinze anos.

Lembranças passadas de sua infância vieram à tona, mas as empurrou de volta. Apenas o deixavam irritado.

Uma luz vermelha piscou no console diante dele e se endireitou assim que o computador anunciou um problema. Pulou do assento e se aproximou dos controles do piloto, seus dedos voando sobre a tela para obter mais informações.

De repente, houve algum tipo de oscilação de energia e os motores desligaram.

Um alarme soou.

Ele silenciou rápido, digitalizando todas as leituras. A energia parecia estável em todo a nave, exceto nos motores. Eles se recusaram a reiniciar ou

responder. Em seguida, verificou se alguma outra nave estava no alcance. Nada apareceu no radar.

Ele virou iniciando o rádio. — Cathian? Nós temos um problema.

Longos segundos se passaram antes que a voz de seu amigo respondesse. — O quê?

— Os motores foram desligados e não estão sendo reiniciados. Estamos flutuando sem controle no espaço, mas a energia interna e o suporte à vida não foram afetados.

— Nós batemos em algo? Estamos sob ataque?

— Acho que não. Estou saindo do comando para ir até os motores para ver o que aconteceu. O computador não está lendo o problema. Registrou apenas algum tipo de oscilação de energia antes que os motores desligassem. Apenas queria que você soubesse o que está acontecendo.

— Ligue para Mari ajuda-lo.

— Eu cuido disso.

— Maldito seja seu teimoso idiota! Ela é nossa mecânica. Acorde-a, Dovis. Isso é uma ordem.

Ele rosnou terminando a conversa, saiu do comando. Não precisava da humana. Ela estava fraca e ordenou que descansasse. De jeito nenhum ele planejava acordá-la.

Uma viagem rápida para seu quarto e vestiu em algo mais adequado para trabalhar na sala de máquinas.

Chegou ao nível um e saiu do elevador parando instantaneamente diante da visão.

Mari já estava lá, carregando a caixa de ferramentas que ele guardou recentemente. Ela se virou o olhando.

Ele percebeu o fato de que seus cabelos estavam soltos em vez de tranças. Isso o tentou a tocá-los. Seria tão suave quanto parecia? Imaginou passar os dedos pelos longos fios. Isso a fez parecer ainda mais atraente, mostrando suas feições delicadas e grandes olhos castanhos. Ela também usava uma versão limpa da mesma roupa que ele viu meia hora atrás.

— Eu não liguei para você.

— O computador me alertou para o problema. — Ela abaixou o olhar.

— Você não é necessária. Encontrarei o problema e consertarei. Espere até que tenha o equipamento adequado. O Pod Dois vai equipá-la de manhã.

Mordeu o lábio e finalmente levantou a cabeça segurando seu olhar. — Posso pensar em três razões pelas quais uma oscilação de energia aconteceria, uma que desligaria os motores. — Quais seriam elas?

— Você está me questionando?

Ela abaixou o queixo rapidamente deixando seu olhar no convés entre eles. — O que eu quis dizer é, você adivinhou o que poderia ter causado a oscilação de energia que desligou os motores? Eu tenho três.

Ele passou por ela na sala de máquinas e caminhou até o computador, pressionando os dedos na tela. Acendeu e ordenou ao computador que fizesse diagnósticos para encontrar o problema.

Mari ficou atrás dele e colocou sua caixa de ferramentas no chão. — Isso já teria mostrado o problema se o computador fosse capaz de nos dizer o que deu errado. — Afastou-se, agachando perto de uma escotilha e abrindo-a.

Ele a viu girar um feixe de luz, passando sobre todos os disjuntores localizados ali. — Algum queimado?

— Não. — Ela fechou a escotilha e ficou de pé, movendo-se para um dos grandes cabos.

— O que você está verificando? — Ele a seguiu.

— O regulador de genpower[1]. Pode enviar um surto através do sistema se houver um curto ou um vazamento. Cruze seus dedos. É uma solução fácil.

Ele a observou retirar uma ferramenta do bolso e começar a abrir o selo em um tubo redondo e grosso perto do anteparo. — E se não for?

— Espero que tenhamos peças de reposição. Pode ser o medidor de energia que aciona os motores. Isso seria muito ruim se a onda acontecesse ali. Posso encontrar uma solução para nos levar de volta, mas isso significaria replicar pequenas peças e pelo menos seis horas para fazer um reparo temporário. Essas partes não seriam mantidas por mais de uma semana e

[1] Gerador de energia

qualquer velocidade acima do flash dois seria demais para o metal replicado resistir. Teríamos que voltar para a estação de onde acabamos de sair para comprar um deles especialmente revestido.

Ele franziu a testa, não gostando da ideia. Aproximou-se, observando-a tirar a parte de cima do tubo e acender a luz novamente, inclinando-se um pouco para dentro. — Você não está usando luvas.

— Eu sei. Está quente, mas não está queimando. Merda. Tudo parece bem.

Ele se aproximou ainda mais, observando-a levantar alguns dos cabos enrolados para dentro para ver os circuitos embaixo. Estavam todos limpos, nenhum escuro ou mostrando sinais de danos. Também não havia indício de vazamento. Minutos se passaram enquanto ela inspecionava a unidade.

Levantou-se e virou quase batendo nele. Ele afastou.

Ela passou por ele, foi até a caixa de ferramentas e pegou mais algumas. Observou-a enquanto os empurrava nos muitos bolsos de sua roupa cinza opaca, então começou a subir uma escada na parte de trás dos enormes motores.

Ele rosnou baixinho, seguindo-a. — Seus cabelos estão soltos. Isso é perigoso.

— Os motores estão desligados. Não há partes móveis para se preocupar. E estou apenas checando o disco.

Ele não sabia como era um disco, não que admitiria isso. Ela alcançou o alto, além do espaço apertado desaparecendo. Chegou no alto da escada e hesitou em se juntar a ela no pequeno espaço. Tinha pouco mais de um metro e meio de largura e altura.

Ele ficou na escada observando-a rastejar tentando não olhar para sua bunda. A roupa moldou firmemente seu traseiro desde que ela estava em suas mãos e joelhos.

— O que posso fazer? — Ele odiava se sentir inútil.

— Apenas fique aí. Não demorará muito para abrir o painel e dar uma olhada por dentro.

— Ficar aqui?

Ela murmurou algo que não conseguiu ouvir. — Sinto muito, senhor. Eu não estou acostumada a ser supervisionada enquanto estou trabalhando. Estou inspecionando as partes internas. Nesse caso, o disco.

Ele hesitou antes de finalmente perguntar. — Qual é o disco?

— É onde a energia atinge as duas seções dos motores. Bem, se ele explodir, nenhuma energia poderá atingir os motores. Isso explicaria por que os dois caíram ao mesmo tempo.

Ele esperava que esse não fosse o problema.

Ela parou e torceu para se sentar. Estava escuro, exceto pelo feixe de luz que segurava entre o ombro e a cabeça inclinada. Ouviu um pequeno motor ligar e os parafusos bateram no chão de metal quando ela abriu um painel.

— Um disco parece um nome estúpido para uma parte.

Ela riu. — Eu não nomeei as partes. Os projetistas de motores fizeram. É uma seção fechada que é executada entre os mecanismos para enviar energia a cada um deles na mesma frequência. Como os dois fecharam ao mesmo tempo, o problema deve estar aqui, já que não foi a primeira coisa que verifiquei.

Ele a ouviu grunhir quando empurrou o painel de lado e bateu no chão com força. Soava pesado. Ela empurrou para fora do caminho e se inclinou na seção agora aberta.

Ficou instantaneamente preocupado. — Está aí ou caiu em um dos motores? — Ele nunca abriu o painel ou mesmo entrou naquele espaço.

— Estou bem aqui. Eu preciso me concentrar. Sinto muito, senhor.

— Dovis. — Ele lembrou.

Minutos se passaram. Ele podia ouvi-la trabalhando, batendo ao redor e então se arrastou mais até que metade de seu corpo não estivesse mais à vista. Mais minutos se passaram.

De repente, ela se sacudiu e um estrondo alto soou.

— Merda!

Ele começou a engatinhar no túnel. — Você está ferida?

— Não. Estamos em apuros! — Ela recuou e virou no espaço apertado de frente para ele em suas mãos e joelhos. Seus olhos estavam arregalados e ela parecia mais branca que o normal.

Ele parou, meio dentro do espaço. — Precisamos replicar as partes que você mencionou?

— Não é o disco. O acoplamento U foi quebrado. Merda! Merda! Merda!

Ele piscou. — Eu não sei o que isso significa.

Ela começou a rastejar na direção dele. — Eu vi isso apenas uma vez, mas ouvi falar a respeito com frequência. Diga-me que está nave tem armas. Precisa alertar a tripulação. Estamos prestes a ser atacados.

Ele puxou a parte superior do corpo para fora do espaço e franziu o cenho. — Sobre o que você está falando?

— Mova-se! Alerte a tripulação! Está me ouvindo? Isso foi sabotagem!

Chocado, ele começou a descer. — Explique rápido e agora mesmo.

Ela saiu do pequeno espaço e estendeu a mão, pegando uma barra acima, então se virou, colocando os pés na escada. — Raxis manipulou isso para acontecer com um temporizador. Meu palpite? Eles também colocaram um rastreador em nós e logo aparecerão para roubar essa nave. Aqueles bastardos devem ter feito isso enquanto você estava no meu posto de reparos.

Ele chegou ao chão e esperou até que ela estivesse ao alcance, então agarrou seus quadris e a puxou da escada. Ela gritou. Ele deu um passo para a

parede e a virou em seus braços, prendendo-a lá. — Que merda você está falando?

— Os Raxis são uma raça de alienígenas realmente conhecida por roubar naves. No ano passado, tivemos uma nave avariada chegando à estação. Eles tinham dois ônibus, que puderam usar para transportá-las. Os Raxis fizeram a mesma coisa com a nave deles. Felizmente para a tripulação, estava fortemente armada e conseguiram combatê-los. Raxis geralmente matam todos os sobreviventes e depois reivindicam direitos de salvamento.

— Você entende? Eles vão nos atacar em breve e nos matar para roubar está nave. Mexem nos motores para desligar uma vez que esteja longe o suficiente de uma estação, sem ajuda por perto, onde é mais fácil para eles atacarem. Os acoplamentos U são feitos de metal Pelsis. Para quebrar assim, tiveram que enviar um sinal para direcionar especificamente o acoplamento U. Ele desliga os motores quando quebra. Merda! Eles estão vindo atrás de nós.

Ele a colocou de pé, mas continuou segurando-a. O cheiro do medo dela quase o sufocou. — Talvez esse acoplamento U tenha falhado. Acontece.

Ela ficou boquiaberta. — Você está errado. Isso nunca acontece a menos que seja de propósito. Há apenas uma coisa que faz com que o metal da Pelsis se desintegre. Os Raxis inventaram uma máquina que pode emitir um sinal de vibração. Ele quebra apenas esse metal específico. Apostaria a minha vida que um desses dispositivos está atualmente preso perto dos motores no exterior do casco e provavelmente ainda está enviando a frequência que causou o dano. Estamos prestes a ser atacados!

Ele observou os olhos dela. Estavam arregalados, em pânico e ela cheirava a medo.

Acreditava nela.

— Foda-se. — Ele rosnou, soltando-a e correndo para o painel de acesso do computador, ligando as comunicações em toda a nave.

— Temos piratas entrando e planejando atacar! Todos se reportem às estações. Isso não é bom. Levantem suas bundas e preparem-se para a batalha!

Cathian respondeu primeiro, em particular. — O que está acontecendo?

— Já ouviu falar de piratas Raxis? Sua mecânica disse que eles anexaram algum dispositivo que causou nossos problemas no motor, ela já viu isso antes. Nenhuma outra nave estava no alcance de varredura quando saí do comando, mas isso foi há quase meia hora. Bem, se ela estiver certa, estamos sob ataque.

—Droga. É Cathian. — O capitão anunciou, abrindo a comunicação para todos. — Levantem suas bundas e peguem todas as armas que tiverem.

Começou a dar ordens quando Dovis se virou, vendo Mari de joelhos diante da caixa de ferramentas. Ela abria as gavetas, parecendo procurar por algo. — O que você está procurando?

— Eu posso consertar para rodar os motores por um tempo. Alguém precisa sair, encontrar o rastreador que colocaram e impedir que transmita nossa localização. Então esperamos poder manter os motores tempo

suficiente para alcançarmos um planeta colônia ou outra estação. De jeito nenhum podemos voltar para o meu posto de reparos. É muito longe.

— Faça o que for preciso.

Ele caminhou para engenharia, pegou uma das tiras de pulso de emergência e mandou uma mensagem para Cathian. — Estou me preparando para procurar em nosso casco externo em busca de um dispositivo de rastreamento. E talvez o dispositivo que causou o dano. Mari está trabalhando para colocar nossos motores em funcionamento.

— Acabei de chegar ao comando. — Respondeu seu amigo. — Ela está certa. Nós temos companhia chegando. Duas naves apareceram no radar a longa distância. Eu tenho armas para tripulação com York e Marrow está enviando uma mensagem para nossos aliados de que precisamos de ajuda. Raff está guardando na porta de acoplamento principal, caso tentem se prender ali e violar, se não pudermos impedi-los de se aproximar. Nara está indo ajudar Mari. Pods, vejam em suas mentes e diga-nos se alguém está vindo para nós.

Dovis tentou acalmar sua raiva. — Mari acredita que pode conseguir fazer nossos motores funcionarem, mas não por muito tempo. Veja quem pode nos encontrar mais rapidamente e siga em direção a eles quando ela nos deixar em funcionamento novamente. Desligarei o rastreador se encontrá-lo para impedir que eles nos sigam.

Capítulo 4

Mari enxugou o suor da testa, feliz por pelo menos ter amarrado os cabelos. Nara foi gentil o suficiente para trazer-lhe uma unidade de pulso para facilitar a comunicação com o restante da tripulação enquanto trabalhava.

O espaço era apertado, quente e sem ar. Limpar as partes quebradas do acoplamento U foi difícil, mas agora estava completo. Inseriu a que ela fez de metal inferior e pediu a Nara para trazer as luvas de proteção mais grossas que pudesse encontrar. Ficaram enormes em suas mãos... apenas esperava que elas fossem o suficiente para impedi-la de morrer.

O som das explosões começou minutos antes. *The Vorge* estava atirando nas duas naves Raxis, tentando mantê-los a distância. Nenhuma ajuda estava no alcance suficiente para vir em sua defesa imediatamente. Eles estavam sozinhos por um tempo.

Até agora, os Raxis não devolveram o fogo. Eles não queriam danificar a nave do Embaixador. Isso negaria todo o motivo para inventar a pequena máquina que quebrava os acoplamentos U. A maioria das naves precisavam dessa parte e todas eram feitas de metal Pelsis. Os Raxis provavelmente mantinham uma caixa de peças de reposição em sua nave para fazer o conserto, dando-lhes uma nave roubada completamente intacta para vender.

Ela estendeu a mão, enxugando a testa novamente com a manga da blusa, e cuidadosamente cobriu os pedaços de metal que ligavam os dois suportes que usou para formar um novo acoplamento em U. Não estava bonito, mas deveria funcionar. Os radios a mantiveram atualizada sobre o que estava acontecendo.

— Eles estão se esquivando do meu fogo, mas não estão se aproximando. — Afirmou York.

— Observe os níveis de energia. — Advertiu Cathian. — Esses bastardos podem estar tentando desgastar as baterias de nossas armas e depois virem para nós. Sinais de vida dizem que há mais de vinte desses pontos entre as duas naves. Nós estaríamos em desvantagem se nos violassem. Relatório, Pods. Alguém tentando nos surpreender com roupas de proteção?

— Não. — Afirmou um deles. — Estamos apenas pegando a equipe. — Ele fez uma pausa por segundos, então. — Mari, é muito perigoso. Você deveria ter dito ao nosso Capitão que poderia morrer, colocando os motores de volta em funcionamento e nos dando a chance de fugir dessa batalha.

Merda. Ela mordeu o lábio, envolvendo o preenchimento ao redor do metal agora revestido. — Todos nós vamos morrer se não sairmos daqui. O que é minha vida em comparação com toda a equipe?

— Sua vida é tão valiosa quanto a nossa. — Respondeu Um. — Capitão, ela corre o risco de ser eletrocutada, mesmo usando luvas para segurar as peças juntas quando reiniciarmos os motores.

— Sobre o que ele está falando, Mari? — O tom de voz do Capitão a fez estremecer.

Ela continuou trabalhando. — Ficarei bem.

— Está mentindo. — Afirmou um dos Pods. — Ela está pensando que provavelmente morrerá. O acoplamento U que criou se manterá unido quando a energia estiver fluindo através dele, mas deve ser mantido no lugar primeiro, até que uma conexão sólida seja feita. As luvas não a protegem totalmente de ser eletrocutada.

Um grunhido soou sobre as comunicações. Ela não tinha certeza se era o Capitão ou Dovis. Ele estava em silêncio desde que saiu para localizar os dois dispositivos perto dos motores no casco externo e removê-los. Era possível que ainda estivesse voltando para dentro da *The Vorge* ou estivesse removendo seu traje espacial.

— Não importa se eu sobreviver ou não. Precisamos reativar os motores para recarregar as baterias de armas que estão quase esgotadas. Deve dar a tripulação a chance de despistar esses piratas, mas no pior dos casos, você poderá lutar contra eles mais tempo até que chegue ajuda. Os piratas Raxis não tomam reféns ou prisioneiros. Matam as tripulações. — Mari terminou o envoltório e borrifou o cimento sobre o acoplamento temporário em U. — O importante é que, se a peça funcionar, você pode atingir a velocidade máxima, mas mantê-la estável, seja o que for que fizer. Qualquer retorno pode soltar a conexão do acoplamento e os motores voltarão a morrer. Compreendido?

Houve silêncio sobre as comunicações.

O Capitão finalmente falou, sua voz grave. — Obrigado, Mari. Existe alguma coisa que possamos trazer para ajudar a aliviar o risco?

— Não. As luvas são a única coisa pequena o suficiente para usar e ainda permitem que coloque minhas mãos dentro do buraco onde o acoplamento vai, tenho que empurrá-lo fisicamente quando ligar os motores para mantê-lo no lugar por alguns segundos.

— Que tal usar uma ferramenta?

Ela olhou para a caixa de ferramentas a poucos metros dela, conhecendo o conteúdo. — Qualquer outro metal pode fritar os cabos nas duas extremidades, se isso criar um choque de retorno e nada mais poderia suportar a corrente elétrica que será acionada, seja qual for o toque do acoplamento. É melhor fisicamente mantê-lo no lugar.

— Você está dizendo que vai se prender a um fio de energia? — Foi Nara quem disse e ela parecia chocada.

Mari pensou em suas palavras com cuidado. — Empurrar para mantê-lo no lugar é mais preciso. O acoplamento que criei não é uma combinação perfeita, o que significa que pode sair do lugar quando os motores forem acionados. Alguém precisa segurá-lo até que a corrente elétrica esteja fluindo. — Mari fez uma pausa. — Apenas para o caso de não funcionar, obrigada por me contratar. A liberdade foi maravilhosa. Não há família para notificar caso não consiga.

Outro grunhido soou, esse mais alto, quase cruel, mas por outro lado, ninguém disse uma palavra.

O Capitão finalmente voltou. — Quanto tempo até que esteja pronto, Mari?

Ela engoliu em seco e colocou as luvas, pegou o acoplamento e se inclinou para o painel aberto. — Estou instalando o acoplamento agora. Dê-me alguns segundos e então esteja pronto para ligar os motores. Eu direi o momento.

Usou o joelho para empurrar uma de suas ferramentas para fora do caminho para impedir todo o metal de tocá-la, exceto o que estava em suas mãos enluvadas. Ela removeu tudo de seus bolsos. O piso e o painel de acesso estavam agora revestidos também para os aterrar.

Um baixo grunhido veio de sua esquerda, mas ela ignorou. Soltou um dos lados do acoplamento e pegou a unidade de metal no pulso oposto, colocando-o longe dela.

Então colocou as duas mãos sobre o acoplamento novamente e empurrou o mais forte que pode.

— Reinicie! — Gritou.

Ela fechou os olhos, sabendo que iria doer. Seu corpo ficou tenso. Houve um zumbido…

E então a dor correu pelos braços e além, quando a energia subiu através do acoplamento U e em seu corpo. Ela teria gritado, mas não podia.

A unidade ligou e os motores foram acionados. Estava ciente disso enquanto lutava para respirar, mas não conseguia. Muita energia pulsava através de seu corpo. Agonia fez com que ela visse pontos antes de desmaiar.



Dovis assistiu impotente enquanto Mari desmoronava dentro do painel.

Ele não chegou até ela a tempo.

Mergulhou para a parte inferior do corpo para romper sua conexão com o acoplamento. A eletricidade subiu por seu braço quando a tocou. Ele apertou os dentes, ignorando a dor. O momento de seu mergulho a libertou e eles aterrissaram em uma pilha fora do painel.

A pior dor desapareceu em segundos deixando o braço ao redor de seus quadris latejando. Mari estava de lado em sua frente.

Ele precisou usar a outra mão para rolar de costas no espaço apertado. Conseguiu fazer o backup, arrastando seu corpo pelo painel de acesso aberto e pelo espaço. Ela não estava se movendo e pior, não podia ouvir se estava respirando.

— Mari, informe! — O tom de Cathian exigia uma resposta imediata.

— Ela está desmaiada. — Gritou Dovis. — Vou levá-la ao androide médico.

— Quão ruim é isso? — Nara parecia preocupada.

Ele parou de puxar Mari e se arrastou até seu corpo, aproximando-se de seu rosto. Colocou a palma da mão em seu tórax, sentindo o peito suave por baixo. Longos segundos se passaram. Ela não estava respirando... e não sentiu os batimentos cardíacos.

—Merda!

— Dovis?

— Agora não, Cathian! Estou tentando salvá-la.

Mas ela já tinha morrido. Ele chegou a tempo de vê-la morrer.

Uma imagem dela brilhou em sua mente, parecendo assustada quando olhou para ele quando a pegou fazendo reparos enquanto deveria estar dormindo. Para água de York, de todas as coisas.

A humana era uma coisinha doce. Gentil. Estranhamente bonita... e ele percebeu que se sentia protetor com ela mais cedo naquela noite.

O mesmo instinto surgiu novamente.

Ele se recusou a deixar a vida dela escapar para sempre.

Era proibido, contra as leis de seu povo, mas foda-se. Eles nunca fizeram nada por ele, exceto tornar sua infância um inferno até que escapou de seu próprio planeta.

Prendeu o corpo dela entre as coxas abertas, rasgando o uniforme no pescoço para ter acesso ao ombro dela.

Não hesitou. Suas presas afundaram em sua carne e seu sangue tocou sua língua. O sabor rico dele instantaneamente fez seu corpo reagir de maneiras que não esperava. Adorou o seu gosto. Calor queimou em suas veias até que começou a suar.

Bebeu por longos segundos, liberando sua saliva nela por sua vez, antes de libertar suas presas e endireitar um pouco, colocando o focinho perto de seus lábios.

Seus olhos estavam fechados e ela não reagiu de forma alguma enquanto ele observava.

— Vamos lá. — Rosnou.

Ele teve que mudar para a pele para respirar em sua boca e fez compressões no peito para tentar reiniciar seu coração. Era possível que não funcionasse. Nunca tentou salvar um humano. A última vez que mordeu alguém, foi um parente de sangue de Cathian.

Não havia nada a perder, já que Raff estava morrendo. Isso funcionou sem quaisquer consequências. Esperava o mesmo resultado novamente. Raff começou a se curar imediatamente, suas facadas se fechando em um minuto. Então, novamente, o coração dele estava batendo novamente. O de Mari não

Dovis continuou trabalhando nela e sua boca de repente abriu, seu corpo estremeceu e ela ofegou por ar.

Ele olhou para a mordida, observando-a se curar.

Dovis quase sorriu quando se transformou de volta. A pequena humana estava bem. Ela não acordou imediatamente, no entanto. Afastou seu corpo, agarrou seu tornozelo e arrastou-a para a escada. Seu corpo mole deslizou ao longo do chão, seus braços sobre a cabeça, emaranhados com os cabelos que prendeu em um coque frouxo, que agora estava se soltando. Ele saiu do túnel de acesso e subiu a escada.

— Depressa! — Nara gritou de baixo. — Eu tenho o elevador esperando. Contagem de segundos. Enviei os Pods para preparar o androide médico e eles estarão esperando.

— Ela está respirando. — Ele gritou. — Ficará bem. Está inconsciente.

Soltou o tornozelo de Mari e agarrou sua coxa, tomando cuidado com suas garras enquanto a arrastava para mais perto. Enganchou um dos braços dela e conseguiu cuidadosamente colocar o corpo mole sobre o ombro. Desceu a escada com ela. Mari não pesava muito, mas a escalada foi estranha.

— Vamos. — Nara pediu. — Precisamos levá-la para a enfermaria.

— Ela não precisa do androide. — Ele chegou ao fundo e a enfrentou. Nara parecia irritada.

— Leve-a para a enfermaria agora, Dovis! Você pode não dar a mínima se ela vive, mas nós fazemos! Isso é uma ordem. — Apontou para a porta.

Não podia permitir que o androide fizesse testes em Mari. Seria uma prova do que ele fez para salvar a vida da pequena humana. — Cathian?

— Sim, Dovis.

— Diga a sua companheira para afastar. Eu cuidei disso. Mari ficará bem... foi como na estação Max. Estou a levando para o quarto dela.

Cathian fez uma pausa por um longo momento e depois falou. — Deixe-o ir, Nara.

— Mas Cathian, ela está ferida! Ele a tem pendurada no ombro e não está se movendo.

— Nara, Dovis sabe o que está fazendo.

— Mas...

Dovis a ignorou e saiu. — Os Raxis estão nos seguindo?

—Droga, sim. — York bufou. — Mas estamos deixando-os para trás.

— Vocês ouviram Mari. — Lembrou Dovis à tripulação. — Não liguem nossos motores. Eles falharão. Vou colocá-la em seu quarto e depois vou para o comando.

Chegou ao elevador. Nara estava olhando para ele. Apertou o botão para o nível em que Mari dormia.

— Ela precisa ser vista pelo androide médico.

— Não mais. Ficará bem.

— Às vezes eu o odeio, Dovis. Você quer assumir o trabalho de todos, mas não é um androide médico. Não há como dizer o quanto Mari está ferida. Ela está com frio.

— Ela está respirando e tem um batimento cardíaco agora. Não tinha antes. O elevador parou e ele entrou rapidamente.

Nara o seguiu. — Vamos. Pare de ser um idiota. Leve-a ao androide.

Passou pela porta de acesso ao quarto de Mari e bloqueou a porta, mantendo Nara no corredor. Ele virou carregando a fêmea por cima do ombro até a cama dela, então gentilmente se curvou, usando as mãos para proteger a cabeça e as costas enquanto a deitava. Verificou a mordida novamente. Suas marcas de presas foram completamente fechadas. Tinha algum sangue ali. Olhou para o rosto dela brevemente antes de inclinar e lambê-lo.

Incomodava o jeito que ele gostava do gosto da sua pele. Sua carne era doce.

Mari soltou um som baixo. Ele afastou e ajustou a camisa rasgada para cobrir o ombro dela.

Ela abriu os olhos e piscou parecendo atordoada.

— Você está bem. — Disse a ela em um tom abafado. — Descanse. Os motores estão funcionando e estamos fugindo dos piratas Raxis. Você conseguiu.

Ela sorriu. — Eu não estou morta.

Não conseguiu evitar em provocá-la um pouco. — Você tem certeza?

— Sim.

— Alguns pensariam que estavam no inferno, acordando e vendo o meu rosto.

— Acho que não.

Ficou quieto a olhando. Não o achava feio? Assustador? Deve ser um efeito colateral do que fez com ela. — Relaxe. Fique na cama por pelo menos uma hora. Isso é uma ordem. Está se curando e levará muito tempo para voltar a cem por cento.

Ela parecia confusa. — Você me deu uma daquelas coisas super curativas que já ouvi falar? Sinto-me estranha.

Dovis hesitou, mas decidiu que a mentira era melhor. — Sim. Exatamente isso. Fique na cama, Mari. Pedirei ao computador para monitorá-la. Você se mexe, eu volto... e não quer me aborrecer.

— Estou cansada. — Ela fechou os olhos e sua respiração imediatamente diminuiu em seu sono.

Ele se endireitou e caminhou até a porta depois de dar as ordens ao computador para notificá-lo se Mari se levantasse ou se seus sinais de vida estivessem em perigo.

Nara caminhava pelo corredor. Ele levantou a mão para interrompê-la quando abriu a boca, mantendo-a quieta até que a porta se fechou atrás dele. — Há coisas que me recuso a explicar para você. Mari ficará bem. Dê uma hora e ela nunca saberá que foi ferida.

— Você não é médico. Tem formação médica?

— Eu não preciso de treinamento.

— O que significa isso?

Ele caminhou em direção ao elevador. — Eu sou necessário no comando. Mari está dormindo. Deixe-a em paz. O descanso é necessário.

— Dovis, me responda!

— Aprenda a confiar na tripulação, Nara. Mari é uma de nós agora. Eu não a feriria de propósito.

— Você é tão idiota! Diga isso para Harver. Ah, sim, você não pode... porque o espancou até ele desistir!

Ele ficou grato quando chegou ao elevador e fechou, bloqueando qualquer outra coisa que a companheira de Cathian pudesse gritar para ele.

As coisas estavam calmas quando ele chegou ao comando. York sorriu de sua posição.

— Estamos deixando os bastardos para trás. Suas naves são lentas.

Cathian olhou para ele sombriamente. — Você tem um pouco de sangue ao redor da boca.

— Merda. — York se virou em sua cadeira. — O que aconteceu? Você mordeu a língua?

— Algo assim. — Dovis limpou a boca e aproximou-se de Cathian, abaixando a voz. — A pequena humana ficará bem.

— Obrigado pelo que você fez. Eu sei que é um tabu.

— Ela é importante para você. — Ele não estava prestes a admitir que entrou em pânico quando percebeu que Mari não estava respirando e não tinha mais batimento cardíaco.

Cathian agarrou seu ombro e apertou. — Mesmo assim. Devo a você.

— Nunca. Nós somos amigos. Qual é a situação?

— Estamos deixando os piratas para trás. A estação de Grover está enviando uma patrulha para nos encontrar e se necessário, nos puxará se nossos motores falharem novamente. Estamos a uma velocidade que nos permitirá cruzar com eles em sete horas e seis minutos. Mari salvou o dia. — Cathian hesitou. — Você acha que ela os ajudou? Os piratas? É um pouco estranho que eu a tenha contratado e depois fomos atacados.

A ideia não caiu bem para Dovis. — Ela morreu reiniciando nossos motores. Bem, se esse era o plano dela, foi uma merda. Teria apenas sentado em sua bunda esperando por seus amigos atacar.

Cathian assentiu. — Eu precisava perguntar. Achava que você suspeitaria dela. Mas sua personalidade não é de alguém que nos trairia.

— Eu posso não gostar que ela esteja aqui, mas colocou sua vida em risco pela tripulação e duvido que seu androide seria capaz de salvá-la. Suspeito que o dano que ela sofreu foi muito grande. Cheirava a carne frita.

Seu amigo se encolheu. — Ainda bem que você tem habilidades milagrosas de cura.

— Vamos mudar de assunto. — Ele odiava falar ou até mesmo pensar sobre o que o tornava diferente da maioria de sua própria raça. Seu povo o abominava. Evitava. Fez dele um pária.

Ele deixou o lado de Cathian para observar o inimigo no radar. Eles estavam aumentando a distância entre eles. As naves Raxis não foram construídas para velocidade e sofreram alguns danos de York atirando neles. Quase desejou que tivessem embarcado na *The Vorge*, dando a ele uma chance de matar todos os bastardos que achavam que poderiam machucar sua tripulação.

Sua mente continuava voltando para Mari. O gosto de seu sangue ainda permanecia em sua língua e estava desconfortavelmente ciente do estado de seu pau. Semiduro.

Ele não sabia se deveria estar horrorizado ou preocupado por achá-la sexualmente atraente. Ela não era seu tipo. Muito frágil, pequena e não agressiva.

Ele tocou a tela à sua esquerda, puxou os arquivos de segurança e cancelou os protocolos de privacidade para verificar Mari dentro de seu quarto. Poderia apenas ter visto seus sinais vitais... mas ele queria vê-la.

A visão de vídeo mostrou que ela estava deitada em sua cama dormindo, na mesma posição que a deixou. Seu peito subia e descia enquanto observava.

— Quebrando regras de privacidade? Estou chocado, Dovis.

O suave sussurro de Cathian o fez sobressaltar. Ele não sabia que seu amigo estava atrás dele, estava muito focado na humana.

— Estou apenas me certificando de que Mari está bem. Disse a ela para ficar em repouso por uma hora. Seu corpo precisa se curar, mas pode se sentir bem, mesmo que ainda não esteja. Minha saliva pareceu deixá-la drogada.

Cathian riu. — Eu me lembro. Raff ficou realmente falador e legal enquanto se curava. Rindo mesmo. Era quase como se tivesse bebido muito.

Dovis assentiu. — Ela é pequena e não é de Tryleskian. Não tenho ideia de como reagirá. Por isso ativei o feed de vídeos em seu quarto.

— Entendido. — Cathian hesitou. — Você parecia irritado. Por quê?

Ele hesitou. — Algo estranho aconteceu quando a mordi.

Cathian se agachou ao lado de seu assento, apoiando o braço ao longo do topo do console. — O quê?

Dovis hesitou.

— Somos melhores amigos. Não há segredos ou mentiras entre nós. Eu contei tudo sobre mim mesmo. Fale comigo.

Dovis olhou para trás, certificando-se de que York permanecia em sua unidade do outro lado do comando. O macho Parri tinha boa audição, mas não se mantivesse a voz baixa o suficiente. — Minhas presas latejaram enquanto a mordia e eu senti ... — Ele não queria admitir isso.

— Diga-me. — Cathian se inclinou para mais perto.

— Você conhece a minha infância. Eu fui abandonado pelos meus pais depois que minha mãe me deu à luz. É vergonhoso nascer na pele, como nasci. Provou que eu era falho, um dos infelizes.

— Isso é besteira. — Grunhiu Cathian. — Seu pessoal está fodido.

— Raramente as crianças abandonadas sobrevivem. Eles morrem de fome, sucumbem aos elementos ou são mortos por animais. Mas havia uma mulher mais velha que cuidou de mim até que tive idade suficiente para me defender sozinho. Seu companheiro morreu e eles nunca tiveram filhos. Os outros aldeões a evitaram por me resgatar, dando-me comida e me deixando dormir dentro de sua casa em um colchão. Ela tentou convencê-los de que me tratava como um animal de estimação e suponho que, de certa forma, fez isso. Mas também me contou mitos sobre pessoas como eu e por que fomos odiados.

— Que tipo de mitos?

— Na minha cultura, é contra a lei usar a minha capacidade de cura com saliva e mordida. Eu tinha quatro anos quando soube pela primeira vez que a tinha. Taznia caiu, ela estava muito velha, cortou seu braço fundo. Não conseguia parar de sangrar e ninguém na aldeia a ajudaria porque era gentil comigo. O instinto assumiu e comecei a lamber sua ferida. O sangramento parou e a ferida foi fechada.

Ficou quieto reunindo suas lembranças. — Ela me fez jurar esconder o que podia fazer. Avisou que os outros me matariam se descobrissem. Ela me disse que era uma ofensa à morte porque aqueles que, como eu, não apenas tinham a capacidade de curar, mas também forçavam os outros a serem

atraídos sexualmente para eles. Algo na minha saliva poderia me tornar desejável o suficiente para tirar o livre arbítrio.

Os olhos de Cathian se arregalaram. — Já testou isso?

— Nunca. Antes de hoje, mordi Raff e ajudei Taznia aquela vez. Ela me fez jurar nunca mais fazer isso. Mantive minha palavra. Mesmo quando ficou doente e morreu.

— Raff não tentou ataca-lo, não é? — Seu amigo sorriu. — Isso teria sido divertido de ver.

— Ele não fez. — Dovis fez uma careta. — Isso não é engraçado. Eu realmente me preocupei, mas ele parecia bêbado.

— Com que você está preocupado então?

— Quando mordi Mari, foi diferente. Meu corpo reagiu a ela de uma maneira que não deveria

Cathian abriu a boca, mas fechou. Ele finalmente perguntou: — Você ficou excitado?

— Sim.

Um pequeno sorriso brincou nos lábios de seu amigo.

— Não. Não é divertido.

— Você acha que as humanas são fracas e feias. Eu disse a você que há algo incrível em Nara. Ela me excita como ninguém nunca fez. Não se sinta envergonhado se ela o deixa excitado.

— Quando Mari acordou, sorriu para mim.

Cathian parecia ainda mais divertido.

— Pare. E se o mito for verdade e ela agora se sentir sexualmente atraída por mim? Talvez isso não tenha acontecido com Raff porque ele é macho.

Cathian se levantou. — Você se preocupa demais, Dovis. Mari é um pouco estranha, pode lidar com ela. O que fez foi uma coisa boa. Vamos ficar de olho nela. — Ele olhou para a tela com um sorriso. — Bem, você vai. Ela está viva. Isso é tudo que importa. Lidaremos com tudo, se houver alguma consequência.

Dovis assentiu.

— O que vocês dois estão sussurrando?

Dovis olhou para trás, encontrando o olhar curioso de York. — Estamos discutindo se você precisa treinar armas. Não explodiu essas naves quando deveria.

York bufou. — Minhas ordens eram para mantê-las longe, não para explodi-las. E foi feito!

Capítulo 5

Mari acordou sentindo-se formidável e renovada. Lembranças do que aconteceu relampejaram em sua mente quando se sentou. Foi quando notou que sua blusa estava rasgada no ombro.

Ela franziu a testa imaginando como isso aconteceu. Talvez quando alguém da tripulação a arrastou para fora do espaço? Era apertado lá, sobre o centro dos motores.

Saiu da cama e entrou no banheiro para usá-lo e levou um tempo para tomar banho. Uma vez vestida com uma roupa limpa deixou o quarto, procurando por outro membro da equipe para ver o que estava acontecendo.

Ela andou até Midgel quando entrou na sala de jantar. A alienígena era extremamente tímida, mas amigável. — Estamos a salvo dos piratas?

Midgel assentiu. — Encontramos com os outros e os motores ainda estão funcionando. Ouvi dizer que terão a peça que precisamos na estação para a qual vamos. Como você está?

— Estou bem. Com fome. Você se importa se comer as sobras? Não senti vontade de usar o replicador no meu quarto. Sua comida é muito melhor do que aquela que produz, mesmo que esteja fria. Eu sei que ainda não é hora das refeições.

— Você fez os motores funcionar, Mari. Farei algo para você.

— Não precisa se incomodar.

— Eu quero. Sente-se.

Mari sorriu e sentou-se. Midgel desapareceu em sua cozinha. Nenhuma tripulação era permitida lá, a menos que um reparo fosse necessário. Nara disse que Midgel guardava seu espaço na cozinha como se fosse tesouro.

Dez minutos depois, a mulher tímida voltou carregando um prato de carnes e legumes cozidos. Cheirava delicioso.

— Obrigada.

— Você é bem-vinda. — Midgel correu para longe depois de trazer uma bebida e não voltou.

Mari comeu e colocou os pratos vazios no lavador perto da cozinha, indo para a sala de máquinas em seguida. Ninguém estava lá embaixo. Subiu a escada, entrando no espaço. O painel permanecia aberto e ela olhou para dentro, lembrou-se de desmaiar. Doeu muito.

O acoplamento U que ela manipulou permanecia no lugar, energia azul fluindo sobre ele. Recuou, arrastou-se para fora e decidiu deixar a caixa de ferramentas lá, já que precisaria substituir a peça logo de qualquer maneira.

Em seguida, foi para a manutenção, olhou em choque para o seu armário aberto e as novas roupas que estavam penduradas lá dentro. Não eram apenas para o trabalho, mas também para os tempos de folga.

Dovis disse que arrumaria uma jaqueta e outras coisas para ela. Ele não mentiu. Até o traje de fogo parecia ser do tamanho dela. Era brilhante e a roupa mais bonita e mais cara que já possuiu. Era relacionado ao trabalho, mas isso não importava. Poderia salvar sua vida um dia.

Ela piscou de volta as lágrimas. A tripulação se importava com ela.

— Mari, é o Capitão Cathian. Estamos na sala de jantar esperando você se juntar a nós. Apresente-se agora.

Começou a ouvir a voz dele saindo pelos alto-falantes. Virou-se correndo em direção ao elevador mais próximo. Não estava usando um comunicador, estava tentando entrar em contato com ela por muito tempo? Parecia bastante irritado.

Ela correu quando chegou ao nível da sala de jantar e entrou, levemente sem fôlego. O Capitão Cathian permanecia na porta com os braços cruzados sobre o peito largo, uma expressão severa no rosto. Nara estava ao lado dele com uma expressão igualmente irritada.

— Sinto muito.

De repente, ele sorriu. — Pelo quê? Salvar nossas vidas?

Ele saiu do caminho e ela percebeu que toda a tripulação se reunia dentro da sala de jantar. Até mesmo o silencioso Raff, que nunca falou com ela ou olhou em sua direção, estava ali. Estavam todos olhando para ela, incluindo os Pods.

Nara foi para a frente. — Você não pode perder sua festa.

— Minha o quê? — Ela estava atordoada.

— Estamos comemorando não sermos invadidos por piratas porque você salvou o dia!

— Tecnicamente ainda é noite. — Gritou Marrow. — Eu estava dormindo até que fui acordada. Ela salvou a noite e depois o dia.

Mari não sabia o que dizer, exceto a verdade. — Estava apenas fazendo o meu trabalho.

— Você fez mais do que isso. — Nara a segurou, levando-a para as mesas onde a tripulação estava sentada. — Pedi Midgel para fazer um bolo.

— Eu nunca tive um bolo antes.

Nara congelou, olhando para ela com os olhos arregalados, então seu lábio inferior tremeu. — Nunca? E suas festas de aniversário?

— Não tive festas. Por que compraria bolo para os meus aniversários?

Nara a soltou e apontou para um assento. — Darei a você uma bebida. Eu também preciso. Uma forte. — Ela saiu resmungando algo em voz baixa.

Marrow perguntou: — Você quer caçar seus pais e matá-los? — Seu olhar seguiu Nara.

— Você é uma merda em conversa de garotas, lembra-se? Apenas feche a boca. — Disse isso tão baixo que Mari não ouviu. — Obrigado por transmitir isso.

Marrow franziu a testa olhando para York. — O que eu fiz?

York bufou. — Todos nós odiamos seus pais, Mari. Você deveria saber disso.

Encolheu os ombros, não ofendida. — Não gosto deles também. — Não era nenhum segredo que seus pais a venderam aos Teki.

— Sente-se. — Ordenou o capitão Cathian.

Sentou-se ao lado de York. Ele era simpático e sempre bom para ela. — Você fez bem, Mari.

— Obrigada. — Ela estava um pouco embaraçada com toda a atenção. Seu olhar foi para Dovis no canto. Ele se sentou longe de todos, muito parecido com Raff. Mais flashes retornaram... ele se inclinando sobre ela, dizendo para ficar na cama.

Isso realmente aconteceu? Não tinha certeza. Bem, se não, era estranho que sonhasse com Dovis.

Midgel saiu da cozinha com uma grande coisa branca e redonda. O aroma de frutas encheu o lugar quando ela o colocou sobre a mesa, sorrindo. — Bolo de frutas. É um dos favoritos da tripulação. Espero que você goste.

Mari olhou para ele, sem saber o que fazer.

Nara voltou com dois copos, colocando-os na mesa e pegou uma longa faca de Midgel. A tímida cozinheira fugiu, retornando com mais talheres e pequenos pratos. Mari observou enquanto Nara cortava a comida redonda em fatias e colocava nos pratos, empurrando em sua direção. Ela pegou um garfo e comeu um pequeno pedaço.

A doçura e o sabor das frutas brilhantes inundaram sua boca.

— Isso é bom!

— Bolo sempre é. Quando é seu aniversário? Você deveria ter um a cada ano.

Mari encolheu os ombros. — Eu não sei. Meus pais nunca me contaram ou mencionaram a data em que nasci.

Nara abriu a boca, mas depois a fechou parecendo irritada novamente.

— Podemos nomear uma data. — Disse o Capitão Cathian gentilmente, sentando-se ao lado de Nara. — Calma, Nara. Seu rosto está fazendo aquela coisa vermelha que me deixa preocupado.

— Tudo bem. — Nara forçou um sorriso. — O dia em que você foi libertada pode ser sua data oficial de nascimento agora. Todo ano, vamos celebrá-lo com um bolo. Muito disso, para compensar todos os anos que você perdeu. Sabe quantos anos você tem?

Ela balançou a cabeça. — Não. Talvez vinte e cinco? Não tenho certeza.

Nara rosnou.

Surpreendeu Mari. — Eu não sabia que os humanos faziam esse som.

— Estou acasalada com um tryleskiano. Aprendi com ele.

O Capitão Cathian riu. — Ela até levanta o lábio superior para mostrar os dentes suaves para mim, se está realmente irritada. É adorável. Sabe quantos anos você ficou com os Teki?

— Não. Acho que quinze anos, no entanto. Apenas sei com certeza quantos anos tinha quando fui vendida. Eles pechincharam muito sobre o preço e minha idade era parte disso. Era jovem demais para ser uma escrava sexual para o bordel da estação, porque ofenderia alguns clientes. A maioria dos humanos que os Teki compram são enviados para lá. Foi quando decidiram me colocar em reparos no motor. Era pequena o suficiente para caber dentro de eixos propulsores e poderiam me colocar em poços para limpá-los. Deveria me transferir para o bordel quando fizesse dezesseis anos, mas K'pa, o Teki que me comprou, notou quanto trabalho eu podia fazer. Ele me manteve em reparos em vez disso. Disse que era mais valiosa fazendo esse trabalho.

Um rosnado veio do outro lado da sala. Virou a cabeça e viu que era Dovis. Novamente. Ele não olhou para cima, mas parecia furioso como de costume.

Ela olhou para o restante da tripulação. Suas expressões furiosas espelhavam as de Dovis. Ela pensou em como o trabalho com os motores era perigoso e percebeu que eles não gostavam da ideia de uma criança estar em risco.

— Sobrevivi. Eu fui esperta e aprendi rápido. É apenas arriscado ficar muito tempo dentro de um dos poços, porque você fica sem oxigênio na máscara. Foi muito bom poder ficar nos reparos. Não queria ser uma prostituta no bordel. — Não sentia vergonha em admitir isso. — Trabalhava duas vezes mais que todos os outros para evitar ser enviada para lá.

Nara estendeu a mão e segurou a dela. — Não admira que estivesse disposta a dar a sua vida pela nossa. Pobrezinha. Você não percebe o quão importante é. Bem, essa merda mudou. Faz parte da tripulação da *The Vorge* agora. Você é importante, Mari. Não mais acrobacias malucas como a que fez esta manhã. — Ela lançou um olhar na direção de Dovis. — Alguém a impedirá da próxima vez.

— Cheguei tarde demais. — Protestou ele. — Eu a teria parado. Ela já estava abaixada quando a alcancei e a tirei do poço.

— Recusou-se a levá-la ao androide. — Apontou Nara. — Em vez disso, você a levou para o quarto.

York limpou a garganta. — Sem brigas, tripulação. Acabou bem. Na pior das hipóteses, esses piratas teriam nos atacado e estaríamos todos mortos. Somos uns malditos filhos da mãe. Eu, Cathian, Raff e Dovis, teríamos matado todos eles. Não arrisque sua vida novamente, Mari.

— O que eu sou? Invisível? Posso lutar, seu idiota azul. — Marrow explodiu. — Adicione-me a essa lista.

— E Marrow. — York resmungou. — Embora ela fique chateada quando o sangue espirra nela. Estou me referindo a Angus Twelve.

Ela rosnou para ele. — Não foi o sangue que me incomodou quando você precisou matar os dois traficantes de escravos que tentaram me agarrar nessa corrida de suprimentos. Não tive nenhum problema com o sangue deles. Foi a cabeça que você jogou no meu peito! Isso foi nojento.

— Eu não queria acertá-la. Apenas voou assim quando matei o escravista. — York sorriu.

Marrow revirou os olhos. — Claro.

— Sem mais brigas. Mari deve pensar que somos selvagens. — O Capitão Cathian sorriu. — Ninguém compartilha histórias de Raff. — Ele piscou para ela. — Cuidado com os silenciosos. — Ele sussurrou alto.

Raff bufou do outro lado da sala, mas não disse ou respondeu de outra maneira.

Mari gostou de seus novos colegas de tripulação.

Os Pods chamaram sua atenção quando se viraram sorrindo.

Um falou. — Eles também gostam de você.

Relaxou e sorriu acreditando no Pod. Não achava que ele mentiria para ela.

Seu olhar foi para Dovis novamente. Ele a levou para o quarto? Essa lembrança de acordar para encontrá-lo pairando sobre ela deveria ser verdade. Precisava o agradecer.



Dovis mexeu sua comida ignorando o resto da tripulação agora que eles davam a Mari seu bolo e estavam jantando. Relaxou em sua cadeira. Ela não

agia de forma estranha, nem mesmo prestava muita atenção nele. Os mitos que Taznia contou, provavelmente eram besteira. Ele temia que Mari mostrasse um maior interesse nele. Seus medos desapareceram.

Estava feliz por ter mordido e a curado, no entanto. Sem arrependimentos.

A tripulação ria e conversava. Ele olhou para Raff, o outro membro da equipe que não gostava muito de socializar. Ele tinha seus próprios problemas. Dovis não conhecia todos, mas descobriu o suficiente. Ser o filho bastardo do tio de Cathian deveria ser duro.

Raff parecia com os Tryleskianos, mas não era um. Sua mãe era de uma outra raça alienígena, uma mulher com quem seu pai passou tempo quando ficou parado em um planeta por cinco meses depois de um acidente com sua nave. Uma vez que seu pai foi resgatado, não quis reivindicar a ela ou o filho que carregava dentro de seu corpo. Os exames médicos mostraram apenas um bebê. Para um tryleskiano, isso era uma vergonha, já que suas fêmeas sempre carregavam entre duas e cinco crianças durante a gravidez.

Raff foi criado no planeta perigoso de sua mãe. Quando Cathian soube dele, *The Vorge* fez uma parada em Gluttren Four para encontrar a criança já crescida. Era a droga de uma colônia. Raff era um assassino, alto e musculoso. Eles se aproximaram dele oferecendo um emprego na tripulação e Raff concordou, ansioso para escapar da vida de crime.

Dovis levantou-se e conseguiu uma segunda porção do jantar. Ele manteve sua atenção focada em sua comida quando retomou ao seu assento, escondendo.

Surpreendeu-o quando uma pequena mão de repente segurou seu ombro.

Ele virou a cabeça olhando para Mari. Ela franziu a testa, suas narinas dilataram quando cheirou e então se surpreendeu inclinando até esconder o rosto contra sua garganta.

Ela inalou ruidosamente. — Você cheira muito bem.

— Que merda? — Ele se afastou e quase caiu da cadeira, afastando-a de seu aperto. Ele olhou para Cathian esperando o Capitão rir. Seu amigo podia aliviar o ambiente com uma piada.

Em vez de um sorriso, Cathian abriu a boca e arregalou seus olhos. Ele parecia preocupado em vez de divertido.

Mari perseguiu Dovis até que suas costas atingiram a parede. Sua cabeça apenas chegava no alto do seu peito. Ela colocou as mãos nele e se inclinou, cheirando novamente. Realmente esfregou o rosto nele!

Seu perfume o atingiu quando respirou fundo. Ela estava fortemente excitada.

Ele agarrou os braços dela tomando cuidado com suas garras e a segurou longe. — Cathian!

O Capitão pulou da cadeira e aproximou-se de Mari, agarrando-a pela cintura e puxando para longe dele. — Merda.

— Merda com certeza. — Dovis se sentiu em pânico ao olhar para Mari. Ela estava olhando para ele com um olhar confuso, mas ainda estendeu a mão tentando tocá-lo novamente. Ele se esquivou dos dedos dela.

— Por que você cheira tão bem? — Ela franziu a testa.

— Você lida com isso. — Ele disse ao amigo, então fugiu.

Ele saiu correndo da sala de jantar e foi direto para seu quarto.

A corrida não ajudou, então foi até o computador, mostrando os sinais de vida. Cathian, Nara e Mari estavam visitando o androide médico.

Uma nova preocupação o atingiu. E se o androide fizesse exames de sangue e houvesse provas do que fez? Os Amarai poderiam ouvir e colocar uma recompensa sobre ele. Apenas porque não sabiam viajar pelo espaço não significava que não tinha aliados em outros planetas.

Cathian era um Embaixador do seu planeta. Ele se sentiria obrigado a entregar Dovis a eles? Não. Cathian se recusaria e lutaria se seus líderes do planeta exigissem que o fizesse. Isso causaria problemas para toda a tripulação, no entanto.

Ele rosnou, fechando as leituras e começou a caminhar novamente.

Parecia que uma hora se passou antes de sua porta tocar. Ele correu e abriu. Cathian esperava no corredor.

— Entre aqui. Por que você foi ver o androide? Diga que não fez exames de sangue.

— Acalme-se. Eu fiz testes, mas não gravei nada. Eu sei porque isso seria uma má ideia. Também tive que apagar toda a consulta e tudo que descobri. As informações do dia inteiro foram removidas para evitar o upload para o nosso banco de dados.

Dovis suspirou de alívio. — O que você descobriu?

— Sabe sobre meu cio e o meu segundo coração…

Dovis assentiu.

— Uma amostra de sangue de Nara mostrará meu DNA em seu sistema. O mesmo mostrou em Mari com o seu.

Ele ficou boquiaberto. — Estou acasalado com ela? É isso que você está dizendo? É impossível.

— Fique calmo. Nós não fizemos nenhum teste em Raff depois que você o mordeu, para esconder o que fez para salvar sua vida. Ele pode ter traços do seu DNA também por um tempo. O androide acredita que há duas possibilidades.

Ele sentiu-se mal. — O quê?

— Seus traços de DNA eventualmente desaparecerão dela ou se tornarão permanentes, como algumas raças fazem quando se acasalam ou se prendem à vida.

Dovis rosnou, virou-se e foi até a parede. Socou-o com força.

— Não destrua seu quarto. Mandei Raff tirar uma amostra de sangue. O androide testará para ver se seu DNA permaneceu em seu corpo ou não. Não seria bom.

Ele virou olhando para Cathian.

Seu amigo teve a coragem de sorrir. — Não se preocupe. Bem, se seu DNA ainda estiver em Raff, duvido que ele queira reivindicar direitos de primeiro encontro com você. Prefere mulheres, a julgar pelas escolhas de bordéis que fez nas poucas vezes em que as visitou. Eu vi os gastos dele na conta da *The Vorge*. Apenas mulheres.

— Isso não é engraçado. Os Amarai apenas podem se acasalar com o esperma, quando estamos no cio. Nunca com uma mordida.

— É um pouco divertido. — Cathian sentou-se em cima da mesa. — Você sabia que era diferente da maioria de sua raça. Talvez seja por isso que matam pessoas como você por morder. Talvez seja mais do que forçar uma mulher a sentir desejo, pode acasalar-se com uma mordida. Merda, poderia ser capaz de acasalar com um bando de pessoas, em vez de apenas uma. Sabemos que isso deixa as mulheres, pelo menos sexualmente atraídas por você. Mari ficou altamente excitada pelo seu cheiro. Raff já bateu em você?

— Não!

— Você já esteve perto dela a qualquer momento antes de mordê-la? Talvez apenas goste de você.

— Eu fiquei perto dela, mas ela apenas sentiu medo.

— Não mais.

— Pare de sorrir. Não é engraçado! — Ele queria socar Cathian.

Seu amigo ficou sombrio. — Raff relatará quando souber os resultados. O androide não manterá um registro de sua visita ou resultados de testes.

Dovis andava de um lado para o outro. — O que você disse a Nara? Eu sei que ela estava com você e Mari quando você visitou o androide.

— Eu disse a ela que você salvou a vida de Mari, mas isso significava que sua vida poderia estar em perigo, que isso poderia fazer com que tivesse uma recompensa sobre sua cabeça. Isso foi o suficiente para ela concordar em ficar calada sobre seu DNA ser encontrado na corrente sanguínea de Mari. Ela fez perguntas, é claro, mas disse que seus segredos eram seus e não meus para compartilhar.

A porta soou. Cathian se levantou e abriu deixando Raff entrar. O macho entrou e olhou para Dovis. Ele balançou sua cabeça.

Dovis suspirou. — Nenhum traço?

— Nenhum. — Confirmou Raff.

— Lá vamos nós. — Cathian sorriu novamente. — Seus traços de DNA irão desaparecer do sistema de Mari. É apenas porque recentemente a mordeu. — Ele riu e bateu o ombro de Raff. A semelhança familiar era óbvia com eles em pé juntos. — Estava zombando dele sobre como você poderia querer reivindicá-lo como um companheiro se estivesse carregando o DNA.

Raff rosnou baixo quando olhou para Cathian.

— Ele se sentiu tão emocionado com a ideia. — Cathian balançou a cabeça enquanto se afastava de Raff. — Nenhum de vocês tem senso de humor. Tudo ficará bem. Apenas evite Mari até que essa reação a ela desapareça, Dovis. Isso não deve ser um problema, já que odeia pessoas. — Ele olhou de volta para Raff e riu novamente. — Ainda bem que você não está carregando o DNA dele. Ela poderia pensar que você cheira bem o suficiente para foder também.

Com isso, Raff se virou e saiu da sala.

Dovis estendeu a mão e esfregou a orelha esquerda. — Seu primo provavelmente a teria matado. Ele não é um homem amigável.

— Quem pode culpá-lo depois da vida que teve? Fico feliz que goste de nós.

— Você tem certeza que gosta? Ele raramente fala. Eu nunca sei o que está em sua mente.

Cathian hesitou. — Ele nunca tentou matar nenhum de nós. Eu sei que se sente grato por tirá-lo do planeta infernal em que nasceu e cresceu. Você salvou a vida dele uma vez. York diverte-o às vezes, porque eu o vi sorrir uma ou duas vezes por suas travessuras. E Raff parece francamente maduro ao redor das mulheres.

— Meu tio pode tê-lo abandonado, mas sua mãe permaneceu até que a morte a levou. Passei por suas malas quando ele embarcou na *The Vorge*, para ter certeza de que não tinha drogas. Disse-lhe que era necessário um exame médico para uma nova equipe. Sabe como é Gluttren Four. Eu procurei em

suas malas enquanto ele estava na baia médica. Temia que estivesse viciado em alguma coisa, mas a corrente sanguínea dele estava limpa, assim como as malas. Havia fotos e alguns pertences pessoais de sua mãe dentro. Ele se importava muito com ela.

— E seu tio?

— Você sabe o que a morte parece para Raff?

Dovis sabia muito bem e assentiu.

— Eu nunca deixarei os dois se encontrarem. Backi merece morrer por abandonar uma mulher grávida. Ele mostrou honra zero ao fazê-lo. Ele é da mesma ninhada do meu pai, no entanto. Meu pai e a família cobriram tudo. Gluttren Four é conhecido por sua alta população de raças mestiças que ninguém quer reivindicar. A mãe de Raff é de pelo menos cinco espécies diferentes. Meu pai apenas me contou sobre Raff para o caso de sua mãe ou sua família alguma vez contatarem o Embaixador. — Ele apontou para o próprio peito. — Para registrar uma queixa de que a criança foi abandonada por um Vellar. Enfureceu-me quando soube o que Backi fez.

— Eles já apresentaram alguma queixa a alguém que manteve sua posição antes de você aceitar?

— Desconhecido. Não há registro disso. Mas não significa nada. Eu te disse, minha família cobriu tudo. Backi teria ficado envergonhado se alguém soubesse que teve um filho com o que consideram uma fêmea mutante. Lembra como meu pai reagiu a Nara? Ela é apenas humana e não uma raça mista de várias espécies.

— Seu povo é idiota... mas o mesmo acontece com o meu.

— É por isso que *The Vorge* é a nossa casa e nós somos uma família. — Cathian sorriu. — É uma pena que Raff não seja seu companheiro. Nós estaríamos realmente relacionados.

— Foda-se você. Isso ainda não é engraçado.

— Apenas evite Mari. Tenho certeza de que a reação dela a você desaparecerá. — Ele caminhou até a porta, mas parou, voltando-se para segurar o olhar. — Sabe… poderia ser pior do que ser acasalado com uma humana. Nara me faz feliz como minha companheira. Talvez você deva tirar proveito da atração atual e manter o vínculo ativo, até que entre no calor e possa se ligar a ela para sempre. É uma engenheira de manutenção muito boa.

— Saia.

Cathian riu quando saiu. — Eu vou ter uma conversa com ela sobre se manter afastada de você.

Dovis começou a se mover novamente depois que as portas se fecharam o deixando sozinho. Poderia evitar a pequena humana. Apenas esperava que ela parasse de se sentir atraída por ele em breve.

Capítulo 6

O Capitão Vellar fez Mari se sentar. Seu escritório era bom, mas era onde ele realizava reuniões oficiais. Sentiu-se nervosa e preocupada quando olhou para ele por cima de sua grande mesa. — Você vai me demitir? — Ela soltou seu pior medo.

— Não. Claro que não.

Ela queria o agradecer profundamente e abriu a boca para fazê-lo. O pensamento de ter que sair da *The Vorge* era o suficiente para lhe dar pesadelos. Os traficantes de escravos a pegariam e seria vendida de volta à servidão. Ele falou antes que ela pudesse.

— Você faz parte da minha equipe, Mari. Também fez uma coisa muito corajosa ao fazer nossos motores funcionarem. Chegaremos na estação Grover em uma hora e a peça será entregue. Você precisa de ajuda com a instalação?

— Não. É muito fácil e básico.

— Quanto tempo vai demorar?

Ela pensou por um momento. — Três horas no máximo. Terei que limpar o suporte do cabeçote primeiro, após eu manipular um para funcionar.

Será uma confusão quando você desligar os motores e precisa de tempo para esfriar.

Ele se inclinou para frente e apoiou as mãos na mesa. — Posso confiar em você, Mari?

— Claro que pode. Minha vida está em suas mãos.

Isso não pareceu agradá-lo, então franziu o cenho. — Eu não sou seu novo dono.

— Minha vida ainda está em suas mãos. Eu não sei o que faria se você me demitisse e me mandasse embora da *The Vorge*. Os traficantes de escravos me encontrariam rápido. Sei que sou fraca e indefesa, mas compenso por ser uma boa trabalhadora. Também sou leal. Nunca faria nada para prejudicá-lo ou trair sua confiança.

— Maldito Teki por rotulá-la como uma dessas coisas. Os humanos são uma raça forte. — Levantou, contornou a mesa e sentou mais perto na beirada. — Estou prestes a lhe dizer coisas que não entenderá..., mas não posso oferecer mais explicações. Apenas preciso que aceite e mantenha em segredo. Nem mesmo outro tripulante pode saber. Incluindo Nara. Você entende?

— Sim. Dou minha palavra. Juro pela minha vida. — Ela inclinou a cabeça e ofereceu a palma da mão a ele endireitando o braço.

— Que merda é essa?

Ela olhou para cima. — Aceito a dor para provar meu compromisso.

— Foda-se. — Ele rosnou. — Ninguém na *The Vorge* vai machucá-la. Coloque seu braço para baixo.

Ela abaixou os braços.

O Capitão suspirou. — Aqui está o essencial. Dovis salvou sua vida. Eu não posso dizer como. Mas é perigoso para ele se alguém descobrir e é por isso que está se sentindo atraída por ele. Vai desaparecer, Mari. Não faça perguntas. Mais uma vez, não posso respondê-las. E Dovis não irá. Ele a evitará até que a atração física que você sente pare, mas é melhor que esteja ciente disso. É o resultado do que ele fez para salvar sua vida.

Lembrou-se de como tentou agradecer a Dovis no refeitório, por puxá-la para fora daquele espaço e de repente, queria tocá-lo. Mais que isso. Ela se esfregou contra ele, a necessidade de tocá-lo era tão forte que se tornou uma dor física. Seu corpo ficou louco. Nada disso aconteceu com ela antes.

Suas bochechas queimaram com o calor ao se lembrar e ela baixou o olhar para o colo.

— Entende, Mari? Coisas secretas que devem permanecer assim. Você não estava respirando e seu coração parou no momento em que ele chegou até você. Deve a Dovis sua vida e seu silêncio.

Forçou a cabeça para cima, atordoada. Ela havia morrido?

O capitão pareceu ler seus pensamentos ou talvez apenas o choque em seu rosto.

— Dovis é especial. — Explicou. — Diferente. É um crime entre o seu povo que ele possa fazer isso. É mais do que precisa saber e nunca deve contar a ninguém o que aconteceu. Eles podem enviar pessoas atrás dele. — Fez uma pausa. — Para matá-lo. Somos leais um ao outro na *The Vorge*. Uma família. Nós nos protegemos. Foi por isso que ele se recusou a deixá-la morrer. Você é uma de nós agora. Dá-me sua palavra de que ficará em silêncio?

— Sim. Eu juro. — Ela se lembrou de quando viu Dovis se transformar. O Capitão sabia que ele poderia fazer isso? Não estava prestes a perguntar, apenas no caso de não. Imaginou que deveria saber, porque disse que Dovis era especial. Ela sabia que eles eram amigos íntimos. — Não precisa sequer me torturar.

O Capitão sorriu. — Você é estranha, Mari. Ninguém vai torturá-la, mas fico feliz que tenha dado sua promessa. Apenas o evite e tudo ficará bem. E se alguém perguntar, diga que teve uma reação estranha ao bolo de frutas para explicar por que agiu daquela maneira com ele na sala de jantar.

Ela imediatamente se entristeceu. — Ok.

— O quê?

Encontrou seu olhar. Ele parecia legal. — Eles não me deixarão comer mais bolo de frutas silvestres. Estava bom.

Ele riu. — Diga a eles que foi a bebida que Nara lhe deu, então. Aposto que foi seu primeiro gosto de vinho.

— Isso foi. Os Teki não dão aos escravos nenhuma comida ou bebida especial.

— Culpe o vinho. Odeio o gosto daquele. Nara adora, mas é muito doce. Existem vários tipos que ela me pediu.

— Realmente muito doce.

— Aqui vamos nós. Temos uma razão para oferecer se alguém perguntar por que praticamente molestou Dovis. — Ele sorriu. — Pode alegar ter ficado chocada quando o tocou como uma razão pela qual não bateu em você. Não são muitas as mulheres atraídas por ele.

Suas bochechas se aqueceram novamente. — Por favor, dê a ele minhas desculpas. Eu não sei o que aconteceu. Nunca me senti assim antes. Nunca. Foi tão confuso. Meu corpo fez coisas estranhas. Tenho evitado os Pods desde que aconteceu. Eles provavelmente sabem o que eu estava pensando e o que queria fazer.

O Capitão Vellar riu. — Os Pods guardam todos os nossos segredos. Não se preocupe com eles. Eu os salvei da morte. Podem ser confiáveis.

Ela estava curiosa, mas não perguntou.

— Esse não é um segredo. Pods são normalmente protegidos em seu planeta, mas às vezes alguns gananciosos ou poderosos vendem sua própria espécie para outras raças alienígenas. Normalmente, quando a família Pod não está bem conectada a muitos outros. Ninguém se importa se um pequeno grupo deles desaparecer. Nossos Pods foram capturados e vendidos para um criminoso que usou suas habilidades de maneira horrível. Eles foram

escravizados. Foram forçados a ler as mentes dos inimigos de seu mestre e então, tiveram que vê-los morrer de maneira repulsiva.

— Pods são seres gentis. Foi incrivelmente difícil para eles viverem dessa maneira. Foram bombardeados com pensamentos de medo e sofreram a cada momento em que estavam em cativeiro. Nós estávamos na estação Max quando os encontramos. Eles se aproximaram de nós depois de ler nossas mentes e pediram ajuda, tendo escapado da guarda. Eu lhes dei segurança na *The Vorge*, o criminoso nos atacou, vencemos e agora eles fazem parte da minha tripulação, não são mais torturados ou mantidos contra a vontade deles. Eu me ofereci para devolvê-los ao planeta, mas temiam ser vendidos novamente. Aqui, estão seguros e felizes. Como eu disse, a tripulação é uma família na *The Vorge*. Nós nos protegemos.

— Obrigada por me contar sobre eles e por me salvar também. Minha vida na estação de reparo Teki se tornaria muito difícil se você não tivesse me contratado.

— O Teki não a vendeu para mim. Ele apenas queria ter certeza de que estivesse segura e bem paga. Foi um grande negócio para mim, porque suas habilidades são incríveis. Temos a sorte de tê-la.

Ela sorriu feliz pelo elogio. — Obrigada.

— Estamos atracando com a estação Grover em uma hora. Eles têm a peça que precisamos. Uma vez entregue e instalado, você pode tirar o restante do dia. A estação é grande e tem ótimos locais de entretenimento. — Ele fez uma pausa. — Eles têm bordéis com homens, tenho certeza, se essa

for sua preferência. Carregue qualquer coisa que quiser comprar na conta da *The Vorge*. Tiraremos o que gastar do seu pagamento.

Ele se levantou e sorriu. — Apenas não gaste todos seus créditos. Eu também peço para usar um comunicador de pulso e uma das roupas com o adesivo que a identifica como parte da minha equipe. Duvido que alguém seria estúpido o suficiente para mexer com você então. Também pode pedir para acompanhar Midgel. Ela está sempre procurando um membro da equipe para acompanhá-la enquanto está de licença. Também é tímida..., mas esteja avisada, vai arrastá-la para comprar temperos raros.

— Eu não preciso sair da *The Vorge*. — Ela abaixou o olhar. — Também não tenho necessidade de visitar um bordel. Eu nunca... quer dizer... nunca.

O silêncio entre eles aumentou e ela o olhou.

Ele ofereceu um pequeno sorriso. — Oh. Você nunca fez sexo?

— Não. Os Teki me protegeram bem.

Sua expressão endureceu. — Não é sempre pela força. Eu esqueço às vezes que você era uma escrava e como sua vida deve ter sido. Entendo que os outros escravos a deixaram em paz?

— K'pa deixou claro que ele me valorizava como seu trabalhador mais duro. Os outros escravos sabiam que seriam mortos ou duramente punidos se me machucassem. Lutei e me libertei quando alguns dos machos tentaram me tocar. Eles imediatamente recuaram.

— Sou grato por isso.

— Eu também. — Ela hesitou. — Posso perguntar uma coisa?

— Certo.

Ela sentiu-se corajosa e sentou-se na cadeira. — Você está acasalado com uma humana. Eu poderia perguntar a Nara, mas... é sobre o que aconteceu com Dovis.

— Eu não posso responder a perguntas sobre Dovis.

— Não é o que ele fez para me salvar. É sobre como me senti.

Seus olhos se arregalaram e sentou-se de volta na mesa. — Pergunte.

— Meu corpo fez coisas estranhas. Isso é normal ou é apenas por causa de Dovis?

— A sensação de ser fortemente atraída por ele sem aviso... isso foi Dovis.

Ela abaixou o queixo, incapaz de olhá-lo mais. — Meus mamilos ficaram duros e me senti molhada, latejando entre as pernas. Isso também foi Dovis? Ou normal?

Ele limpou a garganta levemente. — Os Teki nunca tiveram nenhuma conversa com você sobre sexo, não é?

— Não.

O Capitão suspirou. — Eu não estou exatamente qualificado para isso. — Ele limpou a garganta novamente. — Tudo o que você descreveu soa perfeitamente natural para um humano experimentar quando sexualmente excitado. Talvez possa mencionar para Nara que nunca fez sexo e não sabe nada sobre isso. Ela é adequada para ter essa conversa com você. Apenas deixe toda menção de Dovis fora disso.

— Obrigada.

O Capitão Vellar mais uma vez rodeou a mesa. — Você pode ir agora. O novo acoplamento U deve ser entregue por York ou Raff para você na sala de máquinas em breve. Deixe qualquer um deles saber se precisar de ajuda. Apenas não chame Dovis.

— Não irei. — Ela se levantou e fugiu, feliz que ele não a demitiu.

A outra emoção que sentiu foi gratidão, por ser parte da tripulação da *The Vorge*.

Lembrou-a de que devia a vida a ele. Poderia não ser capaz de chegar perto dele, mas podia pensar em maneiras de recompensá-lo por salvá-la.



Dovis chegou em seu quarto depois de deixar o comando e viu um pacote no chão em frente à sua porta. Ele franziu a testa farejando o ar. O leve cheiro de Mari encheu seus sentidos.

Inclinou-se o pegando. Sentiu um outro aroma e seu estômago roncou imediatamente. Abriu a parte de cima da caixa e olhou para as tortas de carne dentro. Havia uma dúzia delas.

Abriu sua porta, entrou em seu quarto e usou o comunicador para contatar Midgel, já que ela era a única que fazia as tortas e sabia o quanto adorava. Ela respondeu.

— O que é isso?

A mulher tímida sorriu. — Mari está me construindo uma gaveta para manter a comida quente e instalará mais tarde hoje. Em troca, ela me pediu para fazer sua comida favorita. Eu fiz as tortas em troca disso. Estão boas?

Ele colocou a mão dentro da caixa e comeu uma fechando os olhos de prazer enquanto mastigava. — Perfeito.

— Aproveite. — Midgel terminou a ligação.

Ele engoliu e entrou em contato com ela novamente. — Por quê?

— Por que o quê?

— Por que Mari pediu que você fizesse isso para mim?

— Eu não perguntei. Tudo o que importa é que terei a gaveta de aquecimento. Isso tornará minha vida mais fácil. — Ela rapidamente cortou a comunicação novamente.

Rosnou comendo outra torta pequena. Eram suas favoritas. Midgel apenas fazia para ele quando precisava de um favor, o que era raro.

A campainha da porta tocou e ele colocou a caixa no chão e aproximou-se a abrindo.

Raff estava ali parado, parecendo irritado. Segurava um de seus preciosos cobertores de pele Jorki.

Olhou para ele antes de franzir a testa. — O quê?

Raff suspirou e jogou para ele. Ele pegou. Raff apontou e disse. — Seu. — Então se virou para ir embora.

— Espere! Por que você está me dando um de seus cobertores? Procura por eles toda vez que estamos perto de Gluttren Four porque jura que são a coisa mais suave que existe.

Raff se virou e afastou. — Duas palavras: luzes azuis.

Dovis franziu a testa mais profundamente. — Eu não entendo.

— Eu gosto das luzes azuis da sala de observação. Mari está colocando no meu quarto. Entendeu?

Dovis correu os dedos pelo cobertor luxuoso. — Então... por que me dar um de seus cobertores?

Agora ele parecia irritado. — Pergunte a ela. Eu recebo luzes, você fica com o cobertor. — Então suspirou. — Ela gosta de você, Dovis. Não seja um idiota. Mantenha ela. Você é tão falho quanto eu. Pode ser sua única chance de ter uma companheira.

— Seus sentimentos não são reais. Eles são apenas porque a mordi.

Raff se aproximou. — Eu não quis foder sua bunda feia e você me mordeu. Livra do pelo e a seduza enquanto tem sua atenção, idiota. Espero que você seja um grande pegador para compensar sua personalidade de merda.

Ficou surpreso e rapidamente estendeu a mão agarrando Raff pelo braço quando tentou se afastar.

Raff parou olhando para a mão antes de arquear uma sobrancelha.

— Livrar do pelo? — Dovis ficou alarmado. Ele não deveria saber que podia mudar. Cathian não trairia sua confiança.

Raff sorriu. Foi uma visão assustadora. — Eu sobrevivi crescendo e aprendendo tudo sobre as pessoas ao meu redor, encontrando suas fraquezas e segredos. — Ele retirou seu braço da mão de Dovis. — Coloquei um dispositivo de vídeo dentro de seu quarto quando cheguei a bordo porque não tinha certeza se podia confiar em você. Já descobri que posso. Não assisti o vídeo duas semanas depois disso, mas tem um sensor de movimento. Eu recebi recentemente muitos alertas. Mari rastejou pelas aberturas por todo a *The Vorge* para limpá-las. Ela não é preguiçosa como Harver, apenas fazendo o exterior das grades. Assisti a filmagem, ela o viu, Dovis. Sabe que você pode ficar sem os pelos. Aposto que não disse nada sobre isso, não é?

Estava muito atordoado para falar, mas virou olhando para as duas grades em seu quarto que levavam às aberturas que atravessavam a nave.

— Mari é uma coisa pequena comparada a nós. Ela rasteja através das aberturas em todos os níveis, usando suas roupas para limpar a poeira dentro

dos dutos, então ela as borrifa algumas vezes se estão ruins. Trabalhadora. Ela faz isso à noite enquanto a tripulação dorme. Ex-escravos são sempre extremos para agradar as pessoas, sua vida dependia de não chatear ninguém e fazer seus donos felizes. Eles também sabem como manter seus lábios fechados.

Dovis o encarou e tentou não demonstrar seu pânico. Raff e Mari viram muito. Eles sabiam que ele era um metamorfo. — Isso é o máximo que já ouvi você dizer. E tirarei o maldito dispositivo de vídeo. Não deveria espionar ninguém.

Raff encolheu os ombros. — Hábito antigo. Isso me manteve vivo. Sabe quantas vezes ouvi alguém planejando me matar? Muitas. Livra-se dos pelos e seduza a humana, Dovis. Sua mordida fez algo com ela. Aproveite. Eu iria. Você não notou como me afastei depois que Cathian disse algo sobre Mari ser atraída por mim se o seu DNA ainda estivesse na minha corrente sanguínea? Fiquei tentado a fazê-lo me morder novamente apenas para esse propósito. Infelizmente, seria apenas temporário.

Dovis ficou de boca aberta para ele.

— O quê? Eu sou muito solitário e falho. Não nasci com um segundo coração para dar a uma fêmea, como Cathian. Significa que não posso prender a vida a uma. Aproveite o que seu corpo pode fazer, idiota. Mude e a localize. Mari com certeza não vai querer beijar um focinho e os dentes pontudos que costuma mostrar. Cathian e a tripulação também ficariam chateados se você a arranhasse com suas garras. Livre-se disso também quando a foder. — Ele se virou e deu alguns passos, mas depois olhou para

trás sorrindo. — Você poderia ser menos idiota se tivesse uma companheira. — Então o macho saiu de vista.

Dovis afastou até o sensor disparar na porta para fechar. Esfregou os dedos sobre o tecido macio do cobertor e suspirou. Quantos da tripulação sabiam seu segredo, que podia mudar à vontade?

Rosnou e caminhou até seu sofá se deitando. Então se lembrou do dispositivo de vídeo e pulou novamente, foi até a primeira grade e a abriu.

Encontrou dentro da segunda, inteligentemente escondido dentro da tubulação. Ele rosnou destruindo o dispositivo.

Uma coisa era certa. Eles precisavam conversar. Ela não podia continuar trocando favores para conseguir presentes para ele. Nem sabia por que ela sentia a necessidade. Foi por que sua mordida fez seu corpo desejá-lo? Em sua cultura, os machos sentiam o cheiro das fêmeas. Talvez com os humanos fosse diferente. De qualquer forma, todo mundo estaria falando sobre isso. Não gostava de ser fonte de fofoca.

Seria mais inteligente usar o comunicador para falar com ela, mas queria fazê-lo pessoalmente, ver seu rosto e ler suas expressões de honestidade. Apenas evitaria ficar perto demais. Ela estava bem na sala de jantar até que se aproximou dele.

Essa era a solução. Distância.

Respirou fundo algumas vezes e depois fez uma varredura para ver onde estava naquele momento. Ele a encontrou na engenharia. A nova peça

chegou e estava sendo instalada. Esperaria que terminasse e depois iria visitá-la.

Capítulo 7

Mari acabou de arrumar as roupas novas em seu quarto quando a porta se abriu de repente. Ela se virou para ver Dovis entrar. Ele usava seu uniforme preto padrão. Parou do lado de dentro da porta e fechou atrás dele. Levantou a mão e apontou um dedo com garras para ela.

— Fique aí. Sinto muito, usei minha permissão de segurança para entrar sem ser convidado, mas não queria que ninguém me visse em seu quarto.

— Por quê?

— Isso é o que quero saber. Por que você está fazendo favores para que a equipe me dê coisas? — Ele parecia irritado.

— Sinto muito. Pensei que isso o deixaria feliz.

— Mas por quê?

— Para agradecer por salvar minha vida, Dovis.

— Não há necessidade. Você se machucou fazendo os motores trabalharem para nos impedir de sermos atacados por piratas. Eu faria isso por qualquer pessoa.

Ela não sabia por que isso fez seu peito doer. — Ok. — Abaixou o queixo e olhou para o chão entre eles. — Não trocarei mais favores.

— Como foi a instalação do acoplamento U?

— Boa. Podemos sair da estação assim que o Capitão estiver pronto. Eu o informei disso, mas alguns da tripulação querem passar mais um dia aqui, eu acho.

Um rosnado baixo veio dele. — Olhe para mim.

Ela levantou o queixo.

— Você contou a alguém o que viu da minha grade de ventilação enquanto limpava?

Ela sentiu a cor sumir de seu rosto. Como ele sabia disso?

— Você o fez?

— Não.

— Estava propositadamente me espionando? Por quê?

— Foi um acidente. Estava apenas limpando as aberturas, juro. Eu nem sabia que aquele era seu quarto. Não são marcados a quem pertencem.

Ele pareceu observá-la de perto com seus olhos negros. — Acredito em você. O que exatamente viu?

Ela hesitou em responder, não querendo enfurecê-lo.

— Diga-me. — Disse ele dando um passo à frente. — Você me deve muito. A verdade.

— Eu não sabia que você estava no quarto quando comecei a limpar a grade. Saiu do seu banho. Estava com muito medo de me arrastar para longe no caso de me ouvir dentro da tubulação. Então mudou enquanto ia dormir.

— Não contou a ninguém?

— Nunca.

— Por que não?

— Eu não posso falar sobre coisas que vejo enquanto estou trabalhando. Apenas faço o meu trabalho. Alguns escravos gostam de fofocar, mas os vi sendo punidos por isso. Nunca faria algo que me causasse dor ou possivelmente a morte. Mantenho minha boca fechada. Você pode acreditar nisso.

— O que achou quando me viu sem pelo?

— Fiquei com medo de que me ouvisse e rasgasse a grade para me tirar da abertura se me descobrisse lá. Trabalhei em uma estação de reparo por um longo tempo. Já ouvi falar de metamorfos antes. Eu sei que está é provavelmente a sua forma social, mas quando está sozinho usa a outra.

— Eu a assusto assim. — Ele acenou com a mão em seu corpo.

— Você é grande e tem dentes afiados. Lembra-me de um metamorfo que vi uma vez na estação. Comeu outro alienígena.

Ele ficou boquiaberto, piscando.

— Sinto muito. — Ela abaixou o olhar. — Sem ofensa.

— Tudo bem. Prometo nunca a comer.

Ela sorriu levemente e se atreveu a olhar para ele novamente. — Obrigada. Aprecio isso. Acho que tenho um gosto terrível e não tenho muita carne em mim.

— Você realmente tem um gosto bom.

Seus olhos arregalaram surpresos com o que ele disse.

Ele limpou a garganta. — Esqueça que eu disse isso. Apenas queria esclarecer as coisas entre nós. Você não me deve nada. Pare de fazer favores para a equipe para que me deem suas coisas ou me façam coisas. Foi bom... mas não há necessidade.

— Sinto muito. Tudo isto é novo para mim. Estava tentando mostrar meu apreço.

Ele olhou ao redor do quarto dela. — É muito limpo aqui.

— Claro. Sempre me certifiquei de passar pela inspeção.

Ele balançou sua cabeça. — Ninguém se importa se seu quarto está limpo ou não. Pergunte a York. O dele é uma bagunça. Seu dono a fazia manter o quarto limpo?

— Não ele diretamente, mas um de seus assistentes ou familiares verificavam nossos espaços quase diariamente. Eram minúsculos quartos com uma cama estreita. Bagunça causava punição. Isso demonstra desrespeito por tudo que recebemos. Os escravos devem ser gratos em todos os momentos.

— Você não é mais uma escrava, Mari.

— Eu sei. Apenas... nunca sei como agir ou quais são as regras.

— Eu entendo. Foi difícil para mim quando saí do meu planeta natal. Não sabia nada sobre outras raças. Meu primeiro trabalho foi de segurança na estação. — Quase sorriu ou o que se passava por um sorriso quando os cantos de sua boca se curvaram levemente nas laterais de seu focinho. — Consegui o emprego porque assustava todo mundo. Era agressivo imaginando que precisava impedir alguém de mexer comigo. Rosnei para a pessoa que me entrevistou e ele sorriu achando que era ótimo. Perguntou se eu poderia lutar e acabei treinando muitos dos meus colegas de trabalho.

— Você parece muito assustador.

Ele riu. — Não na minha outra forma.

— Realmente não olhei muito. Estava com muito medo de que me encontrasse na tubulação. Apenas queria ficar longe.

Ele fechou os olhos e ela ficou atordoada quando sua pele começou a mudar.

Seu focinho encolheu e os ossos fizeram barulhos suaves. Assim como na tubulação, Mari olhou com espanto quando suas orelhas ficaram menores e ele mudou de forma. Como antes, tinha pele bronzeada e lábios carnudos, mas quando abriu os olhos, ela ofegou. A cor negra se iluminou a um marrom suave.

Dovis era realmente bonito. Quando seu focinho desapareceu, os ossos pareceram se ajustar de alguma forma para tornar o rosto um pouco mais largo e dar-lhe maçãs do rosto fortes.

Ele tirava o fôlego dela.

— Ainda resistente?

Sua voz não era tão profunda, mas permanecia muito masculina e rouca. Ela assentiu. — Você ainda é grande e musculoso. Também parece que pode machucar alguém.

Ele sorriu. Desta vez foi fácil e claro de ver, uma vez que tinha uma boca muito humana. Ela notou que ele tinha cílios longos e grossos. Seu queixo era quadrado. Era tentador tocar sua pele para ver se era tão suave quanto parecia. Não ousou, no entanto.

— Eu vi muitos alienígenas. Você é muito bonito para um. Posso perguntar por que esconde esse seu lado da tripulação? Quer dizer, se o faz. Eu apenas assumi.

Seu sorriso desapareceu e ele deu outro passo mais perto, mas parou. — Cathian me viu assim. Aparentemente, Raff também. Esta é uma forma vergonhosa para um Amarai. É raro e considerado um defeito de nascença.

— Eu não entendo.

— Mitos em Amarai, meu planeta, dizem que somos uma mutação. Eu nasci na pele e não pude mudar até o que você chamaria de puberdade. Meus pais me deixaram fora de nossa aldeia depois que nasci, deixando-me com os

elementos para morrer. É vergonhoso nascer alguém como eu. Uma mulher mais velha me encontrou e me levou para sua casa. Foi como sobrevivi.

— Eu não entendo. Não é possível mudar sempre?

Ele balançou sua cabeça. — Não a este grau. Eles podem encurtar suas peles e focinhos para mostrar a submissão a alguém mais dominante, mas nunca até a pele. E eu posso fazer mais do que apenas mudar drasticamente na aparência. — Hesitou. — Mordi seu ombro, Mari. Há algo na minha saliva que pode curar ferimentos muito graves. Também é considerado uma coisa mutante vergonhosa. Minha cultura é meio que luta e sofrimento. Ser capaz de curar da maneira que posso é considerado criminoso e contra a natureza.

— Seu povo parece idiota. É um presente maravilhoso ser capaz de curar outra pessoa. — Então ofegou percebendo que disse isso em voz alta e talvez o insultou. — Sinto muito!

Encolheu os ombros. — Você está atraída por causa de um efeito colateral da minha mordida. A mulher mais velha compartilhou comigo a respeito dos mutantes serem capazes de atrair sexualmente mulheres para eles com sua mordida. Eu realmente não entendi ou acreditei no que ela disse ... até você começar a me cheirar e me tocar. Sinto muito por isso. Deve parar assim que meu DNA deixar o seu sistema. Precisei morder Raff uma vez, mas ele não ficou atraído por mim. Deve ser porque você é uma mulher. — Dovis limpou a garganta. — De qualquer forma, achei que merecia uma explicação se estivesse confusa sobre o porquê de me achar sexualmente atraente. Não está perdendo a cabeça. É apenas uma reação à mordida.

— Aprecio que seja honesto comigo.

— Não compartilhe nada do que eu disse.

— Dou minha palavra. Juro pela minha vida. — Ela se aproximou dele e levantou o braço, com a palma da mão para cima, depois inclinou a cabeça.

— O que você está fazendo?

Ela ergueu o queixo. — Dando minha palavra. Eu fiz promessa aos Teki antes. Vê? — Ela mostrou a outra palma, duas cicatrizes finas e profundas ao longo de seu comprimento. — Estou disposta a sofrer a dor de você cortar minha pele para provar meu compromisso de manter o silêncio. Não farei um som enquanto me corta.

Ele segurou a mão dela na sua. Sua pele estava suave e quente. — Odeio os Teki. Eles fizeram isso com você? — Ele virou a mão, observando as cicatrizes. Um grunhido retumbou dele.

Ela inalou... e mais uma vez sentiu o cheiro dele. Melhor que comida, quando ficava muito tempo sem comer. Seu corpo começou a fazer coisas engraçadas novamente. Seus mamilos endureceram e uma dor começou entre suas pernas. Parte dela começou a pulsar lá embaixo.

Esqueceu de ficar longe dele. Mari sabia que estava respirando mais rápido.

Os suaves olhos castanhos de Dovis se arregalaram quando eles se encararam. Suas narinas se abriram e seu aperto na mão dela aumentou. — Merda.

— Eu esqueci.

Seu olhar desceu para seus lábios e por algum motivo quis tocá-los. Ela hesitou por apenas um segundo antes de estender a mão livre e roçar levemente os dedos contra eles. Eram firmes, mas agradáveis. A textura não era parecida com a dela.

Ela puxou a mão para trás, percebendo o que fez.

— Foda-se. — A voz de Dovis se aprofundou. — Eu preciso sair. — Ele soltou a mão dela. — Agora. — Ele se virou e ativou a porta para abrir.

Mari não queria que ele fosse. Ela tinha liberdade e uma nova vida. Era uma mulher humana em seus vinte anos. A última vez que sentiu seu cheiro, seu corpo doeu por um longo tempo. A ideia de sexo a deixava curiosa e ela viu o Capitão beijando Nara. Parecia bom. — Fique! Por favor?

Ele parou.

— Por favor fique. Pode pelo menos me beijar?

Ele a encarou e deu um passo à frente, a porta se fechando em suas costas. — Você não quer dizer isso.

— Quero. — Ela se aproximou.

— Você apenas está atraída por causa da mordida.

— Talvez... mas eu ainda quero que você me beije. — Ele também salvou sua vida. Ela era inteligente o suficiente para não mencionar isso.

Ninguém realmente se importou com ela o suficiente para romper as regras. O Capitão Cathian sugeriu que, se alguém descobrisse o que Dovis fez, ele poderia ser morto. Talvez apenas assumiu o risco porque ela era tripulante..., mas olhou para sua boca querendo senti-la contra a dela de qualquer maneira. Ele era tão bonito sem o focinho. Menos assustador.

Aproximou-se ainda mais. — Não me odeie mais tarde. Prometa.

— Minha promessa é dada.

Ele agarrou sua cintura a fazendo ofegar com a rapidez com que podia se mover e então sua boca cobriu a dela.

Seus lábios se separaram com o som que ela acabou de soltar e sua língua mergulhou dentro encontrando a dela.

Ela pensou que ele cheirava maravilhoso, mas o gosto dele era ainda melhor.

Mari gemeu, apertando os ombros dele. Pensamentos deixaram sua mente e tudo que pode fazer foi sentir.



Dovis beijou Mari. Ela era doce e seu corpo quente como fogo. A ideia de mudar de volta naquele momento era algo que temia, mas a vontade não surgiu.

Ele levantou Mari do chão e ela envolveu suas coxas ao redor de seus quadris. Afastou a boca dela para ver por onde andava. Aproximou-se da cama e a colocou no colchão a seguindo para baixo.

Ele lambeu a garganta dela e a beijou ali. Os dedos dele estavam rasgando seu uniforme, tentando tirá-lo. Soltou um dos braços e alcançou a lateral de sua camisa, atrapalhando-se com a aba oculta e finalmente a abriu. Precisou levantá-la para remover a coisa toda e jogar longe.

Os olhos de Mari estavam arregalados. Ela ofegou e passou as mãos pelo peito nu dele. Seu toque em sua pele sensível quase o deixou louco.

Ele a queria. Seu pênis inchou até que sua calça de uniformes o deixou dolorido. Olhou nos olhos dela. — Diga-me para parar.

— Mais. — Sussurrou. Suas mãos pareciam frenéticas enquanto acariciavam de seu peito para seus ombros nus. Ela cravou as unhas curtas na pele dele e tentou puxá-lo para mais perto.

—Droga, Mari. Isso é apenas da minha saliva.

— Não importa. Por favor! Está doendo. — Ela soltou seu ombro e colocou uma mão entre suas pernas. — Aqui. Pulsa.

Inalou o cheiro de sua excitação e rosnou, levantando-se e afastando-se de seu aperto. Ela fez um som de protesto, mas ele ignorou agarrando seus pés e tirando seus sapatos, jogando-os de lado. Inclinou puxando a calça dela em seguida. Tinha um botão que acabou arrancando antes de puxar o tecido por suas pernas. As humanas pareciam não usar roupas íntimas... ou pelo menos uma ex-escrava não.

Ela tinha pouco pelo entre as pernas. O cheiro de sua excitação era mais forte sem as roupas e ele ficou de joelhos, agarrou suas coxas e a puxou para a beirada da cama.

— Você pediu por isso, Mari. Não se esqueça.

— O que você está fazendo? — Ela tentou se sentar e fechar as pernas.

Ele não deixou. Em vez disso, abriu mais as coxas e enterrou o rosto naquele pequeno pedaço de pele.

O gosto dela em sua língua o fez rosnar de necessidade.

Ela gemeu e seus dedos mergulharam em seus cabelos. Não tentou afastá-lo enquanto a lambia e provava.

O pequeno nó duro que lambeu a fez gemer mais alto. Ele se lembrou do que leu sobre humanos quando pesquisou o que Cathian poderia fazer para se alimentar de Nara, depois que ela foi trazida para a nave quando seu amigo estava no cio.

Chupou e lambeu seu clitóris. Precisou segurá-la quando empurrava seus quadris como se ele estivesse a machucando, mas sabia que não por causa dos sons agradáveis que fazia. O cheiro de sua excitação ficou mais forte e então ela gritou seu nome. A pequena protuberância na qual se concentrou começou a amolecer um pouco.

Suavemente parou e soltou suas coxas, endireitando-se para ver seu rosto.

Os olhos de Mari estavam fechados, a pele pálida dela ruborizada e a respiração acelerada.

Ele se abaixou, abriu a calça do uniforme e tirou seu pau. Dovis segurou as pernas dela, levantou-as para ficar nos quadris dele e deslizou uma mão por baixo da cintura para puxá-la para mais perto. Olhou para baixo enquanto os alinhava, até que a ponta do seu pênis pressionou contra sua carne.

— Mari, você tem certeza?

Ela abriu os olhos e encontrou o olhar dele. — Sim.

— Eu terei cuidado. — As humanas gostavam de posições onde se olhavam, pelo que leu. Podia ver a expressão dela e isso o deixaria saber se causasse dor. Ela parecia pequena lá embaixo, mas empurrou contra sua fenda. Estava realmente molhada. Um gemido saiu dele quando colocou a ponta grossa contra a abertura de sua boceta. Ele parou e então soltou a base de seu pau, segurando o quadril de Mari. Empurrou em um impulso rápido.

Ela gritou e ele abaixou a parte superior do corpo, prendendo-a debaixo dele enquanto tomava posse de sua boca. Enterrou no fundo de sua boceta apertada. Os braços dela envolveram o seu pescoço e a beijou. Ela hesitou por alguns segundos, mas depois começou a responder. Afastou-se um pouco, parou e empurrou para dentro do corpo dela.

Amava o jeito que ela estava. Molhada, aconchegada ao seu redor e tão quente. Suave. Empurrou devagar e com firmeza, gostando do jeito que ela

envolveu as pernas ao redor de sua cintura, seus corpos pressionados um contra o outro. Desejou ter tirado a blusa dela, no entanto.

Ele parou o beijo, permitiu que sua mão se transformasse em garras e cuidadosamente cortou o tecido para ver seus seios.

Eles eram lindos. Não muito grande… o tamanho perfeito. Abaixou a cabeça para provar um de seus mamilos rosados e duros. Ela gemeu novamente.

Ele moveu os quadris mais rápido e seus gemidos ficaram mais altos.

Ela sentia-se perfeita e tão certa. Suas bolas se apertaram e sabia que gozaria em breve.

Mari cravou as unhas nas suas costas, arranhando-o. Aumentando seu prazer.

Ele soltou o mamilo. — Mais forte. — Pediu.

Suas unhas cravaram em sua pele e ele soube que ela provavelmente estava deixando arranhões em suas costas. Ele a fodeu mais rápido. O sexo dela se apertou ao redor dele e então ela inclinou a cabeça para trás, quase gritando. Isso feriu seus ouvidos, mas não importou quando parou de se segurar, empurrando mais forte.

Expulsou seu gozo, prazer percorrendo suas bolas subindo até o cérebro.

Ele apoiou os braços para impedir que seu peso a esmagasse enquanto diminuía seus impulsos até que cada gota do seu sêmen estivesse dentro dela.

Não queria se mover, aproveitando a sensação dela presa sob ele com seus membros envolvidos ao redor de seu corpo. Sua pele tocava em todos os lugares. Isso também era bom, mas não tão incrível quanto o que eles acabaram de compartilhar.

Mari limpou a garganta e ele olhou para baixo para encontrá-la o olhando. Ela sorriu. — Você vibra lá embaixo.

Suas palavras o confundiram. — Eu não entendo.

— Você estava meio que rosnando o tempo todo e emitia vibrações. — Suas bochechas ficaram rosadas. — Posso ver lá embaixo?

Ela o surpreendeu novamente. — Você quer ver meu pau?

Assentiu.

Ele já havia se mostrado na pele e eles estavam juntos, então concordou. — Bem. Solte-me.

Ela hesitou, mas finalmente aliviou seu aperto ao redor de seu pescoço e seus quadris. Ele saiu da cama e ajoelhou no chão para logo ficar de pé. Mari se sentou e olhou para sua virilha.

Seus olhos se arregalaram... e ele olhou para baixo.

Sangue vermelho cobria seu pau, que permanecia semiduro ainda.

— Isso é normal? Não estou no meu ciclo mensal. Eu teria avisado você.

Sua pergunta inocente tirou-o do choque. — Não. — Ele se inclinou, pressionou-a de costas e abriu suas pernas novamente. Havia sangue vermelho em seu sexo agora. Não esteve lá antes de entrar. — Merda! Acho que a machuquei. Isso não é meu sangue. É seu. Eu reconheceria seu cheiro em qualquer lugar depois de mordê-la.

— Foi minha primeira vez. Talvez seja por isso que doeu por uma fração de segundo quando entrou em mim, mas depois me senti tão bem que não importou.

— Você nunca fez sexo antes?

— Não.

Estendeu a mão. — Fique de pé.

Ela pegou a mão dele e a puxou para cima. Ele a virou para longe dele e envolveu um de seus braços ao redor de sua cintura, puxando-a contra ele novamente. — Eu vou mordê-la. Vai curar qualquer dano que causei. Você estava muito apertada. — Usou a outra mão para afastar os cabelos dela do pescoço, depois abaixou a cabeça. Ela era baixa, mas abaixou-se para alcançar seu ombro e lamber sua pele.

Mudou de volta para sua outra forma e gentilmente afundou seus dentes em sua carne.

Mari ofegou, endurecendo em seu aperto, mas não tentou se afastar. Ele provou seu sangue, tentou beber, mas retirou as presas lambendo a mordida antes de inspecioná-la. As feridas da mordida selaram quase

instantaneamente. Ele se inclinou novamente e lambeu todo sangue, limpando-a.

Mari se contorceu contra ele.

— Segure firme.

— Você está me fazendo doer entre as minhas pernas novamente. Dovis. — Ela sussurrou.

Ele se encolheu quando ela o olhou. Esperava que se afastasse, já que estava em sua forma normal, mas não o fez. Ela parecia calma. Ele ajustou seu aperto em sua cintura e suas garras roçaram levemente sua pele, onde sua camisa rasgada se abria. Isso o lembrou a machucaria se a pegasse novamente do jeito que estava.

— Deite-se na cama e tire essa maldita camisa.

Ela arrancou o tecido rasgado e jogou-o de lado.

Odiava ver a visão de sangue em suas coxas. Ele fez isso com ela... mas em algumas espécies, acontecia na primeira vez. Ela não sentiria dor, agora que a mordeu, qualquer dano que causou foi reparado.

Inclinou-se tirando os sapatos e a calça enquanto forçava a pele a recuar. Sua mandíbula doía por duas mudanças tão próximas, mas isso não importava. Não havia como arriscar machucá-la. Arrastou-se até a cama em forma humana.

— Tem certeza de que me quer de novo, Mari?

Ela segurou seu olhar estendendo a mão para ele. — Sim.

Capítulo 8

Dovis acordou de costas e olhou para o teto do quarto. Não apagaram as luzes antes de adormecerem.

Ele ficou chocado. Fez sexo com Mari quatro vezes, até desmaiar. Apenas pretendia fechar os olhos por alguns momentos, mas também adormeceu.

Ela atualmente cochilava enquanto estava deitada em cima dele, a cabeça apoiada no seu peito. Uma de suas mãos movia-se de vez em quando pelas costelas, como se estivesse se assegurando durante o sono que ele permanecesse em sua cama. Fazia um pouco de cócegas.

Nunca dormiu com uma fêmea antes. Prostitutas em bordéis eram pagas por hora. Fazia sexo uma ou duas vezes e depois saia. Essa era a soma de sua história sexual. E se Mari se arrependesse do que fizeram juntos?

Seu estômago revirou... porque ele não se arrependia.

As palavras de Raff o assombraram. Ele poderia a manter interessada se continuasse mordendo-a? Isso era justo?

Moveu a mão com cuidado, desembaraçando-a de seus longos cabelos que se espalhavam pelas costas, sobre ele e por cima da cama. Ela tinha muito cabelo, mas ele gostava da textura sedosa.

Mari se mexeu e ergueu a cabeça. Seus olhares se encontraram e ela o surpreendeu sorrindo.

— Você ficou.

— Quer que eu vá embora?

— Não.

— Está com raiva do que fizemos?

Seu sorriso desapareceu e ela pareceu confusa. — Por que estaria?

Ele suspirou. — Mari, minha mordida a deixa excitada. Pode ser visto como se a tivesse drogado.

— Isso não é verdade.

— Sim, é. Você só mostrou interesse sexual por mim depois que a mordi.

Olhou em seus olhos por longos segundos. Ele se preparou para o pior. Para mandá-lo sair e ficar com raiva, agora que apontou a verdade. Era seu direito acusá-lo de se aproveitar dela. Droga, se sentia culpado.

— Sabia o que a sua mordida fez no meu corpo, mas ainda me aproximei de você. Tentou sair. Pedi para ficar. Ainda me perguntou se eu tinha certeza do que queria a cada passo do caminho. Não menti quando disse sim. Não transforme isso em algo ruim, Dovis. Por favor?

Ele suavemente acariciou sua bochecha. — Eu sinto que não lhe dei muita escolha. Deveria ter sido mais forte, mas a queria muito. Sinto muito, Mari.

Ela rolou para longe dele e saiu da cama quase correndo para o banheiro. A porta bateu atrás dela.

Ele a observou ir e rosnou, sentando-se. — Merda.

Levantou-se e começou a se vestir. Voltou para sua forma original e terminou de colocar o uniforme. Em seguida, sentou-se na beirada da cama. Mari demorou, mas finalmente saiu com os cabelos molhados e uma toalha ao redor do corpo. Ela pareceu surpresa ao vê-lo ali a esperando.

— Precisamos conversar sobre isso, Mari.

Balançou a cabeça. — Não. Você se arrependeu do que fizemos. Eu sou apenas um ex-escrava e você é chefe da segurança. Seria constrangedor se alguém descobrisse que se rebaixou para visitar meu quarto, que fizemos sexo. Foi por isso que entrou daquele jeito. Não contarei a ninguém. — Ofereceu a palma da mão para ele, mas depois se conteve passando os braços ao redor do corpo. — Você tem minha palavra.

Ele levantou-se e franziu a testa. — Não é isso. Receio que lamente o que fizemos quando tiver tempo para pensar nisso. Você obviamente estava guardando seu corpo para o seu companheiro.

Seus olhos se arregalaram quando ela ficou boquiaberta. — Não. Isso não é o que estava fazendo.

— Eu sou o primeiro homem com quem fez sexo. Por isso que você sangrou.

— Com quem eu deveria estar? Companheiros escravos? Um Ricket? Havia um escravo humano na estação. Os Teki geralmente compravam apenas mulheres. O odiava. Ele era mais velho e malvado. Os Teki me achavam feia. Não me sentia atraída por nenhum dos outros escravos alienígenas. Ninguém me interessou até você, Dovis.

Ele se sentiu confuso. — Nara acha que eu pareço a versão da Terra de um cachorro. Um tipo chamado lobisomem.

— Eu não sei o que é um lobisomem. — Observou seu rosto. — Mas você parece bem para mim. Admito, fico um pouco preocupada em beijar seu focinho. Seus dentes são mais afiados. — Ela o chocou ao se aproximar e estender a mão tocando suavemente seu rosto. — Seus pelos sãos suaves. Quer que o beije para provar que o acho atraente não importa como você se parece?

Afastou-se. — Não. Eu a machucaria nessa forma. — Ele levantou a mão mostrando suas garras. — Não apenas me beijar seria doloroso, mas meu toque também seria.

— Oh!

— Deveria sair. A atração que sente por mim não é real, Mari. É da minha mordida. Não deveria ter me aproveitado de você. Eu… eu sinto muito.

Deixou seu quarto rapidamente antes que pudesse pedir perdão a ela. Os corredores estavam vazios enquanto voltava para seu quarto no outro nível sem encontrar a tripulação. Os Pods provavelmente sabiam onde ele estava. Às vezes odiava tê-los a bordo, mas eram tripulantes. Duvidava que contassem a Cathian ou a qualquer outra pessoa o que fez.

Em seu quarto, despiu-se e tomou banho. Mensagens esperavam por ele quando verificou. Cathian queria que os retirasse da estação e seguisse em direção a Callon, onde precisavam parar para comprar os animais de estimação que os trypskianos encomendaram.

Vestiu um uniforme novo e juntou-se ao seu amigo.

— Você estava dormindo? Assumi isso desde que não respondeu meus chamados.

Ele queria confessar a Cathian o que fez com Mari, mas não falou nada. — Sim. — Era a verdade. Ele dormiu algumas horas. — Todo mundo está de volta a bordo?

— Sim. Raff foi o último a retornar.

— Vou para o comando agora.

— Mari disse que os motores deveriam funcionar perfeitamente e pediu para eu guardar algumas peças de reposição. Comprei-as.

— Bom. Odiaria uma repetição do que acabamos de passar.

— Eu também. — Cathian fez uma pausa. — Você está se sentindo bem? Soa estranho.

— Estou bem.

— Você visitou a estação? York disse que deixou uma mensagem para você, mas também não respondeu. Queria visitar um bordel e disse que seu humor poderia melhorar se fosse com ele.

— Não. Estou a caminho do comando.

— Nós poderíamos desacoplar em seis horas se quiser ir. Não estou exatamente ansioso para comprar algumas centenas de animais para transportar para casa.

— Não quero visitar o bordel.

— Bem. Nos retire do estaleiro e nos leve para Callon, então.

Afastou-se e alcançou o comando. Os três Pods o estavam esperando. Ele rosnou. — Ótimo.

Um, piscou para ele. — Seus sentimentos estão feridos.

— Você a fez chorar enquanto tomava banho e se sentir envergonhada. — Murmurou Dois. — Idiota.

Três, geralmente o mais feliz dos três, apenas olhou para ele.

— Você contará para Cathian ou para qualquer outra pessoa? — Dovis olhou para eles.

Um, respondeu. — Não. Claro que não. Você realmente não iria nos matar. Está de mau humor.

— Não me tente. Isso não é da sua conta.

— Mari está sozinha. — Sussurrou Três. — Tinha esperanças de que você pudesse ter sentimentos por ela, até que a fez pensar que se arrependeu do que aconteceu entre vocês. Isso não é o que estava pensando, no entanto. Deveria ter dito a verdade. Não quer perdê-la, mas tem medo que ela o rejeite se não continuar a mordendo. Você gosta dela, Dovis. Pensa em se acasalar com ela.

— Ela não sente que você se aproveitou. — Anunciou Dois. — Sabia que seu corpo sentia coisas estranhas ao seu redor e estava curiosa. Agora que ficaram íntimos, ela tem outros sentimentos.

— Sentimentos fortes. — Acrescentou Um. — Vá até ela e diga que sente as coisas também. Isso a fará feliz.

— Ela não está feliz agora. — Resmungou Dois. — Idiota.

Olhou para ele. — Pare de me chamar assim.

— Você está se chamando assim. Por que não posso? Apenas digo em voz alta.

— Saia do meu comando e fique fora disso. É um assunto particular.

Os Pods saíram, mas os três lançaram olhares sujos. Ele relaxou quando as portas se fecharam e ficou sozinho no comando. Sentou-se na cadeira do Capitão e começou a realizar os procedimentos, notificando a estação que estavam saindo.

Aumentou a velocidade quando desacoplaram da estação e estabeleceram um curso para o planeta Callon. Sentou-se no lugar de York para vigiar qualquer um que os seguisse quando as portas do comando se abriram e Raff entrou.

Dovis se virou para encará-lo. — O que você quer?

— Você é um idiota.

A raiva imediatamente o encheu. — Os Pods foram para você?

— Não. Você removeu o dispositivo de vídeo em seu quarto, mas não o de Mari.

Levantou-se rapidamente e pulou em Raff.

O macho maior puxou uma de suas lâminas e apontou para ele. — Não. Esfrie. Eu não vim para lutar.

Dovis parou, rosnou para ele querendo ferir ao macho. — Você nos espionou?

— Você nunca ouve o que eu digo? É por isso que não me incomodo em falar com frequência. Eu disse que geralmente assisto a alguém por pelo menos duas semanas quando se tornam tripulantes.

— Você também disse que Mari basicamente não era uma ameaça.

— Isso não significa que eu não ficaria de olho nela. Você seguiu parte do meu conselho mudando de forma, mas deveria mantê-la. Ela nem sequer recuou quando mordeu o ombro dela enquanto estava assim. Sabe o que isso

me diz? Provavelmente poderia ter fugido antes que mudasse de novo. Você é feio para caralho agora e ela ainda se ofereceu para beijar seu focinho antes de sair. Isso deve ser amor, cara. Leve sua bunda de volta para seu quarto e conserte seu erro. Ficarei aqui e matarei qualquer um que tentar nos atacar se algum idiota da estação decidir que seriamos um bom alvo.

— Mari não me conhece bem o suficiente para me amar. Apenas pare de falar.

— As fêmeas humanas são criaturas estranhas. Olhe para Nara. Meu primo a mantém sexualmente satisfeita e ele é bom com ela. Em troca, ela o deixou colocar seu segundo coração dentro do peito para prender sua vida a dela. E ela se apaixonou por ele rapidamente. É provavelmente uma coisa humana. Não apenas isso, deu sua nave e deixou uma carreira para ficar com ele. Em comparação, Mari tinha uma vida de merda antes de agora. Não é como se você tivesse que trabalhar duro para fazê-la feliz e tem o prazer sexual do seu lado. Não assisti a maior parte disso, sem ofensa, não queria ver muito de você, mas parecia que estava indo bem.

Ele olhou para Raff, ainda querendo bater nele. — Saia do meu comando e remova o maldito dispositivo de vídeo do quarto de Mari, agora.

— Idiota. Caso não a tome como companheira, talvez eu faça, assim que ela perceber que você é muito estúpido para perder tempo se importando.

Dovis lutou contra o desejo de atacar novamente enquanto observava Raff colocar a faca na bainha e sair. Em vez disso, inclinou a cabeça para trás e rugiu.

Mataria Raff se ele aproximasse de Mari.



Mari cheirou o travesseiro inalando o aroma de Dovis. Fazia duas semanas desde que ele deixou seu quarto. Eles se evitaram desde então. Ele parecia gostar de trabalhar enquanto o restante da tripulação dormia. Ela ficava dentro de seu quarto durante essas horas.

Sentia falta dele.

Ele mostrou a ela um lado dele que apenas Cathian viu. Isso deveria significar alguma coisa. Talvez estivesse enganada.

O comunicador soou e ela rolou para fora da cama vestindo suas roupas.

— Aqui é Mari.

— É Raff. Você é necessária no comando. Acho que alguns circuitos explodiram no monitor de controle do suporte de vida. Ficou escuro.

— Pegarei minha caixa de ferramentas e estarei lá.

— Depressa.

— Certo.

Foi até Midgel no elevador. A tímida cozinheira sorriu para ela enquanto saía.

— Você sabe alguma coisa sobre machos?

Midgel assentiu. — O que você quer saber?

— Como sabe se tem interesse por você?

— Foder ou manter?

Mari teve que pensar sobre isso. — Ambos?

— Despir e mostrar a pele. Isso parece funcionar para a maioria das espécies. Minha raça não tem companheiros, no entanto. Nós só nos reproduzimos se quisermos dar à luz uma ninhada.

Mari ficou espantada. — Uma ninhada?

— Geralmente de seis a dez. — Ela bateu em sua barriga lisa. — Eu procriei duas vezes. Tenho dezessete filhos ao todo. Tirei minhas roupas para os machos nas duas vezes e eles pularam em mim. Mas depois, não quis ficar com nenhum deles. Os machos são um incômodo e muito pior do que levar as duas ninhadas que tive. Sempre se agarrando a você, subindo em seu corpo e fazendo exigências.

Mari ainda se surpreendeu com sua revelação. — Onde estão seus filhos?

— Crescidos e por conta própria. Somos criaturas solitárias, uma vez que somos adultos.

— Você nunca se sente sozinha?

Midgel franziu o rosto, os bigodes se contorcendo. — Não. Eu gosto de ficar sozinha. Estou feliz com isso. Você fala demais.

Com isso, ela foi embora. Mari a observou entrar em seu quarto no corredor e entrou no elevador. — Mulher estranha. — Murmurou.

Foi primeiro na manutenção e depois dirigiu-se ao comando. Ela pensou em possíveis razões nas quais o painel poderia falhar, mas não mostrou no computador da *The Vorge*. Deveria tê-la alertado antes que Raff o fizesse.

A porta do comando abriu automaticamente quando ela se aproximou. Era a primeira vez que entrava ali. Não era Raff esperando por ela embora. Dovis estava no assento do Capitão.

Ele pulou e virou olhando para ela.

— O que você está fazendo aqui?

— Raff disse que precisava de mim. — Ela olhou ao redor, procurando por um painel escuro. Cada painel estava iluminado.

— Idiota intrometido. — Ele murmurou.

O insulto feriu seus sentimentos. — Estou apenas tentando fazer o meu trabalho.

— Você não. Estou falando sobre Raff. Tudo está em ordem. — Apontou um dedo com garras para a esquerda. — Vê? Nada de errado ou mostraria nos monitores. — Dovis suspirou. — Ele enviou você aqui para mim.

Mari inclinou-se e colocou sua caixa de ferramentas no convés. — Por quê?

— Eu a tenho evitado.

— Eu sei.

— Você ainda está atraída por mim?

Ela inalou. Ele estava muito longe. Caminhou para frente até que apenas alguns metros os separaram e cheirou novamente. Seu perfume incrível encheu seu nariz e seu corpo respondeu rapidamente. — Sim.

— Você deveria se afastar.

Ela voltou para sua caixa de ferramentas. — Acho que deveria ir então. Eu me perguntei por que o computador não me alertou no segundo em que falhou.

— Mari?

Ela virou-se para encara-lo. — Sim?

— Como você tem estado?

Sinto sua falta. Ela não admitiria isso, no entanto. — Bem. Trabalhando.

— Estou ciente. Tenho acompanhado seus movimentos na nave. Você fez todos os reparos na lista que recebeu e agora está revisando coisas que ainda não estão agendadas há semanas.

— Nenhuma queixa significa que o Capitão Cathian me permitirá ficar na *The Vorge*. Não posso perder meu emprego. — Ainda a assustava pensar sobre o que poderia acontecer se ficasse sozinha.

— Ele não a despedirá. Harver nem sequer estava qualificado para o trabalho. Cathian descobriu quando ele se foi. Estava sempre baixando logs de reparo e tendo que consultá-los enquanto trabalhava. Quando perguntavam se sabia o que estava fazendo, dizia: *veremos se consigo fazer funcionar*. Isso não inspirava muita confiança. Você é excelente em consertar tudo. Cathian disse que teve sorte em tê-la tirado dos Teki. — Ele soltou um rosnado baixo. — Ele me ameaçou sobre incomodar você. Nara e eu brigamos com frequência, mas ela nunca disse que colocaria uma coleira de choque em mim. Sua posição aqui está segura. Mais do que a minha.

— Não acredito nisso.

— Apenas precisa de mais autoconfiança. Investiguei outros ataques de Raxis depois que nos atacaram. Você está ciente de que é a única mecânica que já encontrou uma correção para colocar os mecanismos ligados novamente? Todos os outros tripulantes que sobreviveram aos ataques, poucos como eram, tiveram que ser transportados para uma doca espacial por equipes de resgate. Você é brilhante, Mari.

O elogio a fez sorrir, mas desapareceu rapidamente. — Brilhante seria se tivesse encontrado uma solução que não me eletrocutasse. — Respondeu honestamente.

— Você conseguiu forçar nossos motores e salvou a *The Vorge* de ser abordada. Harver não teria se sacrificado pela tripulação. Você o fez. Cathian nunca a despedirá. Pare de tentar impressioná-lo o tempo todo. Não precisa trabalhar tão duro.

— Tentarei, mas está enraizado em mim depois de todos os anos com os Teki.

— Você não é mais uma escrava.

— Eu sei disso na minha cabeça, mas esse trabalho me mantém segura. Protegida. Isso é tudo no espaço. Humanos são capturados e vendidos. Meus pais me venderam porque eu valia muito dinheiro.

— Você sabe o que aconteceu com eles?

Ela balançou a cabeça. — Não. Nunca mais os vi.

— Quer que eu tente descobrir?

Ela pensou sobre isso, mas balançou a cabeça. — Não. Chorei por um longo tempo no meu beliche todas as noites esperando que voltassem para dizer que cometeram um erro me vendendo. Finalmente percebi que não fariam isso comigo se realmente se importassem. Tive muito tempo para pensar a respeito. Não quero vê-los novamente. Nem quero saber se estão vivos ou não.

Dovis assentiu. — Compreendo. Nós temos isso em comum. Meus pais fugiram da nossa aldeia depois de me deixarem para morrer. Nunca os procurei ou questionei o que aconteceu com eles.

— Às vezes me pergunto se meus pais tiveram mais filhos. Você já pensou nisso? Quer saber se tem irmãos?

Ele balançou sua cabeça. — Qualquer irmão que eu tenha provavelmente me rejeitaria. E se nasceram como humanos, duvido que

tiveram a sorte de encontrar alguém como Taznia. Apenas me irritaria saber que meus pais mataram outras crianças.

— Você não pode saber com certeza. Sabe, sobre a parte de evasão. Talvez eles não sejam como seus pais. Tento ser justa. Tenho certeza de que existem humanos por aí que nunca venderiam seus filhos. Não posso ver Nara fazendo isso. Eu com certeza não.

— A única Amarai que me mostrou carinho foi uma mulher idosa que não tinha mais ninguém. Costumava me dizer o quanto era solitária antes do dia do meu nascimento.

— Fico feliz por ela tê-lo salvado.

— Eu também.

Assentiu. — Acho que deveria ir. — Inclinou-se para pegar sua caixa de ferramentas.

— Não vá...

Ela se endireitou olhando para ele cautelosamente.

Dovis aproximou-se devagar. — Você está irritada comigo? Sente como se eu me aproveitasse de sua atração por mim?

— Não. Claro que não.

Ele parou de prosseguir. — Você só está atraída por mim, por causa das substâncias no meu DNA. Não posso permitir que o androide médico

execute muitos testes. Porque se a notícia chegue a Amarai de que a mordi, eles contratariam caçadores de recompensa para me matar, no mínimo.

— Compreendo. Quer dizer, sobre eles quererem matá-lo. Que você precisa manter isso em segredo. Apenas queria que parasse de me evitar. Não sei porque faz isso.

— Para nos impedir de acabar em sua cama novamente.

Isso doeu. — Ah! Foi tão terrível para você? Acha que sou feia? Os Teki acham a aparência dos seres humanos horríveis.

— Não! Você é linda, Mari.

Sua respiração congelou no peito por alguns segundos. — Realmente acha isso?

— Eu sei que é. Acho difícil não a tocar. Sempre sinto desejo quando você está perto.

Ela sorriu, feliz em ouvi-lo dizer aquelas palavras. — Obrigada. Acho você atraente também.

Ele bufou. — Mesmo assim?

Assentiu.

— Eu a machucaria se a tocasse nesta forma.

— Você tem certeza?

Sentiu-se corajosa e aproximou. Ele se manteve firme, sem se afastar. Ela estendeu a mão e colocou-as em seu peito quando parou em sua frente. Os dentes eram um pouco assustadores. Havia dois lados para Dovis, no entanto. Ainda era o mesmo homem que a beijou e tocou. Dormiu na cama dela.

— Por favor, não, Mari. Você nunca deve me tocar quando estiver assim. É muito tentador para mim.

Em vez disso, moveu a mão pelo peito dele, em seguida, a estendeu suavemente acariciou o lado de seu rosto. A pele era grossa e macia. Seu focinho se abaixou tornando mais fácil olhar profundamente em seus olhos negros. Seu cheiro fazia coisas maravilhosas em seu corpo. Poderia mordê-la, que não se importaria. Lembranças do que fez com ela estavam frescas em sua mente, sonhava com ele desde então.

— Eu não tenho medo de você me machucar.

— Deveria.

— Vou beijá-lo. — Ficou na ponta dos pés tentando alcançá-lo. Poderia ficar estranho e ela não tinha certeza de como o focinho e os lábios se tocariam, mas estava disposta a tentar.

Ele virou a cabeça agarrando seus quadris com as mãos e ela sentiu as pontas de suas garras cravando em sua roupa. Não havia dor, no entanto. Ele a ergueu e virou, dando alguns passos antes de deixá-la de pé. Soltou ela rapidamente, virando e a inclinando sobre um dos painéis. A superfície plana semelhante a uma mesa encostou em seu abdômen.

Ela ofegou quando ele a prendeu lá, seu corpo maior pressionando contra suas costas. Ele abaixou o focinho, cheirando seu pescoço... e então suas presas roçaram a pele. Um rosnado baixo soou.

Seu corpo ficou louco. Seus mamilos duros, seu estômago tinha borboletas zumbindo por toda parte e o pulsar entre suas pernas era mais forte do que nunca.

Dovis ajustou seu aperto, suas garras levemente puxando os lados de sua calça. Ele não a machucava, seu toque era gentil.

—Droga, Mari! Você deveria ter corrido enquanto teve a chance.

Estendeu a mão rasgando a camisa dela no ombro e a mordeu.

Um choque de dor a percorreu por uma fração de segundo, então tornou-se puro prazer. Ela gemeu, apoiando os braços no painel. Calor explodiu através dela, como se estivesse com febre. Seu corpo reagiu ainda mais forte, até que gemeu de necessidade. Empurrou sua bunda contra ele.

Dovis abaixou a calça, prendendo com as garras para fazê-lo. Ele não cortou sua pele, as pontas afiadas pareciam mais como uma carícia. Manteve suas presas no ombro dela, apoiou a parte inferior do corpo por um segundo, mas depois empurrou-a para prendê-la no lugar mais uma vez. Suas botas deslizaram entre seus pés e esbarrando em seu tornozelo. Ela entendeu abrindo as pernas ainda mais.

Ele envolveu um de seus braços ao redor de sua cintura a erguendo mais alto, até que ela se deitou em cima da superfície a sua frente. Seus pés já não

tocavam o chão e Dovis estava inclinado sobre ela, impedindo-a de escorregar.

Estava molhada e dolorida. Dovis parecia saber, porque um segundo depois seu pau grosso empurrou contra seu sexo e ela gritou quando entrou completamente. Seu pau estava duro e quente. Ela quase gozou nesse momento. Era muito bom.

Começou a empurrar rápido, fodendo-a ferozmente.

Dovis a fazia sentir coisas que nunca sentiu antes. Bateu contra sua bunda e rosnou, suas presas ainda estavam em seu ombro. Um flash ofuscante de êxtase explodiu através de seu corpo e Mari gritou seu nome.

Ele soltou o ombro dela, inclinou a cabeça para trás e uivou.

Sentiu seus quadris se moverem, seu pau bombeando nela enquanto mais calor a enchia. Outra onda de prazer percorreu seu corpo e ela desabou, ofegante, tentando recuperar o fôlego. Quase desmaiou de pura felicidade.

— Foda-se... — Dovis relaxou. Então lambeu o seu ombro. —Droga. — Seu corpo afastou-se dela e tirou seu pau. — Eu a machuquei?

Ela sorriu, sem ter forças de levantar a cabeça depois do que acabou de experimentar. O painel estava frio contra sua bochecha. — Não.

Ele a ajudou a deslizar até que seus pés tocassem no chão novamente e suas mãos eram suaves enquanto tentava puxá-la para uma posição de pé. Seus joelhos não queriam segurar seu peso. Dovis levantou-a nos braços,

levando-a para o banco mais próximo. Gentilmente a colocou no chão, tentando puxar a calça rasgada ao mesmo tempo.

Mari notou que ele estava com pelos quando se agachou na frente dela. Preocupação enchia seus olhos quando encontrou seu olhar, então suas mãos estavam sobre ela, empurrando sua camisa para verificar seu abdômen e quadris.

— Você ficará com hematomas.

— Estou bem.

Ele soltou um som baixo e estrondoso. — Você está se curando rapidamente. Mas eu perdi o controle. Não deveria tê-la tomado desse jeito. Sinto muito.

Ela sorriu, sentindo-se fantástica. Era como se tivesse caído de uma escada enquanto trabalhava e os médicos lhe deram uma injeção para dor. Ela se sentia tonta e boba. — Não se desculpe. Amei cada segundo do que aconteceu entre nós.

Inclinou-se para frente, olhando profundamente em seus olhos. — Você está bêbada.

— É uma coisa boa. Por favor, não se desculpe. Podemos fazer novamente?

Inclinou-se ainda mais perto apoiando a testa na dela e fechando os olhos. — Não diga isso, Mari.

— Ainda estou molhada. — Ela apontou entre as pernas. — Encharcada.

— Isso é de nós dois. — Ele sussurrou. — Você estava muito excitada e esvaziei minha semente dentro de você. Vou levá-la ao seu quarto e ajudá-la a se limpar.

Capítulo 9

Mari acordou sozinha em sua cama. Lembrou-se de Dovis levando-a para o quarto e tirando a roupa, depois tomando banho com ela. Suas pernas estavam fracas por algum motivo e sentiu dificuldades para ficar de pé sem a ajuda dele. Levou-a para a cama depois, e deitou-se ao seu lado. Ele a segurou para ter certeza de que ficasse bem até adormecer. Tinha certeza de que ficou a noite inteira.

Ela sentou-se e verificou a hora, amaldiçoando. Seu turno começou há uma hora!

O medo a percorreu rapidamente, poderia se meter em encrencas. Ela nunca se atrasou.

Mari fez uma corrida louca para o armário e pegou uma roupa.

A porta de seu quarto se abriu e ela ofegou, virando para encarar quem quer que tivesse entrado.

Dovis entrou carregando uma bandeja de comida. Ele estava de volta a outra forma. Lembrou-se que na noite passada, ficou assim enquanto caminhava do comando para seu quarto. Eles não encontraram ninguém, mas poderiam.

— Como você está se sentindo, Mari?

— Estou bem, mas perdi a hora. Estou atrasada para o trabalho!

— Você não está. Eu disse a Cathian que tirará o um dia de folga.

Ela ficou boquiaberta, atordoada.

— Está tudo bem, Mari. Eu disse que ele não a demitirá. O tempo livre é permitido e incentivado. — Caminhou até a mesa de café para colocar a bandeja. — Venha comer. Como está se sentindo?

— Você já me perguntou isso e minha resposta foi honesta.

— Estou apenas preocupado. Fui rude com você. — Seu olhar percorreu seu corpo quando se aproximou dela. — Sem contusões. Vire-se.

Hesitou, mas depois fez o que pediu. Suas bochechas coraram estando parada ali totalmente nua para o seu olhar. Nem mesmo os Teki quiseram vê-la desse jeito. Ela olhou por cima do ombro para ele, observando-o inspecioná-la.

— Bem. Você tinha algumas marcas vermelhas aqui das minhas garras. — Seus dedos peludos roçaram seu quadril. — Elas foram embora. Vire-se novamente.

Ela o fez.

Moveu seus longos cabelos, inspecionando onde mordeu. — Tudo curado e sem cicatriz. — Afastou. — Pedi outra calça para substituir a que rasguei. Os Pods deixaram de fora do quarto em breve. Coma. Tire hoje de folga... então me evite a partir de agora, Mari. É o melhor. Lidarei com Raff

para ter certeza de que ele não nos deixe sozinhos novamente. Confie no computador para avisá-la quando houver um reparo a ser feito, não nele.

Então se virou andando em direção à porta.

Dor a percorreu. — É isso? Fingiremos que não aconteceu novamente?

Ele parou, mas ficou de costas para ela. — Poderia tê-la machucado, Mari. Provavelmente o fiz, mas você estava drogada demais com a minha mordida para sentir qualquer coisa além de prazer. Fico grato por não ter sofrido ferimentos duradouros.

— Você se arriscou a encontrar a tripulação quando me trouxe de volta para o quarto. Estava em forma humana.

Ele permaneceu em silêncio.

— A ideia de estar comigo é tão ruim assim? É por que era uma escrava? Por que sou humana? O quê?

Ele se virou lentamente, os olhos negros e intensos. — Machos como eu não tomam companheiras. Nós nem deveríamos sobreviver até a idade adulta. Nada sobre isso é justo para você, Mari. Sinto como se a estivesse forçando a ficar comigo. Mantive minhas presas dentro do seu ombro enquanto a fodia, sabendo que isso faria com que se rendesse à minha luxúria. E o fez. Eu sou um idiota.

Ela repetiu suas palavras, tentando dar sentido a elas. — Eu não estou reclamando.

— Deveria! Fique com raiva, Mari. Você merece sentir essa emoção.

Andou até ele. Ele afastou, mas não teve muito para onde ir antes de bater em uma parede.

Ela apontou o dedo em seu peito. — Não me diga o que sentir ou pensar, Dovis!

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Está me confundindo com essa rotina quente e fria. Agindo como se você se arrependesse do que aconteceu no comando na noite passada, mas depois me traz o café da manhã. Você me quer ou não?

Ele demorou muito para responder. — Eu quero você, Mari. Não tenho certeza se você realmente me quer ou se é porque a mordi. E se isso se desgastar completamente e acabar me odiando? Evitando meu toque?

Ela pensou sobre isso. — Você me afastou por duas semanas e quer saber o que aconteceu?

— O quê?

— Senti sua falta. Pensei em você o tempo todo. Continuei esperando encontrá-lo enquanto trabalhava em reparos ao redor da *The Vorge*. Então me senti decepcionada quando não o encontrei. Não foi porque estava muito perto de você e seu cheiro me deixou excitada. E não foi porque o seu DNA ainda estava dentro de mim. O Capitão me testou há uma semana e não foram encontrados vestígios. Eu me senti assim por mim mesma.

Ele pareceu surpreso com a sua confissão.

— Não sei nada sobre relacionamentos ou homens... nada. Você foi meu primeiro. Eu sei que mesmo sem você perto para fazer meu corpo ficar louco por seu cheiro, queria que estivesse. Foi assim. Entendo que quando você me mordeu, seu DNA entrou em mim..., mas é uma parte sua. Quem é você. O que você é.

— O que está dizendo?

Ela pensou que foi clara e sua frustração aumentou. — Pare de se desculpar e me evitar! Eu quero isso, seja o que for. Estou bem com o efeito que sua mordida tem em mim. Mais que isso. É maravilhoso e incrível quando estamos juntos.

Ele parecia ainda mais chocado, a boca aberta.

— Eu não me lembro da Terra. Minhas lembranças mais jovens era viver em uma grande nave de transporte com meus pais e muitos outros alienígenas. Então fui vendida aos Teki. Todos os tipos de alienígenas apareciam para ter suas naves consertadas. Diferente é o meu normal, Dovis. Entende? Avisou-me sobre o que esperar, disse por que me sentia daquela maneira e aceitei isso. Ainda o faço. Gostaria de conhecê-lo e passarmos um tempo juntos. Mesmo que nunca sintamos algo mais profundo e acabemos fazendo sexo um pouco mais. Isso não é algo ruim. É maravilhoso quando você me toca.

— Você não quer dizer isso.

— Quero. Agora, estou doendo por você. Eu sei que é porque estamos tão perto e posso sentir seu cheiro. É uma reação física ao que quer que sua

mordida faça... mas observe isso. — Ela se virou e atravessou o quarto em direção à parte mais distante e encarou-o. Longos minutos se passaram. — Não posso sentir seu cheiro daqui. Adivinha? Ainda quero que fique. Seria tão ruim se parasse de colocar distância entre nós e deixássemos isso acontecer?

— Poderia acasalar com você por acidente se continuar mordendo-a. Mari, não sou como outros Amarai. Não tenho certeza do que acontecerá. Você ficaria comigo pelo resto da vida.

— Isso deveria me assustar? Não o faz.

— Deveria!

— Você odeia a ideia de se tornar meu companheiro?

— Não. E é por isso que você deveria me querer longe.

Ela balançou a cabeça. — Isso não me assusta e não pedirei para ir embora. Veja o que você fez na noite passada.

— Eu a ataquei na sala de comando.

— Fizemos sexo incrível e então você me trouxe para o quarto e cuidou de mim enquanto eu me recuperava. Esta manhã, me deu o dia de folga e até trouxe o café. Isso é incrível. Ninguém nunca foi tão bom para mim.

— Você não tem expectativas.

— Eu sei do que gosto, Dovis. É você.

Ele se afastou da parede. —Droga, Mari! Não me tente. Você deveria vestir as roupas.

— Por quê? Prefiro que você tire as suas.

Longos minutos se passaram... antes que ele suspirasse, lentamente alcançando sua camisa. — Eu não posso resistir a você. Por favor, não se arrependa disso.

— Não vou.

Ele rasgou sua camisa, revelando muita pele e músculos. — Coma primeiro. Eu insisto.

— Vai compartilhar comigo?

— Eu já comi.

— Tudo bem. — Sabia sobre compromisso. Sentou-se ao lado da mesa e comeu. Dovis tirou as roupas e caminhou até a cama deitando-se. Ela ficou aliviada. Ele ficaria... por enquanto.

— Nós deveríamos dormir no meu quarto está noite. Eu tenho uma cama maior.

Ela sorriu. — Isso é bom para mim. Fico feliz que você esteja pensando em me deixar dormir com você. Eu gosto.

— Eu também. — Ele fez uma pausa. — Isso é loucura, Mari. Você sabe disso, certo? Somos muito diferentes.

Ela se levantou, não mais com fome e foi até a cama. Ele parecia tão incrivelmente sexy em sua forma humana. Silenciosamente admitiu que gostava mais dele daquele jeito, podia se aconchegar assim. Lábios significavam que ela poderia beijá-lo. E fez exatamente isso quando se deitou ao seu lado, sua boca indo para a dele.

Não hesitou em rolar, prendendo-a debaixo dele e assumindo. Ela gemeu contra sua língua.

Ele parou o beijo, indo para o pescoço dela. — Não vou mordê-la. Não me arriscarei feri-la com as garras ou presas.

— Tudo o que o fizer sentir-se mais confortável.

Ele sorriu e ergueu a cabeça, olhando-a. — Seja honesta. Não a incomodou quando a inclinei e a tomei na outra forma, com pelos?

— Não.

Ele ajustou seu corpo, seu pau duro roçando contra ela. — Eu não mereço você, Mari.

— Pare de falar se apenas dirá coisas negativas sobre estarmos juntos.

Beijou-a novamente e ela inalou seu cheiro, amando o jeito que seu corpo parecia não conseguir o suficiente dele. Ele podia ver isso como algo ruim, mas nunca se sentiu tão viva em sua vida. Antes, simplesmente existiu e sobreviveu.

Dovis estava rapidamente se tornando algo maravilhoso e certo para ela. O como ou o porquê não importava. Sua biologia ou o que quer que fosse chamado era algo pelo qual se sentia grata.

Abriu as pernas e se moveu até que ele ficou sobre ela. Era natural envolver as pernas e os braços ao redor do corpo forte dele. Pareceu perfeito quando dirigiu o pênis para o seu corpo. Eles eram incríveis juntos.



Dovis saiu da cama e deixou Mari dormindo. Poderia ter dado a ela o dia de folga, mas ele precisava trabalhar no turno da noite. Usou o banheiro dela e voltou para a forma com pelos depois, vestiu seu uniforme.

Ele foi até a sala de comando e acenou para York. O macho levantou-se, esticou-se e deu-lhe o controle da nave. — Eu não posso acreditar que estamos transportando animais de estimação. — Resmungou York.

Dovis concordou. — Essa missão vai ser uma merda.

— Deve bater as outras coisas que tivemos que fazer para os tryleskianos.

— Verdade.

York saiu... então parou, olhando para ele com uma careta.

— O quê?

— Você parece mais relaxado e menos irritado do que o normal. O que está acontecendo?

Dovis hesitou, sem ter certeza se deveria responder.

— Você se esgueirou para a estação sem mim? O bordel tinha algumas boas mulheres. Eu fui capaz de transar. Eles tinham uma Parri ali. — Ele sorriu. — Ela era mais velha, mas não importava. Amarrou-me e usou meu corpo.

Isso surpreendeu Dovis. — Ela o amarrou?

York assentiu. — As fêmeas Parri são dominantes com os machos em todos os momentos.

— Eu não sabia disso.

— Eu costumava odiar, mas depois de passar alguns anos na *The Vorge*, foi legal. Elas gostam de ter controle. Apenas tive que ficar ali e me manter duro para ela. Fácil de fazer, desde que fazia muito tempo que não transava.

— Fico feliz por você.

York inclinou a cabeça, estudando-o novamente.

Dovis suspirou e soube que seu amigo não iria embora. — Mari e eu... — Ele começou.

— O quê? — A boca de York se abriu e seus olhos se arregalaram.

— Não grite.

— Você e Mari estão juntos? Ela é humana. E uma pequena coisa. Que merda?

— Acabou de acontecer. Estamos juntos agora.

York chegou mais perto. — Detalhes, cara. — Exigiu. — Conte todos eles. Como? Quando? Por quê? Ouvi centenas de vezes você falando que Cathian é louco por se acasalar com uma humana. Acha que elas são todas muito fracas e suaves. Acho Mari gostosa, mas, ela é pequena demais. Eu a machucaria. — Ele olhou para Dovis. — Como isso funciona, cara? Você pode beijá-la com esse focinho?

Dovis suspirou. — Não me faça me arrepender de ter contado a você. Não vou compartilhar os detalhes do meu relacionamento com Mari. Apenas não o deixarei se aproximar dela para fazer sexo ou baterei em você. E não queria que agisse estranho quando nos visse juntos. Tende a fazer um grande negócio com as coisas e fica bem alto.

— Cathian sabe?

Ele balançou sua cabeça. — Ainda não. Eu não o vi.

York sorriu. — Você e a pequena Mari. Nunca teria imaginado que isso era possível. — De repente ele ficou sério. — Como você fez isso? Ela é tão tímida.

— Eu já disse, não vou responder suas perguntas. Apenas queria informá-lo desde que você mencionou um interesse nela quando se juntou à equipe. Mantenha seus lábios para si mesmo, York. Ela é minha.

Seu amigo assentiu. — Isso é uma vinculação ou está reivindicando-a?

Dovis hesitou.

— Ah, meu. Você partirá o coração dela, não é? Não acho que Mari goste de sexo casual.

Ele suspirou. — Estamos trabalhando nisso. Gostaria de acasalar com ela.

York sorriu novamente e abriu a boca.

Dovis o interrompeu antes que pudesse falar. — Não me provoque.

— Eu não o faria. Fico feliz por vocês dois. — Sua expressão caiu. — Merda. Isso significa que dois dos meus amigos estão tomados. Quem vai visitar bordéis comigo agora?

— Raff?

York estremeceu. — Não.

As portas da sala se abriram e Cathian entrou. — Apenas queria checar você, Dovis. Você não respondeu ao comunicador depois que falamos na última vez.

— Ele e Mari estão juntos. — York disse. — Juntos, como em se despir e coisas.

A boca de Cathian se abriu quando ele olhou para Dovis. — Isso é verdade?

Rosnou baixo olhando para York. — Eu queria ser o único a dizer a ele.

— York, saia. Não fofoque com a equipe. — Disse Cathian. — Isso é uma ordem.

York saiu rapidamente.

Cathian se aproximou franzindo a testa. — O que está acontecendo?

— York acabou de dizer. Mari e eu estamos juntos como um casal.

— Pensei que fossem evitar um ao outro? Que a atração por você desapareceu.

— É uma longa história.

— Eu tenho tempo. Nara entenderá porque não voltei para nosso quarto imediatamente.

Dovis rosnou baixo novamente. Cathian queria saber todos os detalhes e provavelmente temia que se aproveitasse de Mari. E entendia isso. Sentia-se da mesma forma, até que conversaram.

— Eu tenho sentimentos por Mari... e ela está ciente de tudo.

Cathian levantou uma sobrancelha.

— Tudo? — Dovis mudou de forma para a humana. — Viu meus dois lados. Contei a ela tudo sobre o meu passado. Eu até a informei que é possível acasalar por acidente com minha mordida. Está disposta a assumir o risco.

Ficou em silêncio esperando que seu melhor amigo explodisse de raiva.

Cathian o surpreendeu sorrindo. — Bom. Eu gosto de Mari. Trate-a bem.

— É tudo o que tem a dizer?

— Quero que você seja feliz, Dovis. Mari será uma boa companheira. Ela é leal e doce. Isso também significa que não terei que comprar uma coleira de choque e que Raff me ajude a derrubá-lo para colocá-la em você. Mari o terá pelas mãos se ela for sua companheira. — Sorriu. — Não vai querer assustá-la também. Todo instinto protetor dentro de você garantirá isso.

Dovis ficou de pé. — Nós não estamos acasalados ainda.

— Estou feliz que esteja com ela. — Cathian foi até ele e agarrou seus ombros com as duas mãos e deu-lhe um aperto. — Você está sozinho há muito tempo.

— Tenho medo de que ela se arrependa disso um dia. — Admitiu ele.

— Você disse que contou tudo a ela.

— Sim. Ela argumentou comigo por tentar evitá-la. Não é isso que quer. Não é o que eu quero também. Pela primeira vez na minha vida, espero ter uma companheira.

Cathian assentiu. — Nara mudou minha vida de muitas maneiras maravilhosas. Poderia ter isso com Mari. Ela precisa de você tanto quanto você dela.

Ele pensou sobre isso e relaxou ainda mais. — Eu já sei que morreria para protegê-la e mantê-la segura.

— Exatamente.

Dovis sorriu. — Aproveitarei o momento. Com tudo.

— Bom.

— Isso significar mudanças, no entanto.

— Claro que sim. Você terá uma companheira.

— Não foi isso que quis dizer. — Dovis respirou fundo e soltou o ar. — Vou precisar do seu apoio agora mais do que nunca.

— Estou aqui para você de qualquer maneira que precisar. Sempre.

Capítulo 10

Mari terminou seu turno e colocou sua caixa de ferramentas no armário de manutenção. Foi bom ter um dia de folga para passar com Dovis. Ele precisou trabalhar na noite passada, mas foi para ela naquela manhã para dizer que a veria depois de seu turno, quando acordasse. Durante todo o dia, enquanto trabalhava, imaginou ele em seu quarto dormindo. Eles trabalhavam em horas opostas, mas estava bem. Resolveriam isso.

Ele daria uma chance ao relacionamento deles. Era tudo o que importava. Naquela manhã, durante as comunicações, ele até afirmou essa intenção novamente.

Fechou o armário e se virou, um sorriso instantaneamente chegou aos seus lábios quando viu Dovis parado ali.

— Oi! Você está acordado.

— Eu não dormi.

Ela se aproximou dele. — Você está bem? — Seu estômago doeu. Ele mudou de ideia? Diria a ela que precisavam se evitar novamente? O pensamento a fez se sentir fisicamente doente.

Seus olhos negros não mostravam muita emoção. Nem seu rosto peludo. — Estava pensando.

— Não. — Ela parou na frente dele. — Você disse que nós poderíamos ficar juntos. Não o deixarei fazer isso. Nós conversamos. Concordamos! Nós nos daremos uma chance.

Ele estendeu a mão e suavemente agarrou seus braços. — Eu quero que você seja minha companheira.

A raiva e o pavor desapareceram substituídos pela surpresa. Não era isso que esperava que ele dissesse.

— Nenhuma incerteza. Eu quero que você se torne minha companheira. Acho que mordê-la pode fazer isso, mas se não, entrarei no cio daqui alguns meses. Talvez isso ajude. Há muita coisa que não sei sobre mim desde que sou diferente dos outros da minha raça. Descobriremos juntos como garantir nosso vínculo de união para nos unirmos fisicamente por toda a vida. Bem, se você estiver disposta... está Mari?

— Sim! — Ela não precisava pensar sobre isso. Estava oferecendo a ela um compromisso permanente. Seria dele. Ele seria dela. Lágrimas encheram seus olhos e precisou piscar.

— Tem certeza? Sei que isso foi rápido, então preciso que você tenha certeza. Eu não aguentaria se você concordasse e depois mudasse de ideia.

— Eu nunca estive mais segura, Dovis. Tudo sobre você é maravilhoso para mim. Não quero perdê-lo.

— Bom. — Sorriu. — Nós vamos trabalhar a parte física da ligação ao longo do tempo, mas você é minha companheira deste momento em diante. Certo?

— Sim! Sou sua. Você é meu.

— Graças a Deus... porque hoje enquanto você estava trabalhando, eu arrumei suas poucas coisas. Quero que fique comigo. Adicionei você ao acesso para o bloqueio do quarto. Agora é seu também.

— Ok. — A ideia de dormir com ele todas as noites, bem, as que ele não estivesse em seu turno, a deixou muito feliz. Eles trabalhariam todo o resto. Isso era o que os casais faziam. A parte mais importante era que ficariam juntos. Não se preocuparia em perdê-lo ou ele indo embora. Companheiros eram para a vida.

Começou a mudar de forma. Seu pelo sumiu juntamente com seu focinho. Suas garras nela se tornaram apenas dedos firmes. Ele sorriu quando terminou e se inclinou para frente roçando seus lábios. Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e aprofundou o beijo.

Ele rosnou e se soltou, respirando com dificuldade. — Pare ou a tomarei aqui mesmo.

— Faça. Eu quero você. — Ela respirou, pulsando em todos os lugares certos.

Sorriu. — Sempre me encorajando, Mari. Precisamos informar a tripulação que estamos juntos.

— Agora?

— Sim. Convoquei uma reunião na sala de jantar que começa em dez minutos. Quero dizer a todos eles ao mesmo tempo que você é minha.

Ela ficou um pouco surpresa. — Você passou de quente e frio para cem por cento comprometido. Posso perguntar por quê? Não que esteja reclamando. Não estou mesmo. Apenas curiosa, agora que o choque está passando.

— Hoje estive pensando em como seria a vida com e sem você. Por isso que não dormi. Decidi que quero tudo com você, Mari. Tudo. Não sei se podemos ter filhos juntos, mas espero que sim. Inferno, espero que eles sejam diferentes de mim ou Amarai. Sentirei vergonha do que sou por toda a minha vida... mas essa capacidade de mudar de forma foi o que tornou possível ser seu companheiro. Eu gosto de beijá-la com meus lábios e não ter que me preocupar com minhas garras cortando sua pele nesta forma enquanto faço amor com você. — Estendeu a mão e acariciou sua bochecha com a ponta do dedo. — Mas posso defendê-la e protegê-la melhor com a outra forma. Agora ambos os meus lados pertencem a você. Esse é o meu voto. Você é minha companheira.

Ela era sua companheira. Isso continuou circulando em sua mente e a felicidade explodiu dentro dela. — Eu o amo, Dovis. Quero que você saiba disso. Toda minha vida, tudo o que queria era alguém que se importasse comigo... mas você é mais. É tudo que nunca sonhei que encontraria. Eu faria qualquer coisa por você.

— Mari... — Ele abaixou e a beijou, um leve toque de seus lábios sobre os dela. Ele afastou e sorriu. — Você é meu coração. Vamos informar a tripulação. Quero que todos saibam que você é minha.

Ela assentiu, piscando mais lágrimas. — Você acha que eles aceitarão bem?

— Sim. Preciso admitir, eu já disse a York e Cathian que estávamos juntos. Apenas que não éramos companheiros. Eles me apoiaram. Todos o farão. Não se preocupe, Mari.

— Certo.

Ele a soltou e ofereceu seu braço. Ela o pegou e ele a levou em direção ao elevador. Estava esperando por eles e uma vez lá dentro, Mari o olhou com expectativa quando as portas se fecharam, levando-os para o nível da sala de jantar.

— O quê?

— Você ainda está na forma humana.

Ele sorriu. — Eu sei.

— Eu não entendo...

— Você verá. — Ele piscou. — Confia em mim?

— Claro. Você é meu companheiro.

— Eu amo ouvi-la dizer isso.

As portas se abriram e ele a conduziu para fora, segurando firme seu braço. Ela o seguiu, sentindo-se um pouco preocupada. Ele ainda não mudou de volta para a outra forma, nem mesmo quando as portas para a área de

jantar da nave se abriram. Ele continuou caminhando frente até que entraram.

Toda a tripulação estava reunida em várias mesas. Raff estava sentado sozinho de um lado. Midgel do outro. Os Pods sentavam-se com o Capitão Cathian e Nara. Marrow estava em uma mesa com York. Todos eles tinham bebidas.

Todos se viraram.

York deixou cair a bebida e ficou de pé num piscar de olhos, rosnando e mostrando as presas. — Quem é você? — Ele pegou a arma presa em seu quadril. — Fique longe dela!

Midgel ofegou e deslizou da cadeira, indo para baixo da mesa para se esconder.

A cadeira de Marrow caiu no chão enquanto se movia para ficar ao lado de York, levantando os punhos e preparando o corpo em posição de luta.

Raff tomou um gole de sua bebida e sorriu. Ele não disse uma palavra.

Os Pods apenas ficaram olhando para eles de suas cadeiras, mas estavam olhando para Dovis com uma curiosidade aberta. Nenhum deles demonstrava medo.

Cathian agarrou Nara e a puxou para seu colo quando ela tentou sair do caminho em caso de uma briga. Ele sorriu, olhando para Mari e Dovis. — É bom vê-lo, meu amigo.

— Você conhece esse imbecil? — York manteve a mão em sua arma. — Quem é ele, Capitão? Ele entrou quando estávamos na estação Grover? Ei, idiota, deixe Mari ir. Meu amigo arrancará seu lindo rosto se vê-lo de pé tão perto dela. Ele não é alguém para irritar.

Dovis riu. — Bonito? Você acha que eu tenho um rosto bonito? — Ele olhou para Mari. — Tenho?

— Lindo. — Ela corrigiu.

— Que merda é essa? — Resmungou York. — Você trocou Dovis por esse idiota? Vamos Mari. Dovis é muito melhor que isso... o que quer que ele seja. — Inclinou-se para Marrow, murmurando. — O que ele é? Você conhece a raça dele?

— Nunca vi um como ele antes. — Ela respondeu.

Raff ficou de pé.

— Agora você verá, invasor. Ele é um assassino. — Provocou York. — Conhece mil maneiras de matar sua bunda.

Raff se aproximou para encher a bebida e riu. — Essa é a merda mais engraçada. Eles não têm ideia. Midgel, saia do chão. Você está segura. — Raff atravessou a sala e retomou ao seu assento.

— Que merda está acontecendo? — York lançou um olhar para Raff. — Você conhece este alienígena?

Cathian continuou sorrindo. — Todos nós o conhecemos. Afaste-se York. Marrow. Está tudo bem.

— Eu não o conheço. — Sussurrou Nara.

Cathian beijou o alto de sua cabeça e a manteve em seu colo. — Sim, você conhece.

Mari se divertia. Ela se perguntou se eles descobririam por conta própria. Os Pods ficaram calados. Eles claramente sabiam, mas pareciam muito ocupados encarando Dovis para dizer qualquer coisa. Tinha certeza de que já sabiam que ele era um metamorfo, mas essa era a primeira vez que o viam sem pelos.

Dovis finalmente falou novamente. — Sente seu grande rabo azul, York. Você ainda está pensando em qual boca de Teki beijar?

A boca de York se abriu e seus olhos se arregalaram. — Como você ... — Ele ficou quieto, franziu a testa e observou Dovis.

— Eu sei que estava interessado em Mari. — Dovis balançou a cabeça. — Mas não a terá. Ela é minha.

York tropeçou para trás, bateu em uma mesa e seu traseiro caiu contra a superfície. — Dovis? Que droga, cara? Isso é você?

Marrow oscilou em seus pés um pouco, pálida. — O quê? Isso não pode ser ele.

Dovis olhou para ela. — Nunca teria dado um soco em seu braço se não tivesse tentado pegar meu pau. Agora espero que nunca tente novamente. — Ele olhou ao redor. — Queria que todos soubessem que Mari concordou em ser minha companheira. Imaginei que se contasse desta

forma, em vez da outra, evitaria algumas perguntas estranhas sobre nossa vida sexual.

Marrow ficou de joelhos no chão, boquiaberta olhando para Dovis. — De jeito nenhum! Metamorfo? Como não sabíamos?

Midgel saiu de debaixo da mesa e voltou a sentar-se. Ela cruzou os braços e seus bigodes se contorceram, mas não disse nada.

— Sempre nos perguntamos sobre sua aparência. — Afirmou Um. — Não tínhamos certeza do que a ideia de atraente de Mari era até agora. Pensou muito em você quando revelou esse seu lado. Ela gosta de beijar muito essa boca.

— Parabéns pelo acasalamento. — Disse Três. — Mari é a mulher certa.

— Pare de duvidar dela, Dovis. — Acrescentou Dois. — Ela não mudará de ideia.

— Como, merda? — York se levantou e atravessou a sala, parando bem na frente de Dovis. — É você mesmo? É um metamorfo?

— Sim. Sempre foi um segredo, mas vocês são minha equipe. Minha família.

York estendeu as mãos e gentilmente segurou Dovis pelo rosto, inclinando-se para ver melhor.

— Não o beije. — Gritou Raff. — Ele vai crescer esse focinho em cerca de três segundos e fará você se arrepender.

York o soltou e olhou para trás. — Eu não o beijaria, idiota. Estou apenas em choque. — Olhou para Dovis. —Droga. Você é lindo cara! Por que não me contou?

— É uma longa história, mas pretendo compartilhar com vocês. Mas vamos tomar uma bebida.

— Nós temos muitos disso aqui. — Lembrou Cathian. — Vamos. Todos devem se sentar. Estou tão feliz por vocês dois. Mari e Dovis sendo companheiros! Midgel, sirva o casal feliz, por favor.

— Eu estou nisso. — Midgel apressou-se.



Dovis sentiu que tudo correu melhor do que o esperado quando revelou a verdade a sua tripulação. Levou Mari para a mesa onde o Capitão estava sentado e ajudou-a sentar-se antes ficar ao seu lado. Segurou sua mão e levou-a aos lábios, beijando-a. Ela sorriu parecendo feliz. Ele poderia se relacionar.

— Realmente é um lobisomem. — Nara murmurou. — Eles existem! Eu aprendo algo novo no espaço o tempo todo.

Mari olhou para ela. — O que é um lobisomem?

Nara apontou para Dovis. — Ele. É um lobo assustador que pode se transformar em um homem gostoso. — Ela sorriu então. — É tão incrível

que vocês dois estejam acasalados. Isso significa que a manteremos para sempre, já que Dovis e Cathian são melhores amigos.

Dovis se inclinou para Mari. — Ela é minha e ficarei com ela para sempre.

Sua companheira acariciou seu rosto. — Para sempre parece perfeito.

Amava o seu toque e o olhar em seus olhos. Ele tinha uma companheira linda. Ela era a coisa mais maravilhosa que já aconteceu em sua vida. Olhou para sua tripulação. Eles eram sua família.

Sua vida já foi preenchida com a solidão, mas não mais. Toda a raiva e ressentimento que nutria desde a infância desapareceram de sua alma. Mari e sua família curaram essas feridas em seu coração.

O amor podia fazer isso.

NÃO É O FIM. EM SEGUIDA, YORK.

LANÇAMENTO ESPECIAL HALLOWEEN 2018!



Esperamos que tenha gostado desta aventura sobrenatural!

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores favoritos, se estiver dentro de suas possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não poderíamos desfrutar de todas essas histórias maravilhosas.

Não distribua nossas traduções abertamente na internet, respeite nosso trabalho voluntário.